

A VIDA NO REICH

Entre o entusiasmo e o medo, o dia a dia das famílias alemãs sob o domínio nazista







A VIDA NO REICH

PAUL ROLAND

Ediouro Publicações de Lazer e Cultura Ltda.
Rio de Janeiro, 2015



A VIDA NO REICH



Comitê Executivo *Ediouro Publicações Ltda.*

Jorge Carneiro e Rogério Ventura

Coordenação Editorial

Daniel Stycer

Edição

Dirley Fernandes

Assistência de edição

Vinicius Palermo

Direção de Arte

Sidney Ferreira

Pesquisa iconográfica

Paloma Brito

Tradução

Carlos Eduardo Mattos, Samantha Nastacci e Davi Figueiredo de Sá

Revisão

Ricardo Jensen de Oliveira

Assistência de Produção

Raquel Souza

Produção de ebook

[S2 Books](#)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou

arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais

Copyright © Arcturus Publishing Limited
Ediouro Publicações Ltda.

Rua Nova Jerusalém, 345

CEP: 21042-235

Rio de Janeiro – RJ

Tel. (21) 3992-8200

www.ediouro.com.br

www.historiaviva.com.br

facebook.com.br/historiaviva



[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Prefácio. O peso do passado](#)

[Capítulo 1. O pior dos tempos](#)

[Capítulo 2. A nova ordem](#)

[Capítulo 3. O mito da raça superior](#)

[Capítulo 4. Vivendo com o inimigo](#)

Capítulo 5. Dias de tempestade

Capítulo 6. As testemunhas

Epílogo

Quarta capa



O PESO DO PASSADO

Quando os Aliados ocuparam uma Alemanha vencida na primavera de 1945, eles partilhavam o desejo de punir todos os líderes nazistas e seus seguidores, os quais haviam trazido tanto sofrimento e destruição ao mundo durante os cinco longos anos da guerra recém-terminada. Esse sentimento era mais forte entre os russos, que sabiam ter sofrido mais do que ninguém a bárbara crueldade desenvolvida pelas forças de Hitler em sua cruzada para subjugar os povos eslavos e erradicar da Europa oriental a praga do comunismo.

O problema era que a tarefa de identificar os nazistas de médio e baixo escalão, depois que eles se livravam de seus uniformes, destruíam todos os documentos incriminadores e mergulhavam no caos de uma sociedade em desagregação, era das mais complexas. Na confusão reinante, a dúvida trabalhava contra todo alemão: a justiça era dura, imediata e, com frequência, aplicada sem nenhum processo legal por soldados esgotados pela luta e privados de sono – condições que colaboravam para que eles se mostrassem impiedosos e sem nenhum respeito pelos princípios da Convenção de Genebra. Há relatos sobre oficiais nazistas capturados, que perguntavam serenamente onde seriam alojados e eram deliberadamente orientados a seguir na direção de patrulhas que tinham instruções de disparar sem aviso contra soldados inimigos.

Oficiais aliados de alta patente haviam elaborado seus próprios meios de distinguir simpatizantes nazistas da população comum. Eles estavam confiantes de que, se fossem abordados por funcionários públicos ansiosos por assegurar a seus libertadores que não haviam sido nazistas leais, podiam ter certeza de que tinham identificado justamente os nazistas que estavam procurando e os trancafiavam de imediato.

Ainda que Hitler, Himmler e Goebbels tivessem, todos eles, cometido suicídio nos dias finais da guerra e muitos oficiais superiores da SS tivessem fugido da Justiça para a América do Sul pelas chamadas *ratlines* (linhas de ratos) do Vaticano, os Aliados tiveram algum sucesso em encaminhar à justiça formal aqueles que consideraram responsáveis por “cometer crimes contra a paz e crimes de guerra” e por iniciar “crimes contra a humanidade”. Em novembro de 1945, eles colocaram 22 dos mais notórios membros da liderança nazista em julgamento público em Nuremberg, entre os quais Hermann Goering, Rudolf Hess, Joachim von Ribbentrop e Albert Speer. Martin Bormann, secretário particular de Hitler, foi julgado e condenado *in absentia*. Sua sorte foi objeto de muita especulação por quase três décadas, até que seus despojos foram descobertos perto do bunker de Hitler em Berlim, em 1972, e formalmente identificados por meio de testes genéticos em 1998. O 23º acusado, Robert Ley, tirou a própria vida antes de o julgamento começar.



Soldados russos em salva de tiros em honra da vitória (Berlim, 1945)



Prisioneiros alemães capturados pelos soviéticos em Berlim, em 1945

Por trás da cena, o processo judicial fora marcado por uma série de ruidosas e inconvenientes querelas entre os soviéticos e seus ex-aliados, que discordavam em muitos detalhes significativos. Em linhas gerais, porém, havia a crença de que a justiça fora feita e, ainda mais importante, fora vista sendo feita. Na época em que ocorreram julgamentos subsequentes de importantes juízes nazistas, membros da SS, cerca de uma dúzia de médicos de campos de extermínio e das mais sádicas guardas de mulheres dos campos de concentração, a vontade de levar aos tribunais um inimigo vencido tinha dado lugar ao desejo de construir da melhor maneira possível uma paz que fora tão duramente conquistada e a um custo tão alto.

Os alemães que viviam no oeste de seu país dividido eram naquele momento aliados das democracias europeias, que já estavam firmemente engajadas na nascente Guerra Fria contra o bloco comunista. A presença soviética no leste da Alemanha e particularmente numa Berlim dividida era vista como uma ameaça real e imediata à paz mundial. Consequentemente, a caça aos nazistas foi relegada a amadores como Simon Wiesenthal, um

sobrevivente do Holocausto decidido a não deixar o mundo esquecer que homens como o dr. Josef Mengele e Adolf Eichmann ainda estavam à solta.

Os homens e mulheres de farda estavam impacientes para voltar para casa e prosseguir com sua vida e havia um anseio pelo esquecimento, uma necessidade de deixar o horror no passado. De fato, aquele passado parecia subitamente distante. Além disso, existia um sério risco em presumir uma “culpa coletiva”, quando até mesmo os tribunais de desnazificação haviam identificado três níveis de ofensas, distinguindo entre a liderança, que seria processada por “travar uma guerra de agressão”, seus subordinados acusados de crimes de guerra e, em contraposição, aqueles considerados meros “seguidores”, que tinham poucas probabilidades de ir a julgamento. O processo de desnazificação foi considerado tão amplo e complexo que o general Eisenhower estimou que seriam necessários 50 anos para expurgar da Alemanha a ideologia nazista.

No entanto, a infraestrutura e a administração da Alemanha estavam em ruínas, de modo que o pragmatismo e a *realpolitik* ganharam prioridade. Em 1945, 8 milhões e meio de alemães – mais de 10% da população – ainda eram membros registrados do Partido Nazista, com destaque para a participação de funcionários públicos, advogados e professores. Como esses indivíduos eram necessários para cuidar dos serviços básicos, seu passado foi frequentemente desconsiderado. Na década de 1950, havia estimativas de que 60% dos funcionários públicos da Baviera eram reconhecidamente antigos nazistas, mas foi apenas a partir dos anos 1960 que as gerações mais jovens começaram a fazer perguntas embaraçosas sobre seus pais e a questionar a complacência do governo de Konrad Adenauer com o encaminhamento à Justiça dos criminosos de guerra nos primeiros anos do pós-guerra.

O cerne da questão era que a Alemanha de Hitler não se compunha de fanáticos irredutíveis, com uma pequena minoria ativa ou passivamente contrária ao regime (estes últimos justificavam seu fracasso em agir alegando que praticaram uma espécie de “emigração interna”, um tipo de atitude ultrasserena, porém pouco colaborativa; a expressão foi cunhada pelo escritor satírico alemão Erich Kastner).

Mesmo entre os mais devotos seguidores, havia aqueles que “tinham suas razões” para se converter à causa. A jovem de 15 anos Hilde Schlegel juntou-se aos nazistas depois de ter comparecido a um evento organizado pelo partido durante o qual ela provou biscoitos amanteigados pela

primeira vez e consequentemente acreditou que Hitler garantiria uma qualidade de vida melhor para os mais humildes. Alguns ingressaram por interesse próprio, buscando promoções; outros, pelas razões frequentemente mencionadas pelos historiadores – a crença de que o nacional-socialismo traria estabilidade política, prosperidade, emprego e o retorno de territórios perdidos após o odiado Tratado de Versalhes. No entanto, o que um mergulho na vida cotidiana da Alemanha daqueles anos comprova é que uma considerável proporção dos cidadãos testemunhou impassível o mergulho do país numa ditadura simplesmente por acreditar ser impotente para impedi-lo – sem falar nos muitos que não conseguiram ver o perigo, até que fosse tarde demais.

KEYSTONE-FRANCE PICTURES



Ocupação aliada em Berlim



O PIOR DOS TEMPOS

DEPOIS DE 1918, A VIDA EM UM PAÍS DERROTADO

Os nazistas não atraíram seus apoiadores iniciais por meio de argumentos políticos persuasivos nem por um apelo a seus ideais e aspirações, mas simplesmente por lhes prometer atender a suas necessidades imediatas e fundamentais: trabalho e pão. Muitos dos que votaram neles nos anos 1920 e até mesmo alguns entre os que se juntaram a suas fileiras e marcharam sob suas bandeiras durante esses primeiros dias da “luta” acreditavam sincera e ingenuamente que o nacional-socialismo oferecia a única oposição digna de crédito ao bolchevismo.

Nem todos os primeiros seguidores de Hitler compartilhavam seu violento antissemitismo, ou subscreviam os elementos mais fantasiosos da ideologia romântica e pseudofolclórica do partido, que declarava que os alemães eram descendentes de uma raça de senhores ariana e estavam destinados a dominar as nações inferiores.

Imediatamente após a derrota, em novembro de 1918, a população alemã estava esgotada, desencorajada e buscando um líder com respostas prontas – alguém que pudesse identificar e punir os culpados pela tragédia que se abatera sobre a outrora orgulhosa nação, que agora se sentia traída. Por todo o país as famílias estavam enlutadas pela incalculável perda de vidas e perplexas com a repentina e inesperada capitulação de um exército que, segundo lhes fora assegurado, se encontrava à beira da vitória. Essa sensação de desespero era agravada pela abdicação do Kaiser e pela cumplicidade aparentemente servil do novo governo de Weimar com os termos punitivos impostos pelo

Tratado de Versalhes. Não chega portanto a espantar que essa atmosfera venenosa favorecesse o crescimento de um nacionalismo extremo e da crença de que o exército havia sido “apunhalado pelas costas”, para usar uma frase atribuída ao general Erich Ludendorff, o comandante militar alemão da Primeira Guerra que, depois, aderiria aos nazistas, antes de se afastar da vida política em fins dos anos 1920.

Esses graves ferimentos poderiam ter sarado com o tempo se não fossem agravados pela galopante inflação de 1922-1923, que viu as poupanças serem instantaneamente varridas e os salários se desvalorizarem até o ponto em que os trabalhadores estavam sendo pagos duas vezes por dia, para que pudessem comprar comida antes que o preço subisse. Nesse momento, tornou-se comum ver fregueses pagando por um quilo de carne com o que no mês anterior havia sido o equivalente a um mês de salário. Tudo isso enfatizava a fragilidade da economia e a ineficácia do governo de Weimar.



Garotos da Juventude Hitlerista em cena do documentário *Facing the Nazi Era*, de Lucy McCauley



Membros do Exército Vermelho do Ruhr, em Dortmund, em 1920: tempos confusos

Em apenas um ano, o preço médio de um pão elevou-se de 165 marcos para 1 milhão e meio. A sensação de descontrole dominava todos os aspectos do cotidiano alemão.

Em cada aldeia, cidade ou metrópole da Alemanha podiam ser vistos homens, mulheres e crianças pedindo esmolas ou um pouco de comida, ou qualquer tipo de trabalho que aparecesse. Nessa situação desesperadora, os nazistas despontaram sob o título de Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, com uma promessa de empregos para os desempregados e ajuda para os mais pobres. Mais ainda, eles explicitaram sua intenção de expurgar as instituições comerciais da influência judaica e de libertar o mundo dos negócios alemão da “competição desleal” (ou seja, dos judeus). Eles prometeram esmagar os comunistas e colocar um fim aos frequentes e sangrentos confrontos entre facções políticas rivais que tornavam as ruas inseguras para os cidadãos obedientes à lei. Prometeram também restaurar o

orgulho nacional, rasgando o odiado Tratado de Versalhes e exigindo a devolução dos territórios que ficaram em poder dos aliados depois de 1918. A estratégia nazista, eficiente para aquele momento histórico, era persuadir cada cidadão a acreditar que era seu dever patriótico votar por um programa como aquele. Os críticos de Hitler acusaram-no de ser um agitador grosseiro e inculto, mas ele articulou a ira e o senso de injustiça da população mais efetivamente que os políticos profissionais, e era evidente que ele havia tocado um nervo exposto.

“Ele não desanimava facilmente e sabia como esperar. Enquanto recolhia os fios de sua vida num pequeno apartamento de dois quartos no último andar da Thierschstrasse, no 41, em Munique, durante os meses de inverno de 1925, e depois, quando chegou o verão, em diversas estalagens de Obersalzberg, ao norte de Berchtesgaden, a contemplação das desventuras do passado recente e o eclipse do presente serviram apenas para fortalecer sua decisão (...) Renascera-lhe uma ardente consciência de missão – para si mesmo e para a Alemanha – da qual todas as dúvidas haviam sido extirpadas” (William L. Shirer sobre Hitler após sua libertação da prisão de Landsberg em dezembro de 1924, depois de ficar preso 264 dias por planejar o fracassado Putsch de Munique no ano anterior, em *Ascensão e queda do Terceiro Reich*).

A popularidade dos nazistas cresceu e decresceu na década de 1920, à medida que a economia se recuperava, para, em seguida, afundar novamente após o *crash* de Wall Street, em 1929. Em 1933, porém, o povo alemão havia perdido a paciência com seus representantes eleitos e estava preparado para descartar quaisquer preocupações que pudesse ter em relação aos “excessos” praticados pelos SA (tropas de assalto, a milícia paramilitar do partido, também conhecida como “camisas-marrons”) e dar uma chance a esses recém-chegados não testados e que pareciam tão diferentes dos políticos tradicionais que, até ali, não tinham conseguido reerguer a nação.

Contudo, nada houve de inevitável na tomada do poder pelos nazistas. Na última eleição parlamentar antes de Hitler receber a chancelaria das mãos do idoso presidente Paul von Hindenburg, então com 86 anos, em janeiro de 1933, o partido sofreu uma significativa reviravolta de fortuna. Os votos que lhes foram conferidos caíram de 37% para 33%, dando-lhe menos de 200 cadeiras no Reichstag – apenas um terço do total. Os acólitos de Hitler, porém, estavam certos de que era somente uma

questão de tempo para que seu dia de glória chegasse.

PRIMEIROS SINAIS

“Enquanto o ano 1931 transcorria cheio de dificuldades, com 5 milhões de assalariados sem trabalho, com a classe média enfrentando a ruína, os agricultores impossibilitados de cumprir os pagamentos de suas hipotecas, o Parlamento paralisado, o governo estrebuchando, o presidente idoso e doente rapidamente mergulhando na confusão da senilidade, uma confiança de que eles não teriam muito que esperar enchia o peito dos cabeças nazistas” (William L. Shirer, *Ascensão e queda do Terceiro Reich*).

DAS BUNDESARCHIV, BERLIN



Humilhação: veterano da Primeira Guerra pede esmolas numa rua de Berlim, em 1923

THE UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN



Berlim em 1930: ao fundo, Igreja Memorial Kaiser Wilhelm

Para o estudante berlinense Bernt Engelman, a primeira indicação de que havia algo definitivamente sinistro à espreita por trás dos homens de camisas marrons que distribuíam panfletos e faziam discursos nas esquinas das ruas de seu bairro veio numa manhã de segunda-feira, em maio de 1932. Passariam oito meses antes que Hitler se tornasse chanceler, mas já havia sinais visíveis de que seus seguidores estavam impacientes pelo poder. Alguém havia hasteado uma grande bandeira com a suástica no telhado da escola secundária em Wilmersdorf, e ela estava atraindo a atenção dos estudantes e funcionários. Um dos professores ordenou ao servente que a retirasse, mas o homem apenas sorriu com insolência e declarou que não tinha a chave da porta da torre que levava ao teto. Diversos estudantes mais velhos riram da resposta, e um deles observou que o hasteamento da bandeira era um sinal de que Hitler já estava no poder e de que “cabeças iriam rolar”, uma afirmação que o servente pareceu apreciar.

Indignado, o professor afastou-se para informar o diretor, que já estava ao telefone protestando com o superintendente das escolas, mas

antes de qualquer providência poder ser tomada viu-se outro professor emergir de uma janela de cima, escalar até o telhado com a agilidade de um alpinista e rasgar a bandeira. Isso foi saudado com grandes exclamações de encorajamento por parte dos meninos que haviam se reunido no pátio e cujos aplausos espontâneos abafaram as vaias de seus colegas simpatizantes dos nazistas. A façanha foi ainda mais notável por ter sido realizada pelo professor de francês, o dr. Levy, que perdera um braço na guerra de 1914-1918. Se, porém, os garotos esperavam comentar os detalhes da proeza do dr. Levy durante a aula daquela manhã, eles ficaram desapontados. Mesmo depois de deslizar a lousa para cima para escrever num segundo painel que ficava por baixo e ter encontrado as palavras "*Salope juif!*" (Cadela judia!) escritas em grandes letras, ele permaneceu calmo e seguro. Explicou, com humor, que a frase mostrava um uso incorreto da língua francesa e que o mais apropriado seria "*Manchot juif*" – *manchot* significa tanto "pinguim" quanto "maneta".

Engelmann calculou que, dos 450 alunos em sua escola, cerca de 40 expressavam simpatias nazistas. Naquela manhã eles estavam inflamados com a vitória; o partido acabara de conquistar a maioria na eleição regional em Oldenburg, e o desprezado chanceler Heinrich Brüning havia se demitido. Era uma questão de horas, acreditavam, até o presidente Hindenburg indicar Hitler como sucessor de Brüning. Eles não engoliriam sem lutar o insulto de ter sua bandeira removida. Durante o intervalo das aulas, três dos rapazes mais velhos marcharam até o escritório do diretor para registrar uma reclamação contra o dr. Levy – dois deles vestiam o uniforme da Juventude Hitlerista, e o terceiro era um camisa-marrom das SA usando calças e botas das tropas de assalto, em desafio à decisão governamental de proibir o uso de uniformes paramilitares. Em vez de chamar a polícia, o diretor os apaziguou, prometendo suspender o dr. Levy até que uma investigação completa pudesse ser realizada. Sua capitulação foi comemorada pelos valentões com uma descarga de rancor sobre os estudantes judeus. Os meninos mais novos foram as maiores vítimas. Cercados, foram espancados impiedosamente com punhos e cinturões. Engelmann testemunhou vários incidentes similares naquela manhã. Os nazistas, porém, ainda não estavam no poder e havia ainda um número suficiente de pais indignados dispostos a questionar o encaminhamento dado pelo diretor. Apesar de suas declarações de que agiria com "o máximo rigor" contra aqueles que buscavam politizar a

escola, os pais de Engelmann haviam detectado nele um desejo de acomodação aos nazistas. Era apenas um exemplo do que o norte-americano Studs Terkel, especialista em história oral, chamou de falta de “coragem civil”, e é possível argumentar que essa forma de covardia teve tanto peso na ascensão de Hitler quanto a adoração sem reservas projetada nele por seus apoiadores.

© DEUTSCHES HISTORISCHES MUSEUM, BERLIN



Em 13 de março de 1920, articuladores do Kapp-Putsch (tentativa de golpe) distribuem panfletos em frente à Chancelaria

Pouco tempo depois desse incidente, a família Engelmann mudou-se para Düsseldorf, onde Bernt foi matriculado numa escola que ainda não fora infectada por aquilo que ele descreve como “o contágio da ideologia nazista”. Ele atribui sua repulsa instintiva pelo nacionalismo raivoso ao ambiente em que cresceu. Seu pai tinha uma crença profunda na democracia, sua mãe oferecera assistência prática às “vítimas de uma política obviamente desumana”, e seu avô, um sindicalista, social-democrata e pacifista militante, havia aconselhado o menino a ingressar num grupo juvenil do Partido Socialista. A avó materna de Bernt também inculcara nele a desconfiança no militarismo arrogante e na aristocracia conservadora, que, dizia ela, via os altos postos governamentais como seu direito de nascença. Quando Bernt testemunhou a queima pública de livros escritos por autores que ele havia lido e admirado, ele

compreendeu com toda a clareza que os nazistas tinham como inimigos as pessoas cultas e de pensamento livre, como ele próprio.

Mais tarde, já um jovem adulto em plena guerra, ele ingressou num grupo da resistência, mas foi preso pela Gestapo e internado nos campos de concentração de Flossenbürg e Dachau. Depois da capitulação da Alemanha, tornou-se um eminente jornalista investigativo e retornou a Berlim, onde entrevistou muitas das pessoas com as quais havia crescido nos anos 1930. Ele ficou chocado ao descobrir que diversos de seus antigos amigos tinham memórias altamente seletivas daquele período e que não poucos atribuíam sua participação na Juventude Hitlerista a nada mais do que “idealismo juvenil”.

Havia Marga, por exemplo, uma jovem bonita e animada, que se lembrava da excitação das paradas de rua com suas bandeiras, agitar de flâmulas e cânticos. Ela lhe disse: “Tudo somado, tivemos uma juventude maravilhosa e despreocupada, não foi?”.

O pai de Marga, juiz presidente do tribunal do distrito e um ardente nazista, proibira sua mulher de comprar em lojas pertencentes a judeus e era rigoroso com a filha, insistindo que ela estivesse em casa todas as noites às 19 horas. No entanto, depois do Putsch de Roehm (a “Noite dos Longos Punhais”), em 30 de junho de 1934, ele tornou-se um homem mudado. A notícia de que Hitler ordenara o assassinato de mais de mil pessoas sem julgamento (algumas das quais silenciadas para impedi-las de revelar detalhes do passado do chefe nazista) deixara o juiz desiludido, e ele agora se questionava seriamente sobre o partido. Ele não fazia mais objeções se a mulher comprasse em lojas pertencentes a judeus nem parecia se importar com a hora em que a filha voltava para casa. Um de seus amigos, o crítico musical dr. Wilhelm Schmid, havia sido assassinado na Noite dos Longos Punhais por quatro homens da SS, que o arrastaram de seu apartamento e o fuzilaram acreditando erroneamente que ele era o líder das SA Willi Schmidt. Marga não pensou em perguntar por que seu pai havia mudado, e foi somente dois anos mais tarde, quando já estava casada, que ele lhe falou sobre esses fatos.

Tudo o que Marga conseguia recordar eram as canções populares da época, os bailes a que havia comparecido e os filmes que vira. Ela se lembrava da primeira vez em que ela e Bernt foram ao teatro assistir a uma apresentação de *Don Carlos*, de Friedrich Schiller, e ainda podia recordar os nomes do elenco, mas não fazia ideia do motivo que levava o

público a irromper em aplausos espontâneos durante uma cena em que um personagem implora a seu empregador: “Senhor, concedei-nos liberdade de pensamento”. Bernt lhe explicara que era para demonstrar oposição à supressão da liberdade de expressão pelo regime, mas ela não dera muito valor ao fato.

Foram experiências como essas que levaram Engelmann a concluir que a nazificação de seu país não era nem a obra de “demônios sinistros” nem o inevitável resultado de um “destino cruel”, pelo qual ninguém podia ser responsabilizado, mas simplesmente uma mescla entre a defesa dos próprios interesses por alguns e a falta de iniciativa de muitos.

CORAÇÕES E MENTES

Os nazistas não pouparam esforços para conquistar os corações e mentes da população, buscando seduzir cada segmento da sociedade alemã e fazendo promessas que não tinham intenção de cumprir. Eles também, como se sabe, elevaram a um novo patamar a arte da propaganda política, organizando grandes comícios e desfiles que enfatizavam sua unidade e seu fanatismo, e que também davam uma falsa impressão de sua popularidade. Sua campanha para vencer no estado de Lippe na eleição parlamentar de janeiro de 1933 foi típica. A menos que conquistassem esse estado marginal como compensação pelos sérios reveses que haviam sofrido em todo o país nas eleições para o Reichstag em novembro de 1932, temia-se que os industriais e banqueiros retirassem seu apoio financeiro e o partido mergulhasse numa luta interna de facções e terminasse por se destruir. Consequentemente, Hitler e Goebbels montaram uma campanha bem estruturada, usando as últimas reservas dos recursos do partido e todos os truques publicitários que podiam conceber para assegurar a maior fatia possível dos votos de 100 mil habitantes de Lippe.

Ao longo de dez dias, os nazistas realizaram 900 eventos, com Hitler discursando em 16 comícios importantes. Milhares de membros das SA e da SS foram arregimentados para marchar pelas ruas de cada cidade e aldeia da região, gritando palavras de ordem, enquanto carros equipados com alto-falantes convocavam a população para votar. Isso criou a impressão de que o partido era não apenas sólido e bem financiado, mas também popular. Na verdade, apesar dos desfiles e de toda a pompa, eles conseguiram ampliar sua participação de votos em apenas 6 mil. Os

partidos democráticos receberam em conjunto um total de 50 mil votos e os nazistas, 39 mil, mas a imprensa ultranacionalista de direita festejou o crescimento como uma vitória significativa e, 15 dias depois, o presidente Hindenburg, acossado pela crise institucional, foi persuadido a indicar Hitler como o novo chanceler.

WALTER GIRCKE



Tropas alemãs, retornando do front, passam pelo Portão de Brandemburgo (dezembro de 1918)

OLHARES EMBASBACADOS PARA O NOVO LÍDER

“No verão de 1933 (...) qualquer resistência coletiva havia se tornado impossível; a resistência individual era meramente outra forma de suicídio” (Sebastien Haffner, citado em *German voices* pelo historiador Frederic C. Tubach).

Horst Kruger, o filho adolescente de um funcionário público berlinense, testemunhou a euforia com que se saudou a ascensão de Hitler à Chancelaria em 1933: “Era uma noite fria de janeiro e havia um desfile à luz de tochas. O locutor do rádio, cujos tons ressonantes estavam mais

próximos dos cantos e dos soluços do que da transmissão de notícias, estava experimentando certamente grandes emoções... Ele repetia algo sobre o despertar da Alemanha, e sempre acrescentando como um refrão de que agora tudo, tudo seria diferente e melhor e que chegara o tempo da colheita... Uma onda de grandeza parecia cobrir todo o nosso país...”

Naquela semana, a impressão era que todas as casas e lojas no tranquilo subúrbio de Eichkamp haviam pendurado bandeiras com a suástica e até as bicicletas das crianças estavam adornadas com flâmulas tremulantes, muitas delas feitas à mão pelos pais porque os fabricantes não podiam fazer frente à demanda. Os pais de Horst não haviam compartilhado o entusiasmo de seus amigos e vizinhos pela nova administração, mas estavam quietamente esperançosos de que a mudança assinalasse um fim para a incerteza econômica que havia pairado sobre o país nos últimos anos e que o governo, enfim, pudesse interromper as constantes explosões de violência entre grupos políticos rivais. Assim, eles participaram das celebrações, mesmo que apenas para mostrar sua disposição de dar aos nazistas um voto de confiança e também para demonstrar boa vontade e senso de comunidade. “De repente se era um alguém”, lembrou Horst, “parte de uma classe melhor de pessoas, num nível mais alto: um alemão.”

Naquele momento, parecia que todos estavam incluídos na festa. Pelo menos todos os que fossem de etnia alemã. Até mesmo muitos judeus tinham esperanças de que o furor antissemita que haviam sofrido pudesse se amainar agora que o partido estava no poder, já que seus elementos extremistas teriam de ser refreados, no mínimo para não atrapalhar acordos no Parlamento e calar as críticas da imprensa estrangeira. As ansiedades de ordem privada foram suspensas indefinidamente, enquanto o país se voltava em massa para o que na época parecia ser uma série infinita de desfiles e marchas. A atmosfera de júbilo foi reforçada pela criação de novos feriados, celebrando vários aspectos da vida e cultura alemãs. Quando foi anunciado um amplo programa de obras públicas, a excitação cresceu vertiginosamente. A miséria do desemprego incapacitante e da depressão econômica parecia ter sido varrida de um só golpe. As pessoas estavam confiantes, otimistas e vivas, com um novo senso de propósito. Membros do Serviço de Trabalho marchavam pelas ruas com pás nos ombros, como se

estivessem a caminho de estabelecer as fundações de uma nova Alemanha, que seria interligada por uma ampla rede de *Autobahns* (autoestradas). Depois, porém, que as novas galerias de arte e ministérios governamentais foram construídos em grande escala, percebeu-se que os prédios decrepitos de apartamentos e as áreas degradadas permaneceram como antes, e as mesmas pessoas que haviam agitado suas bandeiras e aplaudido os desfiles se consolaram com o pensamento de que Hitler não podia fazer milagres da noite para o dia. Elas teriam de ser pacientes.

E, quando foi anunciado que as SA haviam sido expurgadas com violência extrema de seus elementos mais desregrados para reprimir uma contrarrevolução, essas mesmas vozes duvidaram que Hitler pudesse ter sabido de antemão disso; mesmo que tivesse, ele com certeza não teria aprovado tamanha barbárie. Horst recorda que seus vizinhos estavam galvanizados com um sentimento de orgulho nacional e emocionados com a perspectiva de serem parte de uma nação mais produtiva e próspera. As cervejarias estavam cheias de homens que não perdiam a oportunidade de bradar o seu apoio a todos os aspectos da política do governo, desde a justiça da reivindicação dos territórios ocupados pelos aliados até os benefícios trazidos pelas autoestradas. Eles tinham a impressão de que teriam voz nas questões locais e internacionais, e logo se tornaram “desarmados, colaborativos e dóceis”, consentindo em tudo que a nova administração lhes pedisse para endossar pelas urnas. Enquanto os homens falavam em fazer frente à Liga das Nações como se esta fosse um vizinho desagradável, as mulheres discutiam a possibilidade de ter de adotar crianças para cumprir seu dever maternal para com a pátria.



Mulheres em apoio a Hitler, 1933

Durante eleição parlamentar de 1933, Hitler (*à dir.*) e seus secretários visitam a cidade de Bad Salzuflen, no estado de Lippe



A cada nova aquisição territorial, a reputação de Hitler como estadista era multiplicada por dez. Ter alcançado ganhos tão significativos e substanciais sem arrastar o país para uma guerra e diante da condenação internacional parecia demonstrar que o Führer fora enviado por Deus para reivindicar o que era da Alemanha por direito. Seus ardentes admiradores começaram a recortar seus discursos dos jornais para que pudessem discuti-los com a família e os amigos, como antes costumavam debater o sermão do domingo. A mãe de Horst era típica, segundo ele, daqueles que “viviam de ilusões”. Católica devota, ela via Hitler como o artista sem um tostão que havia se erguido acima de suas origens humildes para reconduzir a Alemanha a seu lugar de direito no cenário mundial e cuja fé o inspiraria a fazer do bem-estar de seu povo uma prioridade. O Führer, ela garantiu ao filho, não mentiria a seu povo, como o faziam os velhos políticos.

Horst considerava seus vizinhos “crentes honestos, entusiastas, inebriados” que haviam se convencido de que a vida seria melhor sob Hitler e que tinham esperança de que as conversas sobre uma guerra à vista fossem apenas boatos maliciosos. Hitler não queria a guerra, eles diziam a si mesmos e uns aos outros. E era, de fato, o que ele dizia em seus discursos, mas, quando a guerra chegou, muitos compreenderam que Hitler não apenas conquistara parte da Europa, mas também já subjugara seu próprio povo.

NAZIFICAÇÃO

A primeira proclamação da nova administração, sob domínio nazista, foi redigida para assegurar a população quanto a suas credenciais reacionárias. “O novo governo nacional considerará seu primeiro e supremo dever restaurar a unidade de vontade e espírito de nossa nação. Ele protegerá e defenderá a fundação sobre a qual repousa a força de nossa nação. Ele sustentará firmemente o cristianismo, base de toda a nossa moralidade, ele defenderá a família... Ele quer basear a educação da juventude da Alemanha na reverência por nosso grande passado, nosso orgulho por nossas antigas tradições. Ele portanto declarará guerra ao niilismo espiritual, político e cultural (...) o governo fará novamente da disciplina nacional o nosso guia.” (Adolf Hitler, 1º de

fevereiro de 1933).

Os líderes nazistas buscaram cultivar uma imagem de arquitetos de uma nova sociedade sem classes, na qual se esperava que os empregadores fizessem refeições com seus empregados e os profissionais especializados trabalhassem ao lado dos sem qualificação em organizações regulamentadas pelo Estado, como a Frente para o Trabalho. Eles exigiram também o acesso irrestrito às universidades e academias militares para os membros leais do partido, algo que anteriormente fora um privilégio desfrutado apenas pela aristocracia e pela elite governante. Contudo, foi introduzido um limite para o número de estudantes do sexo feminino que se matriculavam na universidade, que não poderia superar mais de 10% do total. Hitler havia proibido as mulheres de exercer um papel mais ativo na política e na vida profissional, embora lhes incentivasse firmemente a trabalhar como ativistas não pagas, atraindo apoio para o partido e cuidando de seus membros menos favorecidos.

O lugar natural das mulheres no Estado nacional-socialista era o de mães abnegadas de bebês arianos louros e de olhos azuis, um papel resumido no slogan do partido "*Kinder, Küche und Kirche*" (Crianças, cozinha e igreja). Hitler costumava repetir que "a revolução nacional-socialista seria um evento inteiramente masculino". Ainda assim, 34 mil donas de casa de classe média e de meia-idade haviam ingressado no partido em 1933 – mulheres como Gertrud Scholtz-Klink, de uma lealdade fanática, conhecida como "Führer feminina", líder designada da União de Mulheres Alemãs. Ela declarava ter mais de 6 milhões de devotas seguidoras, mas o fato é que nunca exerceu nenhuma influência no desenho das políticas públicas alemãs. Outras destacadas figuras femininas do nazismo foram Elsbeth Zander, fundadora da Ordem da Suástica Vermelha; Elizabeth Polster, que aumentou o número de membros da Organização Nacional-Socialista de Mulheres ao persuadir seus 66.500 membros de que o cristianismo e o nacional-socialismo não eram mutuamente excludentes; e Guida Diehl, cujo Movimento Newland, nacionalista, precedeu em cinco anos a própria fundação do Partido Nazista.

Quanto às mulheres solteiras, elas eram vistas como cidadãs de segunda classe ou *Staatsangehöriger* (dependentes do Estado) e gozavam de status legal semelhante ao dos judeus e deficientes mentais. E ainda

assim, uma significativa proporção dos mais ardentes adeptos de Hitler era de mulheres, embora seja um mito que elas votassem majoritariamente nos nazistas.

Apesar de um moralismo bastante primário demonstrado em público, na prática o círculo mais próximo de Hitler limitava-se a uma reverência hipócrita pelos princípios do nacional-socialismo. Em particular, Goebbels, Goering e seus asseclas entregavam-se a excessos em suas magníficas *villas* privadas, enquanto as esposas ostentavam vestidos parisienses e cosméticos em desafio a seu Führer, que havia declarado que tais luxos eram espalhafatosos, vulgares e impatrióticos. Apenas *Frau* Bormann cultivava a simples aparência camponesa que o Führer considerava ser a imagem da mãe alemã ideal. Ela vestia *Tracht* (roupas regionais), segundo os ditames do Instituto de Moda do Reich, trançava seu cabelo num coque e se recusava a usar batom, na crença de que ele era feito de gordura animal, como afirmara Hitler algumas vezes. Durante dez anos, ela, disciplinadamente, teve um filho por ano.

DEVOTADAS À CAUSA

As mulheres que se voluntariavam para as atividades locais do partido invariavelmente descobriam que havia escasso reconhecimento ou recompensa por todo o tempo e energia que dedicavam à causa. Tipicamente, as integrantes da Liga de Mulheres Nazistas eram encarregadas de recolher pagamentos devidos ou contribuições para os fundos partidários, e procurar os vários departamentos e agências encarregados de abrigar famílias numerosas às quais o partido havia prometido ajuda. Posteriormente, elas ajudariam a conseguir novas casas para aqueles cujos lares haviam sido destruídos pelos bombardeios. Cada momento livre era devotado a projetos do partido de uma espécie ou de outra, e seu único reconhecimento seria um assento na frente nos sempre bem coreografados eventos locais ou, quem sabe, a honra de entregar um buquê de flores a altos funcionários do partido, ou talvez ao próprio Führer. Segundo as mais diversas fontes, essas mulheres raramente se queixavam e permaneceram obstinadamente leais mesmo depois de serem forçadas a encarar os horrores cometidos pelo regime.



Hitler e meninos da Juventude Hitlerista: idolatria ao Führer era ensinada desde cedo

Na maioria das vezes, elas responsabilizariam Heinrich Himmler ou outros líderes nazistas, mas raramente Hitler, que acreditavam partilhar de sua preocupação pelo bem-estar do povo alemão. Elas descartavam como boatos maliciosos os rumores sobre os campos de extermínio e as atrocidades cometidas pela SS nos territórios conquistados. Nas reuniões do partido, elas engoliam a versão oficial – os campos de concentração foram construídos para aprisionar criminosos, aproveitadores e outros indivíduos indesejáveis que ali seriam reeducados na disciplina.

De fato, os jornais regularmente noticiavam detalhes daqueles que haviam sido presos e dos crimes que cometeram contra o Estado para merecer seu subsequente internamento ou execução nos campos. Isso reduz a pó a alegação repetida, após a guerra, de que não sabiam de nada do que ocorria nos campos situados na Alemanha, como Dachau, perto de Munique, e Ravensbrück, ao norte de Berlim. Tais medidas eram geralmente consideradas necessárias e havia o entendimento de que os detidos mereciam um tratamento severo. Para reforçar a impressão de que apenas delinquentes habituais eram aprisionados nos campos dentro da Alemanha, a imprensa veiculava fotografias de indivíduos

especialmente selecionados por sua aparência “repulsiva”.

O regime tinha interesse em tornar pública a existência dos campos para que isso agisse como um dissuasor, o que deu origem à advertência: “Quieto! Cuidado! Você não quer terminar num campo de concentração!”.

ALINHAMENTO

Foi logo após a indicação de Hitler para a Chancelaria que a nova administração implementou a política que chamou de *Gleichschaltung* (algo como “alinhamento”), que obrigou todas as instituições e vários aspectos da vida social e política a adotar e a se moldar à ideologia nazista. Começou pela repressão às organizações da juventude católica, seguida pelo banimento das publicações religiosas, o fechamento de hospitais e colégios católicos e o encarceramento do clero, acusado de decadência por publicações nazistas como *Der Stürmer* e *Das Schguerraze Korps*. O regime também colocou fora da lei o Partido Alemão do Centro (Zentrum), de orientação católica, juntamente com todos os partidos de oposição, e afastou muitos militantes católicos do serviço público.

Até os estudantes do ensino médio foram obrigados a assinar em 1933 uma declaração de fidelidade ao novo regime. Helene Jacobs recusou-se e como consequência foi impedida de prestar seus exames finais. Ao deixar a escola, ela encontrou um emprego mal remunerado com um advogado judeu, mas, acreditando que os nazistas logo seriam obrigados a deixar o governo, manteve-se determinada a permanecer fiel a seus princípios. Ela considerava a ideia de uma raça ariana de senhores contrária a tudo que lhe fora ensinado e estava decidida a expressar sua desaprovação: “O ponto que chamou minha atenção desde o início foi que, como povo, tínhamos de mostrar de algum modo nossa insatisfação, não apenas quando os crimes se iniciaram, mas antes, quando tudo começou, com a chamada ascendência ‘ariana’. Eles distribuíram questionários e você devia dizer se tinha ancestrais ‘arianos’. Todos os preencheram. Eu disse: ‘Não podemos ir em frente com isso; é contra a lei. Devemos fazer algo contra isso e jogar fora os questionários’. Mas as pessoas da minha idade se comportaram de forma bem diferente. Elas construíram suas carreiras naquela época. Quando eu disse ‘Não terei nada a ver com isso’, me isolei” (Victoria Barnett, *For the soul of the people*).



Com a hiperinflação, a moeda alemã, sem valor, vira brincadeira nas mãos de crianças (1923)

NATIONAL ARCHIVES, WASHINGTON D.C



Membros do Partido Nazista, em 1941

KEYSTONE/GETTY IMAGES



Soldados nazistas e estudantes reúnem papéis e livros apreendidos para serem queimados em Berlim

A *Gleichschaltung* não se limitou às escolas públicas. As universidades também foram infiltradas pelos executores da nova ordem. Peter Drucker, professor na Universidade de Frankfurt, tinha esperanças de conservar o seu posto, mas ficou chocado com o que testemunhou durante a primeira reunião da faculdade nazificada, realizada poucas semanas depois de Hitler tornar-se chanceler: "Frankfurt foi a primeira universidade contra a qual os nazistas investiram, precisamente porque era a mais autoconfiantemente liberal entre as principais universidades alemãs, com um corpo docente que se orgulhava de sua fidelidade à liberdade de consciência e à democracia. Os nazistas portanto sabiam que o controle da Universidade de Frankfurt significaria o controle da vida acadêmica alemã. E o mesmo sabiam todos na universidade. Acima de tudo, Frankfurt tinha uma faculdade de ciências que se distinguia tanto por sua erudição quanto por suas convicções liberais; e sobressaindo

entre os cientistas de Frankfurt estava um bioquímico-fisiologista de calibre de Prêmio Nobel e impecáveis credenciais liberais”.

Drucker jamais havia considerado necessário comparecer a uma reunião da faculdade, mas, quando um comissário nazista foi indicado para a Universidade de Frankfurt na primavera de 1933, ele teve esperanças de que seus pronunciamentos provocassem uma reação dos membros da faculdade que forçasse os nazistas a recuar e a respeitar a autonomia universitária. “O novo comissário nazista não perdeu tempo com amenidades. Ele anunciou imediatamente que os judeus seriam proibidos de entrar no recinto da universidade e seriam demitidos sem salário em 15 de março; isso era algo que ninguém havia imaginado possível, apesar do ruidoso antissemitismo dos nazistas. Em seguida ele se lançou num discurso de ofensas, sujeira e palavrões que raramente eram escutados na caserna, e nunca antes na academia. Ele apontou o dedo para um chefe de departamento após outro e disse ‘Ou você faz o que lhe digo ou vou mandá-lo para um campo de concentração’. Houve silêncio quando ele terminou; todos esperavam pelo renomado bioquímico-fisiologista. O grande liberal levantou-se, limpou a garganta e falou: ‘Muito interessante, senhor comissário, e em alguns aspectos muito instrutivo; mas há um ponto que não compreendi claramente: haverá mais dinheiro para a pesquisa em fisiologia?’. A reunião terminou pouco depois disso com o comissário garantindo aos acadêmicos que com efeito haveria dinheiro em abundância para a ‘ciência racialmente pura’. Uns poucos professores tiveram a coragem de caminhar ao lado de seus colegas judeus, mas a maioria guardou uma distância segura daqueles homens que poucas horas antes haviam sido seus amigos próximos. Eu saí doente com tudo aquilo – e soube que deixaria a Alemanha em 48 horas.”

Depois da guerra, um professor universitário anônimo tentou justificar seu apoio à nova ordem numa conversa com o acadêmico americano Milton Mayer, explicando que ele fora arrastado pela onda de entusiasmo pelo novo governo e pelo que prometia ser uma nova era de estudo e dedicação à vida acadêmica. “O alto-alemão médio era minha vida. Era tudo que me importava. Eu era um acadêmico, um especialista. Então, de repente, tive de mergulhar de cabeça em toda a nova atividade, à medida que a universidade foi arrastada para a situação: reuniões, conferências, entrevistas, cerimônias e, acima de tudo, papéis a serem preenchidos, relatórios, listas, questionários. E coroando tudo aquilo estavam as

demandas da comunidade, as coisas de que se tinha de participar, 'era esperado', que não estavam ali antes ou não tinham tanta importância. Era tudo uma lengalenga, é claro, mas consumia todas as energias, vindo acima do trabalho que se queria realmente fazer. Você pode perceber como era fácil, na época, não pensar em coisas fundamentais. A pessoa não tinha tempo; estava ocupada demais para pensar."

O professor admitiu que a nova rotina, as contínuas mudanças e crises engendradas pelo regime "(...) proporcionavam uma desculpa para não pensar a pessoas que de todo modo não queriam pensar (...) A maioria de nós não queria pensar sobre coisas fundamentais, e jamais tinha de fazê-lo".

A ameaça sempre presente colocada pelos inimigos internos e externos distraía as pessoas "decentes" de considerar as consequências daquilo de que estavam participando, até ser demasiado tarde para fazer alguma coisa. "De repente vem tudo de uma vez. Você vê o que é, o que fez ou, mais precisamente, o que não fez (pois isto era tudo que se requeria de nós: que não fizéssemos nada). Você recorda aquelas primeiras reuniões de seu departamento na universidade nas quais, se alguém se tivesse erguido, outros talvez tivessem acompanhado. Mas ninguém se ergueu. Era uma questão menor, de contratar esse ou aquele, e você contratou esse... Você agora se lembra de tudo, e seu coração se quebra. Tarde demais. Você está comprometido além de qualquer conserto." (Milton Mayer, *They thought they were free*).

TRABALHANDO SOB OS NAZISTAS

Mas nem mesmo os nazistas conseguiriam intimidar todo mundo. Membros menos fanáticos do partido ignoravam observações críticas ditas em sua presença por amigos, e alguns chegaram ao ponto de avisar colegas comunistas de uma iminente onda de prisões. Isso foi especialmente verdadeiro entre os trabalhadores braçais das fábricas, estaleiros e ferrovias, onde a camaradagem com frequência vinha antes da lealdade ao partido. O suspeito podia então sumir por alguns dias, e sua ausência era atribuída a alguma doença. No entanto, muitos oponentes políticos do regime não tiveram a mesma sorte. Qualquer um podia ser demitido na hora, e até sem motivo, com o carimbo de "pouca confiabilidade política".

Os trabalhadores qualificados tendiam a ser mais bem informados

sobre seus direitos e valorizavam seus sindicatos, que os nazistas aboliram tão logo chegaram ao poder. Esses homens sentiam-se ofendidos por serem proibidos pelo regime de se pronunciar sobre as condições de trabalho e serem excluídos das negociações salariais. Eles se ressentiam do fato de Hitler haver estabelecido “juntas do trabalho” autorizadas a fixar salários que não raro eram combinados a portas fechadas com a administração. É claro que o objetivo dessas “juntas” era preencher o espaço antes ocupado pelas organizações sindicais.

Os trabalhadores, braçais ou de colarinho branco, experimentaram um declínio quase contínuo de suas rendas durante a era nazista, enquanto aumentava a dos financistas e donos de fábricas. Os operários viam-se obrigados a trabalhar mais horas para atingir metas de produção, com a esperança de receber um aumento salarial.

Enquanto a liderança nazista declarava sua solidariedade ao povo, elaborava leis que prendiam os trabalhadores numa espécie de servidão medieval. Com a Carta do Trabalho (aprovada em janeiro de 1934), por exemplo, a indústria regrediu a um sistema feudal. Logo no segundo parágrafo, afirmava que “o líder da empresa (o patrão) tomava as decisões pelos empregados e trabalhadores”, e estabelecia que “funcionários e trabalhadores devem-lhe fidelidade”. O patrão tinha o poder até mesmo de reter os documentos do trabalhador, caso não quisesse perder o empregado.

O regime tentou apaziguar os trabalhadores e obter o máximo deles iniciando um programa chamado de *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria), que oferecia incentivos à produtividade sob a forma de feriados e atividades de lazer subsidiadas pelo Estado. Em 1937, quase 38,5 milhões de alemães participaram dessas atividades, que incluíam concertos sinfônicos, apresentações teatrais, cruzeiros pela Escandinávia e pela Espanha e excursões por áreas rurais da Alemanha. Um exame mais próximo, porém, mostra que os beneficiários desses bônus eram com frequência os trabalhadores mais especializados, o pessoal administrativo e a gerência.

Um ramo da Frente Alemã para o Trabalho, organização dirigida por Robert Ley, promoveu a construção de instalações de lazer e cantinas nas fábricas e escritórios – e os empregados tiveram de construí-las e pagar por elas. Mas a frustração maior daquele período foi a oferta de automóveis Volkswagen, que 336 mil trabalhadores pagaram durante

vários anos e que nunca foram entregues. Cada empregado ou empregada que se associava ao esquema tinha cinco marcos por mês deduzidos do salário, além das taxas e das contribuições compulsórias para as organizações de previdência social nazistas. Depois de três quartos do preço terem sido pagos, o empregado recebia um comprovante com um número de ordem, mas, com o início da guerra, a fábrica dos *KdF-Wagen* foi convertida para a produção de veículos militares.

ENFRAQUECENDO A FAMÍLIA

“A Igreja Nacional do Reich da Alemanha afirma categoricamente o direito exclusivo e o poder exclusivo de controlar todas as igrejas na jurisdição do Reich: declara serem elas as igrejas nacionais do Reich alemão” (William L. Shirer, *Os anos de pesadelo*).

Uma tática mais sutil e insidiosa do regime foi se apresentar como o protetor e benfeitor da população, enquanto minava a autoridade paterna e religiosa. Esse processo foi formalizado pela Lei de Capacitação, aprovada uma semana após o incêndio do Reichstag, em 27 de fevereiro de 1933 – que suspeita-se ter sido obra dos nazistas, que precisavam de um pretexto para persuadir o presidente Hindenburg a assinar um decreto de emergência, suspendendo os direitos civis. O ato foi atribuído a um solitário comunista holandês com dificuldades de aprendizagem, Marinus van der Lubbe, condenado e executado depois de uma farsa judicial. Ele foi o primeiro dos 12 mil civis eliminados pelos “tribunais especiais” nazistas durante o Terceiro Reich (veja Peter Hoffmann, *The history of the German resistance 1933-1945*).



Em 30 de janeiro de 1933, dia em que Hitler foi nomeado chanceler, eleitores eufóricos cumprimentam o *Führer*



Fogueira de livros e escritos considerados “não alemães”, em Berlim, em 1933

Tão logo a ditadura intensificou a asfixia de todos os setores administrativos do governo e instituições públicas, ela buscou insinuar-se em todos os aspectos da vida pública e particular dos cidadãos. Em maio de 1933, todos os sindicatos foram abolidos e os direitos dos trabalhadores foram regulados pela Frente para o Trabalho. A família foi infectada pela ideologia nazista, que doutrinava as crianças, voltando-as contra seus pais, e foram feitas até mesmo tentativas de suplantar a religião com uma forma de adoração neopagã que deificava Hitler como o salvador da nação.

Hitler enfatizou repetidamente o papel que o cristianismo desempenharia no Estado nacional-socialista enquanto promovia a ideologia nazista. Isso fez com que os casamentos e funerais fossem formalizados quase como cerimônias neopagãs, com a suástica substituindo o crucifixo no altar e preces ao lado de um juramento de

fidelidade ao chefe de Estado.

Por algum tempo, os frequentadores regulares das igrejas ainda viam seus pastores censurando a nova administração em seus sermões semanais. Quando as condições melhoraram para a família trabalhadora média, aquilo pareceu deslocado. Logo começou a queima de livros, seguida por desafios à autoridade da Igreja e às objeções de alguns clérigos à eliminação sistemática dos indivíduos “sem valor” pelo Estado.

QUEIMA DE LIVROS

Em 10 de maio de 1933, estudantes de Berlim e de outras importantes cidades alemãs organizaram a queima pública de livros estigmatizados como “não alemães”. Eles incluíam obras de Thomas Mann, H. G. Wells, Jack London, Sigmund Freud, Albert Einstein e da escritora e ativista política cega norte-americana Helen Keller. O ministro da Propaganda, Josef Goebbels, havia incitado os estudantes de Berlim com um discurso inflamado: “(...) A era de individualismo judaico extremo agora está no fim... O alemão do futuro não será apenas um homem de livros, mas um homem de caráter. É para esse fim que queremos educá-los. Como um jovem, já ter a coragem de encarar o olhar fixo e impiedoso, de superar o medo da morte, e de recuperar o respeito pela morte – essa é a tarefa desta jovem geração. E assim vocês fazem bem nesta hora da meia-noite em lançar nas chamas o espírito ruim do passado. É um ato simbólico forte e grandioso...”

REPRODUÇÃO



Pôster de propaganda nazista, em que judeus e bolcheviques são conectados e identificados como os "inimigos da Pátria"

A queima provocou ultraje por todo o mundo. O livro de Helen Keller *How I became a socialist* (Como me tornei socialista) estava entre os títulos lançados na fogueira. Numa carta aberta, ela expressou o alarme com que muitos artistas e intelectuais receberam os relatos dos eventos daquela noite: “A História não lhes ensinou nada se vocês pensam que podem matar ideias. Tiranos muitas vezes tentaram fazer isso antes, e as ideias se ergueram em seu poderio e os destruíram. Vocês podem queimar meus livros e as obras das melhores mentes da Europa, mas as ideias foram filtradas e difundidas por 1 milhão de canais e continuarão a acelerar outras mentes. Dei todos os *royalties* de meus livros em caráter permanente aos soldados alemães que perderam a visão na guerra mundial, sem outro pensamento em meu coração que não o de amor e compaixão pelo povo alemão. Reconheço as sérias complicações que levaram à sua intolerância; porém, mais ainda, deploro a injustiça e a pouca sabedoria de transmitir às gerações ainda por nascer o estigma de seus feitos”.

Cem anos antes, o poeta judeu alemão Heinrich Heine escrevera: “Onde se queimam livros, seres humanos serão inevitavelmente os próximos”.



Berlim, 1930: o horror em gestação



A NOVA ORDEM

A ALEMANHA VIVEU UMA FASE DE CRESCIMENTO NO INÍCIO DOS ANOS 1930, MAS A UM CUSTO MUITO ALTO

“Os grandes homens de negócios, satisfeitos com o novo governo que estava colocando os trabalhadores organizados em seus lugares e deixava os empreendimentos correrem como eles desejavam, foram convidados a pagar. Concordaram em fazê-lo numa reunião em 20 de fevereiro, no palácio do presidente do Reichstag, Hermann Goering, na qual o dr. Hjalmar Schacht agiu como anfitrião e Goering e Hitler explicaram sua orientação a mais de 20 dos principais magnatas alemães, inclusive Krupp von Bohlen, que havia se tornado um nazista entusiasta da noite para o dia, Bosch e Schnitzler, da I. G. Farben, e Albert Voegler, chefe da União do Aço. O registro dessa reunião secreta foi preservado” (William L. Shirer, *Ascensão e queda do Terceiro Reich*).

O MITO DO MILAGRE ECONÔMICO

A população foi doutrinada com a falácia de que o programa de obras públicas de Hitler, como a abertura de autoestradas e a construção da Linha Siegfried (a linha defensiva conhecida pelos alemães como *Westwall*, muralha ocidental), havia reduzido automaticamente o desemprego. Essa doutrinação era facilitada pelo fato de o grupo dirigido por Alfred Hugenberg, que controlava mais de um terço da

imprensa alemã, ser associado ao Partido Nazista. No entanto, após a queda drástica do primeiro ano – de 6 milhões em 1933 para 3,3 milhões em 1934 –, a ditadura precisou de mais três anos para fazer o desemprego diminuir até um nível aceitável: 1,8 milhão. No entanto, há que considerar que as mulheres foram expurgadas dessa estatística; os judeus, mais ainda. Mas, sem dúvida, empregos foram criados. A contrapartida foram sete anos seguidos de déficit público que elevaram a dívida alemã a 40 bilhões de marcos. Por essa época, as outras nações industriais haviam se recuperado da Grande Depressão, e o fizeram sem encaminhar todos os homens fisicamente capazes para o exército e seus irmãos menos capazes para as fábricas, especialmente as de munições, onde a jornada de trabalho tinha passado de 60 para 72 horas semanais.

O “milagre econômico” que alguns creditaram a Hitler na Alemanha foi, de fato, alcançado a um custo considerável. A maioria dos homens que foram arregimentados para construir as *autobahns* tinha de viver com salários inferiores ao seguro-desemprego. Eles recebiam 51 *pfennigs* por hora, bem menos que os 66 *pfennigs* pagos por um trabalho comparável numa fábrica, e eram obrigados a trabalhar ao ar livre sob qualquer tempo. Para aumentar o sofrimento, viam-se obrigados a morar longe de casa, numa espécie de caserna onde as condições eram comparáveis às de uma prisão e pela qual tinham de pagar 15 *pfennigs* por dia, além de outros 35 *pfennigs* por uma refeição descrita por um desses trabalhadores, numa carta à família, como uma “mistura tirada a colheradas de um caldeirão”. O salário médio semanal para esses trabalhadores braçais era de 16 marcos por semana depois de essas “contribuições” compulsórias serem deduzidas, e eles eram recompensados com apenas dez dias de férias por ano.

O papel da mulher no Reich: sob o olhar do *Führer*, mulheres atentas a uma aula do curso de babá, em 1935



© DEUTSCHES HISTORISCHES MUSEUM, BERLIN

QUASE ESCRAVAS

As trabalhadoras estavam em situação ainda pior, já que não eram reconhecidas como pessoas de valor igual ao dos homens. Elas geralmente recebiam um terço a menos que os seus colegas. Uma trabalhadora especializada de fábrica podia ganhar 35 marcos por semana com horas extras, mas disso ela devia deduzir o dinheiro para o alimento fornecido pela companhia e pagar pelos próprios deslocamentos. As que estavam acostumadas a entrar num horário que lhes permitia fazer o serviço doméstico antes do trabalho agora viam-se obrigadas a chegar às fábricas de munições ou outros ramos do serviço obrigatório às 6 horas. Se morassem longe da fábrica, tinham de reservar um tempo extra para a viagem, o que significava que poderiam chegar em casa após uma ausência de mais de 12 horas para encontrar a maioria das lojas fechada. Aquelas que ficavam abertas até tarde tinham poucos produtos frescos para vender.

Apesar de todo o cansaço dessas jornadas extenuantes, não era raro as que conseguiam fazer trabalhos extras, como a limpeza de escritórios,

que poderiam lhes valer alguns marcos a mais por semana. Isso porque, depois de pagarem pela alimentação no trabalho e pelas viagens, algumas trabalhadoras ficavam com apenas 10 marcos por semana. Não admira que os registros dos serviços de saúde indicassem que muitas mulheres mais velhas sofriam de doenças e fadiga, quadro que se agravou dramaticamente com o início da guerra, quando as incursões aéreas aliadas abalaram seus nervos e as privaram de sono.

Em 1936, o desemprego fora reduzido a um terço. Contudo, a economia havia sofrido como resultado disso porque os programas de obras públicas foram financiados pela exigência de que os bancos fizessem empréstimos maciços, o que reduzira a disponibilidade de crédito, inibindo a iniciativa privada. O problema poderia ter se agravado nos anos seguintes, pelo fato de a administração emitir indiscriminadamente o dinheiro necessário para pagar os gastos públicos. Isso certamente teria criado uma hiperinflação se a Alemanha não tivesse entrado em guerra em 1939. No entanto, este tinha sido o plano de Hitler desde o início: ele mobilizou a população e aumentou a produção de armas e munições com a perspectiva de enfrentar a guerra, não para criar pleno emprego ou beneficiar a economia.

Os lojistas e os proprietários de pequenos negócios foram outro grupo que descobriu bem cedo que as promessas eleitorais do partido não eram garantia de que a sorte deles melhoraria sob o nacional-socialismo. E esse grupo de pequenos empreendedores e seus funcionários – a classe média conservadora – foram desde sempre o lastro do partido. Os nazistas tinham ameaçado “arianizar” as firmas e lojas de departamentos pertencentes a judeus, que eram repetidamente acusados de empurrar para fora do negócio os pequenos comerciantes e empresários, comprando no atacado e vendendo abaixo do custo que seus competidores podiam cobrar. Tão logo os nazistas forçaram a saída dos negociantes judeus, estes foram substituídos por alemães – alguns dos quais, com o poder de fogo que a proximidade do poder lhes assegurava, se mostraram ainda mais implacáveis no tocante a cortar preços para quebrar a concorrência. As lojas de departamentos permaneceram abertas, mas sob propriedade alemã, e os novos donos frequentemente se recusavam a alugar unidades para feirantes, algo que os antigos proprietários faziam. Muitos pequenos negócios que vinham sobrevivendo com a esperança de que os nazistas criassem prosperidade

foram obrigados a fechar, vítimas da queda nas vendas e de fregueses que insistiam em comprar a crédito porque não podiam pagar de imediato suas compras.

Aqueles que lutavam para que seus negócios e lojas permanecessem lucrativos nos anos antes da guerra podiam dirigir uma petição ao *Blockleiter* (responsável pelo controle e vigilância de fatias dos conjuntos urbanos, que acompanhavam de perto a vida de seus concidadãos e chegaram a ser mais de 500 mil em fins dos anos 1930) para que este falasse em apoio a eles na sede local do partido, mas com frequência lhes era simplesmente dito para serem pacientes, já que Hitler não podia realizar milagres da noite para o dia e era preciso dar-lhe algum tempo para seus programas econômicos surtirem efeito. Quando outro ano se passava sem nenhum sinal de melhora na atividade comercial, eles podiam encaminhar novamente uma petição ao *Kreisleiter* (administrador local), que a essa altura teria sido informado pelos funcionários locais do partido para aconselhar os proprietários a vender seus estabelecimentos às grandes lojas ou a fechar seus negócios e buscar emprego no exército. Enquanto isso, eles podiam ganhar uns trocados vendendo assinaturas do jornal do partido, o *Völkischer Beobachter*, ou recolhendo contribuições em prol da Ajuda do Inverno – embora eles próprios provavelmente tivessem quase tanta necessidade de auxílio quanto os pobres para quem estavam pedindo ajuda.

Fabricação de bandeiras com suásticas em 1933: trabalhadoras em condições próximas da escravidão



KEYSTONE

INFÂNCIA SOB O TERCEIRO REICH

Algumas facilidades básicas que atualmente tomamos como fato cotidiano eram consideradas luxos por muitas famílias de trabalhadores nos anos 1920 e 1930. Ursula Dickreuther, membro do BDM (Bund Deutscher Mädel, Liga das Moças Alemãs), lembra-se de ter de tomar banho com água fria em seu prédio de apartamentos sem calefação, mesmo no mais rigoroso inverno. Sua família tinha de encher garrafas com água e aquecê-las no fogão para tentar aliviar o frio nas suas camas. Se tivessem sorte, a água ainda estaria morna pela manhã, e eles esvaziariam o conteúdo das garrafas numa bacia para se lavar.

Havia banheiros comunitários na maioria dos prédios de apartamentos, e assim os inquilinos tinham de se revezar ou combinar horários com os demais residentes. Casas de banho públicas ofereciam duchas por 50 *pfennigs* ou um banho de banheira por 1 marco, mas as famílias maiores improvisavam os banhos do melhor modo possível em casa para poupar uns poucos marcos.

No dia do banho, todas as crianças eram lavadas na mesma tina de madeira de lavar roupa, uma após a outra, com as mais novas dando o primeiro mergulho e as mais velhas entrando no final. Todas elas usavam a

mesma água, que ia sendo reforçada por baldes de água escaldante aquecida no fogão. Os pratos também eram lavados com água aquecida no fogão; em seguida os baldes tinham de ser esfregados com sabão para remover o anel de sujeira da borda. As roupas também eram lavadas à mão com uma tábua de lavar e uma escova de cerdas duras, em geral só uma vez por mês; a roupa úmida era pendurada dentro do apartamento, a menos que o tempo estivesse bom. O dia de lavar roupa era detestado pelas crianças, pois era o dia em que a mãe delas ficava ocupada demais para fazer comida, e elas tinham de se virar com sopa e pão.

Como muitas famílias eram forçadas a compartilhar equipamentos, era comum recorrer a penicos, que tinham de ser esvaziados a cada manhã. Sem papel higiênico, as pessoas eram forçadas a usar pedaços de jornal pendurados no banheiro comunitário. Mesmo essas dificuldades, porém, poderiam encontrar um lado positivo. Ursula acredita que seu hábito de ler os recortes de jornal lhe deu um bom impulso no início de sua educação.

Crianças alemãs nascidas em famílias de trabalhadores nos anos entreguerras experimentaram mais ou menos o mesmo nível de dificuldade de seus equivalentes em outros países europeus. Esperava-se que fizessem sua parte nas tarefas domésticas, buscando carvão e lenha, correndo às lojas atrás de uma coisa ou outra, e mesmo, especialmente no caso das meninas, varrendo, esfregando e encerando assoalhos, tirando o pó de tapetes e polindo peças de metal nas portas até que pudessem ver sua face refletida nelas.

Quando suas tarefas estavam feitas, podiam correr livremente pelas ruas, andar em suas bicicletas ou carrinhos ou se divertir com seus patinetes, se os tivessem. Na época, todos os brinquedos e jogos de tabuleiro, exceto os mais básicos, eram caros demais para a família de trabalhadores média, de modo que as crianças se voltavam para brincadeiras de rua que só precisavam de uma corda de pular, uma bola ou um pedaço de giz. Se não tivessem nada disso, o jeito era brincar de esconder, de pegar ou de caubóis e índios. É bom lembrar que a temática do Velho Oeste era uma febre na Alemanha desde a publicação das histórias de Karl May ambientadas na América que ele nunca visitara. O escritor era uma das admirações do Führer, que aconselhava os militares a ler suas histórias para “manter a moral alta”.

As saídas em família se limitavam a uma rara ida ao circo, ao cinema, ao parque de diversões ou ao teatro. Só a classe média podia pagar para nadar nas piscinas municipais; o resto tinha de esperar um tempo mais quente e recorrer ao rio ou lago local. O inverno, porém, trazia a emoção de andar de trenó (eram necessários apenas uma prancha de madeira e alguns fios para dirigi-la), da patinação no gelo (com ou sem patins) e, claro, das lutas com bolas de neve.

Operários na construção de uma Autobahn, próximo a Munique, em 1934: salário baixo e condições desumanas



ULLSTEIN BILDULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

EUTANÁSIA

Para aqueles que sofriam de uma deficiência física ou mental, a vida sob os nazistas se mostraria indizivelmente cruel. Tudo começou quando a esterilização compulsória dos cegos, surdos e deficientes físicos, e daqueles que sofriam de depressão crônica, foi legalizada em 1933 com a aprovação da Lei para a Prevenção contra uma Descendência Hereditariamente Doente. Até o alcoolismo crônico era considerado fundamento suficiente para tratamento e passou a funcionar um espantoso Tribunal de Saúde Hereditária. Dois anos depois, foi aprovada a Lei para a Proteção da Saúde Hereditária do Povo Alemão. Ela proibia os cidadãos portadores de doenças hereditárias ou infecciosas de casar e produzir “descendência doente ou antissocial”, que presumivelmente se tornaria “um peso para a comunidade”.

Nos quatro anos seguintes, foram realizadas 200 mil esterilizações compulsórias, e um sistema eficiente foi montado para pôr em prática o programa de eutanásia do governo. Manfred, o irmão deficiente mental de Gerda Bernhardt, foi uma das 5 mil crianças assassinadas pelos médicos nazistas para atender à política de eugenia abraçada pelo Führer. Não houve uma ordem oficial para isso, apenas uma *Führerstaat* (diretiva) que aparentemente se originou de uma observação casual feita por Hitler a seu médico pessoal, o dr. Karl Brandt, concernente aos méritos de matar aqueles “indignos de viver”.

Gerda recorda: “Manfred era um menino encantador, mas só conseguia dizer ‘mama’ e ‘papa’ ... Ele também aprendeu muito tarde a andar. Gostava de estar ocupado. Se minha mãe dissesse: ‘Traga um pouco de carvão do celeiro’, ele queria fazer isso repetidas vezes. Meu pai gostaria de colocá-lo em alguma espécie de hospital infantil, e então surgiu a opção por Aplerbeck, pois eles tinham uma grande fazenda ali e o menino ficaria ocupado”.

Aplerbeck, no entanto, fora estabelecido como uma “Unidade para Crianças Especiais”, na qual seria dada aos pacientes uma injeção letal (morfina-escopolamina), e os pais seriam informados de que haviam morrido de causas naturais. Gerda lembra da última vez que viu o irmão vivo. “Eles trouxeram o menino para a sala de espera. Havia um enfermeiro ali quando eu estava indo embora. O garoto ficou na janela e eu acenei e acenei e ele também acenou. Foi a última vez que o vi.”

Em outras unidades de “saúde”, públicas ou privadas, o governo nazista financiava pesquisas em seres humanos eram utilizados como cobaias, com o mero fim de investigação. Esses experimentos utilizavam técnicas como provocar doenças em indivíduos sãos para medir suas reações. Essas pesquisas, da mesma forma que os programas de extermínio e a prática de políticas eugenistas – estas últimas não eram exclusivas da Alemanha, na época –, contaram com a supervisão de médicos e o apoio do sistema judicial nazistas desde seu planejamento até a execução, que emprestavam um ar de legitimidade científica e moral a essas ações nefastas.

AS CRIANÇAS E A SUÁSTICA

Muito antes de os nazistas chegarem ao poder, Hitler havia declarado que a educação das crianças da Alemanha era uma prioridade, mas depois de 1933, quando as escolas públicas passaram ao controle da ditadura, tornou-se claro que não era a educação que Hitler tinha em mente, e sim a doutrinação. A ideologia racial e as espúrias pseudociências substituíram o conteúdo de disciplinas tradicionais, como a Biologia e a História.



Sala de aula em 1940: ideologia racial nazista era parte importante do currículo escolar

REPRODUÇÃO



Capa de um número da revista feminina nazista *Frauen Warte*.

© DEUTSCHES HISTORISCHES MUSEUM, BERLIN



Até a Matemática foi usada para disseminar a propaganda nazista. Um livro adotado em salas de aula continha um problema em que se perguntava aos alunos, por exemplo, quantos empréstimos de casamento de mil marcos podiam ser dados a saudáveis casais arianos se as 300 mil pessoas mentalmente doentes cuidadas ao custo de 4 marcos por dia pudessem ser eliminadas. Requeria-se dos professores que sancionassem o novo currículo e provassem sua lealdade ao partido ingressando na Associação Nazista de Professores – 97% o fizeram. Os restantes foram obrigados a deixar seus empregos. A terça parte das professoras foi obrigada a “aposentar-se” prematuramente no ano em que Hitler chegou ao poder para desempenhar seu papel primordial como donas de casa e mães.

Exigia-se dos professores do ensino fundamental e do ensino médio que assistissem a aulas de educação política e renegassem seus laços políticos anteriores. Mesmo depois de seu treinamento estar completo, eles eram informados de que seu desempenho seria monitorado pelos próprios alunos. Quaisquer infrações, desvios ou observações desleais seriam relatados ao Ministério Federal da Educação, que tinha entre seus encargos garantir que todas as escolas, universidades e institutos de pesquisa se moldassem à ideologia nacional-socialista.

A NOVA ALEMANHA

Um número de 1936-1937 da revista nazista para mulheres *Frauen Warte* listou os princípios educacionais da Nova Alemanha:

Raça: a educação nacional-socialista significa instruir-se nas ideias do povo alemão, compreender as tradições alemãs, despertar a pura, imaculada e honrada consciência do povo, seu senso de pertencimento à comunidade. Só um membro não corrompido da raça alemã pode ter uma tal compreensão de seu povo, complementando-a com a disposição de sacrificar tudo pela nação.

Treinamento militar: é evidente que a juventude alemã deve estar determinada a defender a pátria com a vida. Apesar de toda a baboseira sobre promessas e desarmamento, a Alemanha está cercada de inimigos. A juventude alemã deve, por isso, adquirir virtudes militares. Seus corpos devem ser endurecidos, tornados resistentes e fortes, para que os jovens

possam tornar-se soldados eficientes: saudáveis, resistentes, bem treinados, vigorosos e aptos a suportar privações.

Liderança: um jovem, sendo treinado para esses importantes deveres nacionais, deve aceitar a ideia de seguir o Führer absolutamente e sem questionar, sem um descontentamento nocivo, críticas, preocupação consigo próprio ou resistência.

Religião: Deus e a nação são os dois fundamentos da vida do indivíduo e da comunidade.

Embora o sistema escolar alemão sob os nazistas fosse concebido para inibir o avanço intelectual e funcionasse para condicionar as mulheres a aceitar um papel secundário na sociedade, muitos rapazes e moças que estudaram em escolas públicas durante o Terceiro Reich consideraram ter sido bem educados.

O sistema educacional em três níveis que existe hoje na Alemanha já operava na ocasião. A *Volksschule* recebia crianças de 7 a 11 anos e tinha classes separadas para meninos e meninas. No final do quarto ano, os alunos podiam escolher entre continuar por mais quatro anos, findos os quais podiam abandonar sem uma qualificação a educação em período integral, ou continuar numa escola preparatória (mais ou menos equivalente ao ensino médio) ou num *Gymnasium* (mais abrangente) por mais seis anos. Ambos eram exclusivamente para rapazes. Se as moças quisessem continuar sua educação, seus pais tinham de matriculá-las numa escola particular ou *Lyceum*.



Inauguração de trecho de autoestrada em 1938: progresso ilusório

Nas escolas equivalentes ao segundo nível do ensino fundamental e ao ensino médio brasileiro, o inglês era frequentemente ensinado como primeira língua estrangeira, com o francês como segunda língua. Os rapazes podiam ter também aulas de latim. As jovens em geral aprendiam habilidades secretariais, ciências domésticas, trabalhos de agulha, arte e música, além das matérias básicas.

A História foi literalmente reescrita para enfatizar os aspectos positivos do nacionalismo alemão e para atribuir a culpa pela derrota de 1918 aos bodes expiatórios convenientes – os vingativos vencedores aliados e os judeus.

PUREZA RACIAL NOS BANCOS ESCOLARES

A questão da pureza racial invadiu praticamente todas as disciplinas, da Biologia à Geografia, com ênfase na noção da necessidade de *Lebensraum* (espaço vital para o povo alemão). A preservação da “superior” linhagem ariana foi enfatizada e ilustrada por meio de filmes de propaganda produzidos com todos os melhores recursos disponíveis que comparavam os judeus a pragas transmissoras de doenças. Isso foi reforçado com vídeos e fotos de pessoas física e mentalmente deficientes, para justificar a política de esterilização forçada e eutanásia.

Teorias raciais fantasiosas eram apresentadas aos alunos já a partir dos

6 anos de idade sob o título genérico de *Rassenkunde* (ciência da raça). A base desse estudo era a estrutura da raça ariana, segundo a definição do teórico nazista Hans Günther, para quem o alemão era composto de subtipos (nórdico, mediterrâneo, báltico e alpino). As crianças aprendiam que era fato comprovado a superioridade da raça de senhores ariana e a inferioridade dos judeus, negroides e dos povos eslavos. Os estudantes não tiveram oportunidade de testemunhar a validade dessas teorias, pois todos os judeus haviam sido excluídos do sistema de escolas públicas depois de 1935, após a publicação das Leis de Nuremberg.

Alunos mais velhos estudavam Propedêutica Filosófica (a história da filosofia), que havia sido introduzida para instruí-los nas crenças enganosas e infundadas do “filósofo” nazista Alfred Rosenberg, cuja diatribe antissemita *O mito do século XX*, obra cuja importância teórica para o nacional-socialismo só é superada pela do *Mein Kampf*, era o texto-padrão para o curso.

Para Rosenberg, os arianos haviam fundado as mais importantes civilizações ocidentais, que tinham sido corrompidas pelo entrelaçamento racial. No caso de Roma, a culpa pela decadência era creditada ao judaico-cristianismo, e as invasões germânicas foram a salvação contra o caos absoluto.

Seu argumento central era que o homem não tem uma alma, mas é guiado pela intuição. De acordo com Rosenberg, “grandes homens” como Hitler eram capazes de inspirar seus seguidores apelando para a intuição deles, do mesmo modo que se acreditava que os líderes religiosos conseguiam elevar a consciência de seus devotos e discípulos. Hitler negou ao livro o status de publicação oficial do partido, incomodado com o seu paganismo, mas ele permaneceu no currículo porque era marginalmente mais compreensível do que *Mein Kampf*. Em contrapartida, quase todo livro didático estava pontilhado de citações deste último. Até mesmo um livro de biologia da quinta série para meninas equiparava a hierarquia do reino animal com a superioridade da nação alemã e seu direito de subjugar as raças “inferiores”: “Aquele que quer viver deve lutar, e aquele que não quer lutar neste mundo de luta perpétua não merece viver!” (Adolf Hitler, *Mein Kampf*).

DA ESCOLA AO QUARTEL

Na mesma página, as futuras mães da nação eram recordadas da

afirmação de seu Führer: “O mundo não existe para as nações covardes!”. Também se afirmava explicitamente que o propósito da educação era tornar as jovens alemãs aptas para os deveres do lar: “O objetivo da educação das mulheres deve ser prepará-las para a maternidade” (*Mein Kampf*). Para os rapazes, a escola era uma etapa prévia do serviço militar: “A tarefa do exército no Estado étnico não é treinar o indivíduo em marchas, mas servir como a mais alta escola para a educação no serviço da pátria” (*Mein Kampf*).

Dentro dessa perspectiva, a Educação Física tornou-se uma disciplina central no currículo. A presença era compulsória e a competitividade, impiedosa, incentivada e, eventualmente, recompensada. O fracasso em atingir um padrão mínimo de aptidão podia resultar em expulsão, ao passo que ultrapassar o padrão requerido podia levar o aluno a chamar atenção do corpo de seleção das Escolas Adolf Hitler, fundadas para identificar candidatos adequados para a SS e outras funções públicas nas quais os jovens entravam aos 12 anos, permanecendo por seis em regime de extrema disciplina, antes de serem alocados em universidades. “Os fracos devem ser desbastados. Quero jovens homens e mulheres capazes de suportar a dor. Um jovem alemão deve ser tão veloz quanto um galgo, tão resistente quanto couro e tão duro quanto aço Krupp”, disse Adolf Hitler.

Quando a guerra começou, havia falta de professores experientes. Isso significou que duas ou mais classes tinham de ser combinadas. Nos distritos rurais, houve a ampliação de 45 ou mais alunos por classe para receber as crianças evacuadas das cidades. A disciplina, porém, era extremamente rigorosa e imposta com o recurso a punições corporais. Esperava-se que os alunos, quando um professor entrava, ficassem de pé, em posição de sentido, e fizessem a saudação de Hitler. Não havia uniformes escolares, mas esperava-se que todos os alunos vestissem seus uniformes da Juventude Hitlerista ou da BDM em dias especiais, como o aniversário de Hitler (20 de abril de 1889) e o do Putsch da Cervejaria (9 de novembro de 1923), quando Hitler e os camisas-marrons fizeram um levante fracassado em Munique.

Contudo, o inato temperamento brincalhão e a desconfiança dos jovens adolescentes na autoridade não podiam ser suprimidos tão facilmente. Um dos truques usados por estudantes era distrair um professor que aplicaria uma prova fazendo-lhe uma pergunta sobre

Hitler ou as origens do partido, sabendo que a explicação viria necessariamente num longo discurso, deixando tempo insuficiente para a prova.

ARQUIVO MUNICIPAL GRÄFELFING



Turma de meninos da *volksschule*, modelo de escola que recebia crianças de 7 a 11 anos, em 1944

OS EXCLUÍDOS

A vida na Alemanha de Hitler era muito diferente para as crianças não arianas. A menina de 10 anos Susan Oppenheimer vivia, segundo seu relato, feliz e despreocupada até o momento em que seus professores e

amigos da escola começaram a se comportar de modo diferente em relação a ela. Era a primavera de 1933. As crianças não arianas foram deslocadas para o fundo da classe e excluídas de certas aulas, entre elas Educação Física, sem jamais receber uma explicação do motivo disso. Susan havia sido particularmente boa em alemão, mas foi informada de que seus ensaios não seriam mais lidos em voz alta na classe porque “somente um verdadeiro alemão poderia ser bom no estudo da língua alemã”. Por sorte, ela conseguiu continuar seu treinamento atlético ingressando num clube para os filhos de veteranos da Primeira Guerra Mundial, pois seu pai havia servido no exército alemão durante a Grande Guerra. Gradualmente, porém, seus amigos arianos pararam de falar com ela, que ficou apenas com as crianças judias como companhia. Seus antigos amigos haviam ingressado na Juventude Hitlerista e não eram mais autorizados a se relacionar com crianças judias. Quando o faziam, era somente para lançar-lhe insultos, o que magoava e confundia Susan, já que ela não conseguia entender por que eles a odiavam.

AP PHOTOS



Então, no verão de 1938, todos os alunos não arianos foram proibidos de ter aulas nas escolas públicas alemãs e Susan teve de ser matriculada numa escola particular. Nelas os estudantes aprendiam assuntos que lhes seriam úteis se fossem forçados a emigrar, o que muitos naquele momento já estavam se preparando para fazer. Então veio a *Kristallnacht* e a intimidação e a discriminação assumiram uma forma mais violenta e mais explícita.

Susan se recordava de ter sido acordada naquela noite por gritos enquanto oito jovens membros das SA irromperam na casa da família e começaram a destruir tudo o que viam. Eles trancaram seus pais em um banheiro para depois atacar Susan e a irmã mais nova. As meninas foram arrastadas para fora da cama e a camisola de Susan foi esvaquiada. Ela ouvia os pais gritando e chorando, sem ter como intervir. Então, os baderneiros das SA mandaram Susan se vestir, mas, quando ela abriu o guarda-roupa, eles o puxaram em cima dela e foram embora, acreditando tê-la matado. Felizmente, o móvel caiu sobre uma mesa tombada, deixando um espaço justo para a adolescente aterrorizada se arrastar para fora e confortar a irmã, que havia se protegido com cobertores, agora cobertos de cacos de espelho.

No dia seguinte, a família limpou os destroços de seu apartamento com a ajuda de uma faxineira idosa, que admitia ser uma seguidora convicta de Hitler e que não podia acreditar que ele tivesse aprovado aquela destruição gratuita.

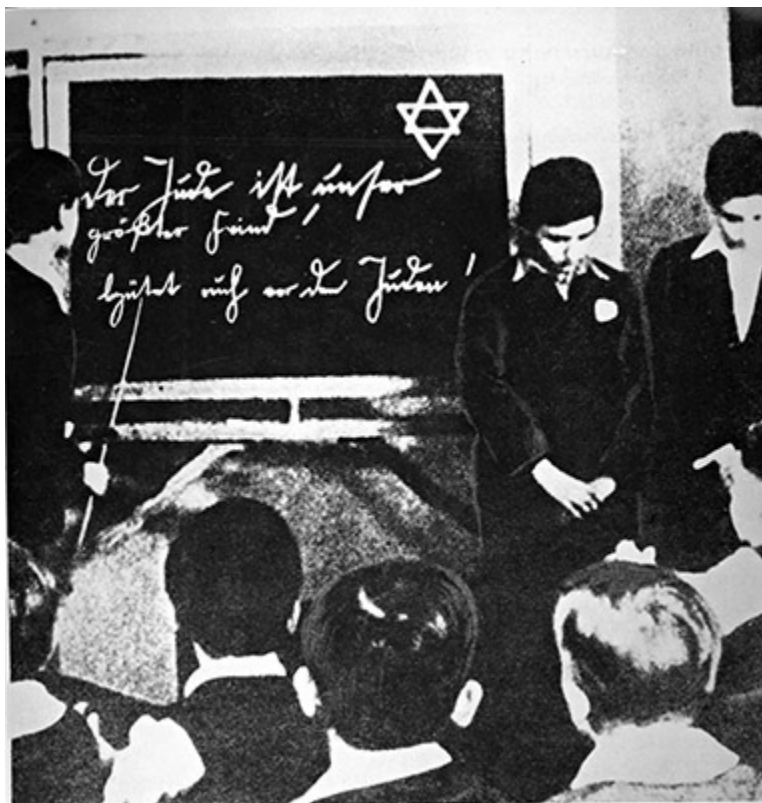
Mais tarde naquela manhã, Susan pegou sua bicicleta para visitar amigos da família e ver se estavam bem – ninguém se atrevia a usar o telefone, por medo de que estivesse grampeado pela Gestapo, cujos métodos incluíam também a abertura de correspondências pessoais. Todos haviam sofrido experiências traumáticas na noite anterior. Agora, pediam uns aos outros que deixassem a cidade, uma vez que o notório perseguidor de judeus Julius Streicher, o *Frankenführer*, fundador do jornal antissemita Der Stürmer, estava organizando para aquela noite um comício de massa em que, temia-se, incitaria mais ataques contra os judeus de Nuremberg. A família Oppenheimer decidiu ir de carro até o consulado britânico em Munique, mas foi detida logo ao chegar à cidade. O pai de Susan foi preso e o carro dele, confiscado. Quando sua mãe perguntou quando poderia rever o marido, responderam-lhe que ela

receberia suas cinzas. Mais tarde, Susan ficaria sabendo que ele já estava a caminho de Dachau.

HUMILHAÇÃO NA ESCOLA

Judy Benton teve uma experiência similar como estudante em Meissen, próxima a Dresden. Ela também foi mandada para o fundo da classe, mas com a indignidade extra de ter que sentar em uma carteira pintada de amarelo e inscrita: "Aqui senta uma garota judia suja". O professor se recusava a dar notas a seus trabalhos e foi-lhe negado o prêmio por ser a melhor da classe, após lhe terem dito que ela não o havia merecido. Ela, porém, não reclamou quando foi informada de que o prêmio seria uma cópia de *Mein Kampf*.

Judy lembra, com algum amargor, que os professores dificilmente deixavam passar uma oportunidade de ridicularizá-la. Em uma ocasião, um deles trouxe um cartaz que dizia explicar como identificar um judeu: listava cabelo preto, um grande nariz adunco e dedos amarelados de tanto contar dinheiro. Enquanto isso, seu pai havia perdido o negócio que mantinha a família: uma pequena fábrica de utensílios domésticos, tomada pelos nazistas. Um dia, ela voltou da escola e encontrou a porta de casa aberta e seus pais desaparecidos. Uma vizinha lhe disse que eles haviam sido levados pela Gestapo e que ela seria presa se ficasse. Mostrando grande presença de espírito, pegou seu passaporte, o dinheiro que sua mãe escondera para emergências, além de uma pequena mala, e correu à sinagoga em Dresden, onde a orientaram a se juntar a um *Kindertransport*, uma operação financiada por um fundo britânico que levava crianças desacompanhadas em segurança à Grã-Bretanha.



Em 1935, meninos judeus humilhados diante de quadro com a inscrição: "Os judeus são nossos inimigos"

Sem um fiador para patrociná-la e recebê-la no final da viagem, ela estava correndo um sério risco, mas, ao chegar à estação de onde partiria o trem para a primeira parte da jornada, ela foi abordada por mães que lhe imploravam, chorando, que cuidasse de seus filhos pequenos. Ela percebeu que parecia mais uma cuidadora que uma criança e teve a brilhante ideia de comprar um uniforme de enfermeira e se passar por uma profissional, mesmo tendo apenas 17 anos. A ideia salvou-lhe a vida e ela teve filhos, netos e bisnetos na Inglaterra, mas jamais reencontrou a família.

Frederic C. Tubach, nascido nos EUA, viajou na direção oposta. Em 1933, aos 3 anos de idade, foi levado pelos pais da segurança de sua casa em São Francisco para a Alemanha, onde conheceu filhos de famílias nazistas e antinazistas, assim como de outras várias que eram divididas por suas crenças políticas, e fez amizade com eles.

Seu próprio pai filiou-se ao partido, mas sua mãe se opunha firmemente a extremistas de todo tipo. Ele lembra que os nazistas seduziam todos os segmentos da sociedade, fazendo-os acreditar que o nacional-socialismo

beneficiaria todos os membros da comunidade, e se certificavam de ter uma forte presença visual em cada cidade. Um exemplo particularmente eficaz era a grande caixa de doações para os pobres pintada de vermelho vivo, que trazia uma sensação de solidariedade dentro da comunidade. Todos, mesmo aqueles que não tinham muito sobrando, contribuíam, cientes de que estavam ajudando os vizinhos menos afortunados.

VATICAN PICTURE GALLERY



Jovens marcham com bandeiras nazistas durante desfile em fevereiro de 1936, em Berlim: incentivo a "impulsos violentos"

Para as crianças, a grande atração era saber que teriam a aprovação do "tio Adolf" caso se saíssem bem nos esportes. Como incentivo extra, um desempenho destacado nos esportes rendia uma promoção na Juventude Hitlerista, então as crianças passaram a se preocupar mais com suas notas e a tentar melhorar suas marcas. Frederic lembra que ele e os amigos eram encorajados em seu amor pelo esporte pelas fábricas de cigarros, que produziam cartões colecionáveis dos atletas olímpicos alemães, que viraram seus heróis.

MOLDANDO AS MENTES JOVENS

“Nosso Estado (...) não deixa que um homem siga livre do berço à sepultura. Começamos nosso trabalho quando a criança tem 3 anos. Assim que começa a pensar, uma pequena bandeira é colocada em sua mão. Então vêm a escola, a Juventude Hitlerista, as SA e o treinamento militar. Não deixamos escapar uma única alma e, quando está tudo feito, há a Frente para o Trabalho, que se apossa deles quando estão crescidos e não os deixa escapar até que morram, quer gostem ou não” (dr. Robert Ley, líder da Frente para o Trabalho nazista).

Aos 13 anos, Frederic foi escolhido para frequentar um campo de desenvolvimento nazista, onde observou em primeira mão como eram moldadas as mentes jovens. Quando os meninos de seu quarto foram questionados sobre um incidente que poderia levar à sua expulsão da escola, se recusaram a entregar o culpado e acabaram parabenizados por demonstrarem solidariedade. “Eles não estavam interessados em moralidade ou comportamento social”, concluiu. A mensagem era: “Você pode fazer o que quiser, pode deixar seus impulsos adolescentes violentos fluírem, não importa, desde que você o faça por nós”.

Ele não achou os líderes da Juventude Hitlerista convincentes porque o que eles ensinavam era “emotivo e inconsistente”. Os nazistas, em sua opinião, não eram tão proficientes em técnicas de controle quanto os stalinistas, que exerciam controle sobre cada aspecto da vida diária:

“O fato de os conceitos nazistas serem tão vagos e sem embasamento em fatos históricos dava oportunidade aos fanáticos para dizerem o que lhes aprouvesse, contanto que estimulasse o ódio e o preconceito. A família era mais importante para a maioria de nós. Se a família fosse antinazista, o filho provavelmente também seria. Essa é uma das razões pela qual os nazistas queriam minar a família”.

Como resultado da lei que instituiu o Reichsarbeitsdienst (Serviço de Trabalho do Reich), aprovado em 1935, todos os homens jovens entre 18 e 25 anos eram obrigados a deixar seus lares e ir viver por seis meses em campos de trabalho, onde participavam de programas comunitários como escavação de fossos e drenagem de pântanos. Ao mesmo tempo, os pais poderiam estar em encontros do partido; suas mães, engajadas em atividades sociais organizadas pela Liga das Moças Alemãs; e os irmãos mais novos, caminhando com a Juventude Hitlerista. Longe de preservar a família alemã tradicional, como havia prometido fazer, o regime estava atuando para isolar as crianças da influência dos pais e trabalhando sobre

cada membro para garantir que sua lealdade fosse antes de tudo ao partido. A influência dos pais era ainda mais enfraquecida por saberem que os filhos tinham o poder de denunciá-los, mesmo que só por pirraça, quando houvesse uma discussão. As crianças eram encorajadas também a ter um “interesse ativo” nas opiniões políticas dos pais por seus professores, que lhes pediam que escrevessem redações sobre a vida em família e os assuntos discutidos pelos pais.

Naquela época, a Igreja exercia forte influência moral sobre considerável parcela da população, sobretudo no sul da Alemanha, predominantemente católico, especialmente a Baviera. Por essa razão, os nazistas buscavam ativamente minar a autoridade da Igreja por meio da imposição de traços neopagãos nas cerimônias, com casamentos e funerais com temática nazista, em que a cruz poderia ser substituída pela suástica, e Hitler ocuparia o lugar central reservado a Cristo.

Entretanto, a convicção religiosa impediu muitos cristãos devotos de aceitar Hitler como um novo messias. Ainda assim, jovens como o professor Tubach sentiam na época que o mantra que entoavam em cada reunião do *Jungvolk* em honra do Führer tinha a intenção de investir Hitler de uma aura especial e dar poder a seus seguidores da mesma forma que um hino comunal dá a um fiel um senso do divino.

O professor Tubach se recordava também de que, no campo, ele e seus jovens companheiros eram encorajados a fazer tanto barulho quanto quisessem enquanto esperavam refeições e durante reuniões – contrastando nitidamente com a costumeira oração que muitos deveriam fazer em casa. O partido evidentemente queria subverter a criação religiosa tradicional dos garotos para destruir “sensibilidades morais”. Esses impulsos associais eram vistos como atributos positivos pelos autores de vários manuais de liderança: “A proteção do lar e o comportamento burguês são desprezíveis. A laboriosidade na escola é descartada em benefício da coragem e da capacidade física”(Geist der Jungmannschaft, 1934).



Agentes de formação do Serviço de Trabalho do Reich, c. 1940: obrigatoriedade para os homens entre 18 e 25 anos

JUVENTUDE DOUTRINADA

“Em meu *Ordensburg*... crescerá um jovem que irá espantar o mundo. Quero ter uma juventude violenta, destemida e cruel... Eles devem sofrer e vencer a dor. Nada gentil e fraco deve sobrar neles” (Hitler, *Der Nationalsozialismus, Dokumente 1939-1945*, ed. Walther Hofer).

As *Ordensburg* eram escolas militares de elite na era nazista, onde eram admitidos quadros acima de 25 anos, e representavam o ápice de um doutrinamento que começava muito cedo. Um dos muitos crimes cometidos pela liderança nazista que não chegaram a ser objetos de julgamento em Nuremberg foi a traição à juventude da nação. Durante os 12 anos de jugo nazista, uma geração de jovens foi doutrinada com a enganosa ideologia racial do regime, condicionada a se submeter à autoridade sem questionar e compelida a se filiar a organizações juvenis que suprimiam sua individualidade para criar autômatos obedientes e sem alma.

Ilse McKee tinha 11 anos de idade quando Hitler chegou ao poder, em 1933, o ano em que o número de membros da Juventude Hitlerista cresceu de 50 mil para mais de 2 milhões. A organização fora formada em 1926, mas acredita-se que a frequência regular fosse de cerca de 25% até

que a filiação se tornou obrigatória, em dezembro de 1936, quando suas fileiras incharam para mais de 4 milhões (90% da juventude da nação).

Costuma-se afirmar que o ingresso nos grupos juvenis nazistas era compulsório, com todo garoto ariano acima dos 14 anos sendo compelido a se juntar à Juventude Hitlerista e aqueles entre 10 e 14 devendo entrar para a *Jugendvolk*, mas isso não era obrigatório até 1939.

Sem dúvida, as atividades mais populares para os meninos eram os *Geländespiele* (jogos de guerra), que requeriam astúcia, estratégia e iniciativa para vencer e capturar determinado ponto de referência da equipe que o defendia. Até esse inocente jogo infantil era adaptado para encorajar o autossacrifício pelo bem comum, em vez de uma solução racional que conseguisse o objetivo, minimizando a perda de vidas. Era óbvio até para o membro mais subserviente e não pensante da Juventude Hitlerista que os exercícios tinham menos a ver com o escotismo do que com treinamento militar.

COLEÇÃO MATT BENTLEY



Moças de um dos grupos juvenis nazistas, cujo contingente total chegava a 7,5 milhões de componentes

As meninas deveriam entrar para a Liga das Moças Alemãs ou organizações assemelhadas, levando o total de membros desses grupos juvenis para 7,5 milhões, ou três quartos daqueles que tinham idade para participar. Muitos jovens, porém, haviam sido alistados após suas organizações juvenis apolíticas terem sido dissolvidas e seus membros, automaticamente absorvidos pelos grupos juvenis nazistas. Mesmo então, havia formas de evitar participar por motivos médicos ou simplesmente em virtude de ter de estudar, o que não deixava tempo para atividades extracurriculares.

MENINAS EM MARCHA

Os dois ramos femininos do Bund Deutscher Mädel (BDM, Liga das Moças Alemãs) mostraram-se inicialmente mais populares que suas equivalentes masculinas porque ofereciam às meninas a oportunidade de participar de atividades consideradas mais apropriadas para meninos, como as trilhas. Além disso, elas prometiam ensinar-lhes assuntos que não eram incluídos no currículo das escolas estatais, especificamente artes, artesanato, música e teatro, bem como o feitiço e conserto das próprias roupas e atividades domésticas básicas.

Nem todos na liderança nazista, entretanto, estavam impressionados com suas capacidades e disciplina recém-adquiridas. Alguém entreouviu Himmler comentar que, quando via meninas marchando em fileiras vestidas com suas *Kletterjacke* (jaquetas de escalada) marrons, blusas brancas e saias azul-escuras, sentia o estômago revirar. Os pais também tinham suas reservas, particularmente aqueles que prefeririam ver os filhos na igreja em uma manhã de domingo, em vez de saindo em grupo para excursões pelo campo.

Meninas entre os 10 e os 14 anos eram encorajadas a entrar para a Jungmädel (Liga das Jovens Moças), o ramo infantil da BDM, cujos únicos requisitos para admissão eram a pureza racial e um padrão mínimo de aptidão física e capacidade atlética. As meninas deveriam frequentar aulas noturnas duas vezes por semana e estar presentes em todos os encontros da juventude e eventos esportivos. Os finais de semana eram um programa contínuo de atividades em grupo envolvendo trilhas com equipamento completo, caças ao tesouro, acampamentos e eventos de levantamento de fundos. Essas atividades se mostraram benéficas à aptidão física, mas deixavam pouco tempo para o trabalho escolar.

Consequentemente, muitas não conseguiam obter uma educação básica sólida ou qualificações essenciais. Era comum os professores reclamarem que as alunas estavam muito cansadas para se manter acordadas nas aulas da manhã depois de terem participado de uma reunião noturna do BDM.

COLEÇÃO MATT BENTLEY



Mulheres também participavam do Serviço de Trabalho do Reich

As aulas noturnas invariavelmente eram ministradas por meninas não muito mais velhas que as que elas estavam instruindo e consistiam principalmente em músicas e palestras políticas, que as mais velhas ministravam por simples repetição, normalmente entendendo pouco do que estavam ensinando. Para manter a disciplina, eram organizados exercícios em que as meninas marchavam para cima e para baixo como soldados em uma parada, enquanto os *Scharfuehrerinnen* (líderes de grupo) gritavam ordens. Deve ter parecido sem sentido para meninas daquela idade, sobretudo quando constantemente ouviam que estavam sendo preparadas para a maternidade.

Tanto as aulas dos meninos quanto as das meninas eram dadas no

mesmo prédio, para que todos pudessem participar das palestras sobre questões raciais e a importância de aumentar a taxa de natalidade. Ilse McKee se lembra de não conseguir segurar uma risadinha ao pensar nos “franguinhos rechonchudos e de perninhas finas” que deveriam ser os pais dos soldados do futuro. Inevitavelmente, havia numerosas adolescentes grávidas. As meninas sentiam orgulho em vez de constrangimento, já que consideravam ser seu dever gerar a maior quantidade possível de bebês.

FRAUDE ELEITORAL

Uma vez que os nazistas se aboletaram no poder, puderam dar por certo que o resultado de quaisquer eleições ou plebiscitos futuros estaria a seu favor. Infelizmente para eles, na eleição de março de 1936 sua fraude eleitoral lhes causaria algum embaraço quando o resultado mostrou exatamente 99% dos votos aprovando a lista para o Reichstag, composta de nazistas e “independentes” apontados pelo partido, em cada distrito de Berlim. Em Friedrichshagen, 15 centros de votação registraram tantos votos a favor da lista quantos eleitores registrados, e os outros cinco tinham apenas um voto a menos. Como *Gauleiter* (líder partidário) de Berlim, o dr. Goebbels não achou graça e ordenou um encontro de oficiais do partido e ativistas em que ele os advertiu para que fossem mais circunspectos no futuro.



Hitler em visita às obras da estrada entre Main e Frankfurt, em setembro de 1933

Em Hamburgo, as cédulas, que também funcionaram como um plebiscito nacional sobre a reocupação alemã da Renânia, foram numeradas usando-se tinta invisível, e aqueles que votaram contra foram presos em seguida. Sabendo disso, o bacharel Peter Bielenberg se voluntariou para ajudar com a contagem em seu distrito de Berlim mais tarde no mesmo ano – em uma eleição convocada para aprovar mais políticas do partido – e ficou exultante ao ver que muitos haviam votado “não”. Na manhã seguinte, porém, os jornais declaravam uma votação unânime a favor do partido, confirmando o que todo alemão de pensamento livre temia: a oposição fora efetivamente silenciada e não seria pelo voto que se conseguiria derrubar o ditador.



O MITO DA RAÇA SUPERIOR

A IDEOLOGIA NAZISTA TOMA CONTA DE TODOS OS ASPECTOS DA VIDA, MAS NÃO SEM ALGUMA RESISTÊNCIA

Enquanto toda a Alemanha parecia marchar em compasso atrás de seu líder, havia um pequeno, mas significativo, número de inconformados que escolheram dançar em outro ritmo. Apesar de ser necessária considerável dose de coragem para zombar abertamente dos ditames de um regime totalitário, os “garotos do *swing*”, como passaram a ser conhecidos, não eram estrategistas políticos. Nem todos eram, de fato, opositores do regime. Muitos deles eram, simplesmente, adolescentes determinados a exercer seu direito de fazer o que bem entendessem. Eles se ressentiam de receber ordens quanto ao que deveriam vestir, como cortar o cabelo e o que deveriam ouvir. O fato de estarem vivendo sob o regime mais repressor dos tempos modernos não os impediu de afirmar sua individualidade.

Em meados da década de 1930, uma nova forma de jazz americano, mais acelerado e sincopado, eletrificava as ondas das rádios por todo o mundo e enchia as pistas dos salões de baile e clubes noturnos. Era o chamado *swing*, e a juventude alemã não via motivo para apenas ficar olhando o mundo livre se divertir dançando *Jitterbug*. O regime fizera saber que não aprovava a “música da floresta” e o que vinha junto: um visual mais ousado e colorido, visto como espalhafatoso e decadente.

Para o governo, ambos eram parte de uma conspiração global para minar o nacional-socialismo e contaminar a cultura ariana.

A música era condenada por, supostamente, encorajar o sexo casual, a bebida em excesso e relacionamentos íntimos inter-raciais. Então, os fãs de *swing* disfarçavam, fazendo festas em casas privadas e nos porões de bares e cafés, mas continuavam a ostentar um desafio público ao se vestir de modo chamativo e com penteados inspirados em artistas de cinema americanos.

Os meninos penteavam o cabelo comprido para trás com brilhantina, em contraste com o cabelo curto obrigatório da Juventude Hitlerista, enquanto as meninas adotavam penteados longos e adereçados, sem as tradicionais tranças usadas pelas moças do BDM.

ESTILO AMERICANO

Os garotos do *swing* vinham, sobretudo, das classes médias e altas da sociedade alemã, o que lhes permitia usar roupas e acessórios relativamente caros e seguir um estilo de vida mais hedonista.



"Garotos do swing" em um *hot club*, local onde se reuniam para conversar e ouvir música

Havia variações regionais, mas os rapazes geralmente se identificavam usando *zoot suits* que iam até os joelhos e jaquetas folgadas trespassadas com lapelas largas, que viam em fotografias de cantores de jazz americanos, talvez com uma sobrecasaca como aquelas usadas pelos valentões dos filmes de gângster, como Humphrey Bogart e James Cagney. As barras dobradas nas calças eram obrigatórias, assim como sapatos com solados claros e um cachimbo. Um chapéu estilo Homburg, com a aba larga voltada para cima, completava o tipo.

As moças copiavam os ícones da moda de Hollywood tanto quanto as restrições sobre roupas, sapatos e cosméticos importados permitiam. O uso de maquiagem era malvisto pelos nazistas, que a viam como sinal de promiscuidade sexual e declaravam ser contrária à aparência saudável natural da mulher ariana, mas as mulheres aplicavam tanto quanto podiam e em cores tão berrantes quanto conseguissem encontrar. Era sabido que as esposas dos oficiais nazistas continuavam a usar batom, esmalte, máscara e pó de arroz na presença de Hitler, e, assim, as moças

do *swing* não viam por que deveria ser-lhes negada a oportunidade de ficarem atraentes.

Em desafio aberto à estética nazista, as meninas do *swing* imitavam o estilo magro, andrógino e de cintura pinçada popularizado pelas modelos parisienses, e os ternos com calças que as estrelas de cinema Katherine Hepburn e Bette Davies tornaram parte essencial de sua imagem. As atrizes de Hollywood deram às garotas modelos de comportamento elegantes e confiantes. Elas se deixavam fotografar afetando uma pose despreocupada, portando uma longa piteira, que as moças alemãs também copiaram, em desafio ao desprezo de Hitler com o fumo (a Alemanha foi o primeiro país a promover uma campanha antitabaco, encampada pelos nazistas). Além das roupas, um *hepcat* usava também gírias próprias e caminhava pelas ruas com atitude tranquila e desleixada – a antítese da disciplina estrita instilada nas escolas hitleristas.

Os jovens do *swing*, porém, eram mais que um movimento de rebeldia jovem ou uma moda provocativa. Eles eram fãs apaixonados de uma música que, para eles, simbolizava liberdade pessoal. O fato de ela ser efetivamente banida na Alemanha significava que o simples fato de a ouvirem na BBC ou em transmissões americanas os colocava sob o risco de serem presos. No entanto, a proibição tornava tudo mais atraente.

CHARLIE E O SWING NAZISTA

Como os discos eram difíceis de conseguir e os gramofones, uma raridade, alguns fãs do *swing* foram forçados a fazer cópias ilegais para si e para amigos usando cortadores de discos portáteis, o que os deixava ainda mais expostos. Entretanto, a maioria ouvia jazz nos clubes e em festas particulares, organizadas por alguém que tinha ou conseguia emprestado um gramofone.

Para alguns, não era o bastante ouvir ou dançar. Eles queriam tocar a música eles mesmos, e logo bandas caseiras de *swing* estavam tocando ao estilo de Duke Ellington, Woody Herman, Benny Goodman e Count Basie. Goebbels tentou contra-atacar a loucura formando o rival do regime contra Basie, Charlie e sua Orquestra. A banda fazia propaganda nazista em meio a números de *swing* duvidoso, com letras cantadas num inglês com incontornável sotaque alemão, para ser transmitida para Inglaterra e Estados Unidos.

Apesar da remota possibilidade de o amor pelo jazz formar a base de um movimento de resistência sólido, as autoridades ficaram alarmadas ao saber que as danças livres incluíam gestos provocativos como uma versão da saudação de Hitler que incorporava o “V da vitória” de Churchill. Zombar da saudação *Sieg Heil* era uma violação punível com prisão. E estar abaixo da maioria legal não era desculpa. Em outubro de 1942, Helmut Hübener, de 17 anos, se tornou a mais jovem das 16.500 pessoas guilhotinadas durante os anos de Hitler. Seu crime foi distribuir panfletos contra a guerra baseados em transmissões da BBC. No entanto, a ameaça de uma punição tão severa não pareceu frear o entusiasmo dos jovens do *swing*. Outras frases aparentemente inocentes em inglês ou em iídiche eram jogadas em conversas casuais para identificar outro fã do *swing* (“*Swing Heil*” era a saudação ou despedida mais comum) ou para provocar a ira de xeretas ou transeuntes.

Em 1940 as autoridades tentaram acabar com o movimento impondo um toque de recolher aos menores de 18 anos, mas se mostrou impossível de fazer cumprir, uma vez que eles costumavam usar documentos falsos para entrar nos clubes, bares e salões de dança. Mesmo sem tais papéis, era difícil determinar sua idade real, devido às roupas adultas e ao uso de maquiagem pesada pelas meninas.

A mania era tão endêmica em algumas cidades que um relatório oficial foi encomendado pelo Ministério da Justiça do Reich na primavera de 1944: “Esses grupinhos começam suas atividades a partir de um impulso egoísta de se divertir, mas rapidamente se deterioram em gangues criminosas antissociais. Mesmo antes da guerra, meninos e meninas da elite social de Hamburgo se reuniam vestidos com roupas claramente largas e se hipnotizavam sob o encantamento da música e dança inglesas. Eles costumam vestir jaquetas cortadas à moda escocesa, carregam guarda-chuvas e colocam botões de cores chamativas em suas lapelas como medalhas de sua arrogância. Eles imitam o estilo de vida decadente inglês, porque veneram os ingleses como o ápice do desenvolvimento evolutivo da humanidade”.

O Flottbecker Clique, grupo de Hamburgo que organizava festas privadas, foi censurado pelo Ministério da Justiça sob a acusação de promover “eventos lascivos” em que até 600 adolescentes se lançavam em “dança descontrolada de *swing*” durante o inverno de 1939-1940 e por se oporem abertamente à Juventude Hitlerista, com seus membros

recusando-se, ou pelo menos resistindo o mais possível, a se juntar ao movimento. Mesmo após as autoridades terem banido essas festas privadas, os jovens desafiadores continuaram a organizar “comemorações ilegais cheias de travessuras sexuais”.

À medida que as condições de vida na Alemanha se deterioraram, o movimento enfraqueceu-se. As autoridades estavam confiantes de que “métodos de evacuação tornados necessários pelas condições dos tempos de guerra” haviam ajudado a separar esses grupos.

HERITAGE IMAGES



Durante o lançamento de um navio militar, em 1936, o operário August Landmesse se recusa a fazer a saudação nazista

A OVELHA NEGRA

Os jovens do *swing* eram uma turma exclusivamente branca e de classe média e alta que compartilhava uma paixão pelo quente e “exótico” jazz americano e sua variação inglesa, mais suave. Havia, porém, um jovem entre eles para quem a música era mais que mera obsessão adolescente. Hans-Jürgen Massaquoi era um saxofonista talentoso cuja musicalidade

o salvaria da fome após a guerra, quando ele conseguiu um emprego tocando para marinheiros mercantes americanos em clubes de Hamburgo. Durante a era Hitler, Massaquoi teve a experiência única de ser uma das poucas ovelhas negras alemãs crescendo no Terceiro Reich.

Filho de um relacionamento inter-racial (seu pai ausente era um estudante de direito do oeste da África e sua mãe, uma alemã branca), ele foi excluído, mas não perseguido pelo regime, apesar de ter sofrido abusos racistas na escola e nas mãos de outras crianças em sua vizinhança. Ele acreditava que havia escapado da deportação ou de um destino pior simplesmente porque o regime não se preocupava tanto com as poucas crianças mestiças para planejar algum tipo de extermínio.

Massaquoi foi criado pela mãe acreditando que era um alemão “como todos os outros”, então não conseguia entender por que seus professores se recusavam a permitir que ele entrasse para a Juventude Hitlerista. Ele queria se alistar para poder participar de todas as atividades que os amigos aproveitavam e admirava aquele bonito uniforme. “Os nazistas davam os melhores shows entre todos os partidos políticos. Havia paradas, fogos de artifício e uniformes – esses foram os meios pelos quais Hitler trouxe os jovens para suas ideias.”

Então, depois de ter insistido com sua mãe, ele conseguiu se alistar em um ramo chamado *Deutsches Jungvolk*, o que rendeu olhares suspeitos dos outros meninos, arianos loiros de olhos azuis. Massaquoi, porém, se recusava a ser intimidado.

Neto de um rico oficial consular da Libéria, ele teve uma infância privilegiada em uma mansão e estava cercado de serviçais brancos, o que o levou a acreditar que ser negro significava pertencer à classe superior. No entanto, depois de seu pai e seu avô terem voltado para a Libéria em 1929, quando o menino tinha apenas 3 anos de idade, a mãe foi forçada a encontrar emprego como uma mal remunerada assistente hospitalar, o que mal cobria o aluguel de seu pequeno apartamento em um distrito popular de Hamburgo.

Ele, porém, recuperou um pouco de seu orgulho ferido ao ter sido levado em uma viagem escolar aos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, onde testemunhou o atleta negro Jesse Owens bater os atletas arianos, supostamente superiores. Também naquele verão, o boxeador americano Joe Louis, o “Bombardeiro Negro”, nocauteou o campeão de Hitler, Max Schmeling, no primeiro round de uma revanche. Depois disso,

os colegas de classe de Massaquoi o apelidaram de “Joe”.

Como um cidadão de segunda classe, ele foi posteriormente dispensado do serviço militar, excluído da educação superior e proibido de exercer todas as profissões, então engoliu o orgulho e aceitou um emprego de aprendiz de maquinista. Sobrevivente do bombardeio aliado que reduziu a maior parte de Hamburgo a escombros em julho de 1943, ele emigrou para os EUA, onde se formou em jornalismo, o que futuramente o levaria à editoria da revista *Ebony*.

Cerca de 20 mil negros viveram na Alemanha durante o regime nazista. Os que mais sofreram foram os mestiços da Renânia, que eram filhos de alemães com soldados da ocupação francesa oriundos do norte da África. Muitas dessas crianças – estimadas em 400 – foram submetidas à esterilização para não levar a outras gerações uma descendência considerada humilhante pelos nazistas.

AS OLIMPÍADAS DE BERLIM

“Agora eu vi o famoso líder alemão e também a grande mudança que ele causou (...) Os velhos confiam nele. Os jovens o idolatram (...) nem uma palavra de crítica ou desaprovação eu ouvi sobre Hitler” (Ex-primeiro-ministro britânico David Lloyd George, em *“Eu falei com Hitler”*, 17 de novembro de 1936).

O fato de a Alemanha ter recebido a honra de sediar os Jogos Olímpicos de 1936 foi motivo de celebração por todo o país e um impulso para o orgulho nacional. Para os mais críticos, entretanto, aquilo servia para legitimar a revolução nacional-socialista que fazia valer seu jugo de ferro com barbaridade medieval, incluindo tortura, espancamentos punitivos e decapitações.

Agora, a imprensa mundial seria convidada a se maravilhar com as mudanças que haviam ocorrido na capital do Reich e seus críticos teriam de engolir suas palavras. Essa era a esperança de Joseph Goebbels, que via nos jogos uma oportunidade para que o regime mostrasse os notáveis avanços do nacional-socialismo. Ele comentou: “Pense na imprensa como um grande teclado que o governo pode manipular”.

Hitler não se entusiasmou a princípio, mas entendeu a importância do evento na promoção do esporte entre a juventude da nação e também a oportunidade que os jogos dariam ao regime para provar a superioridade atlética dos arianos. A liderança nazista encarregou a

cineasta Leni Riefenstahl de gravar o evento para fins de propaganda. Apesar de seus colegas homens na indústria tentarem de tudo para sabotar seus esforços, o apoio de Hitler garantiu que ela acabasse recebendo todos os recursos de que necessitava para fazer um dos documentários mais impressionantes e politicamente questionáveis de todos os tempos. Em uma sequência particularmente eficaz, Leni retratou seus esportistas como estátuas vivas representando o ideal ariano da força e beleza físicas e os comparou aos atletas da Grécia antiga.

COLEÇÃO PARTICULAR



Os "garotos do *swing*", com vestuário característico e penteados que contrastavam com o cabelo curto obrigatório da Juventude Hitlerista

A decisão de realizar os jogos em Berlim, na verdade, havia sido tomada um ano antes de os nazistas ascenderem ao poder, mas isso foi desprezado pelo Ministério da Propaganda na coletiva de imprensa que

anunciou o evento, assim como as perguntas sobre as circunstâncias sob as quais o Comitê Olímpico Internacional (COI) relutantemente concordara em realizar a 11ª Olimpíada no coração do Reich de Hitler. Membros do comitê expressaram alarme quanto aos relatos da imprensa estrangeira sobre o aprisionamento de opositores políticos e a perseguição às minorias, especificamente a exclusão dos atletas judeus, que eram bastante conhecidos na comunidade atlética. Na verdade, alguns membros do COI estavam preocupados em não referendar as iníquas leis raciais do regime e pressionaram por uma votação para mudar a sede. A liderança nazista então ordenou ao membro alemão do Comitê, dr. Karl Ritter von Halt, que escrevesse ao presidente do COI negando os rumores e relatos: “Os eventos na Alemanha têm a ver exclusivamente com políticas domésticas. Em casos individuais, esportistas têm sido afetados. Se certa imprensa antialemã sente-se impelida a expor essas questões domésticas alemãs no palco olímpico, então isso é uma extraordinária pena e mostra sua má disposição contra a Alemanha sob a pior luz possível”.

O ministro do esporte alemão, Hans von Tschammer und Osten, não se desculpou pelas políticas manifestamente racistas de seu país: “Tomaremos medidas para que em nossa vida nacional e nas competições com outras nações apenas alemães contra quem nenhuma objeção possa ser levantada tenham o direito de representar a nação”.

NADA DETÉM BERLIM

Como consequência dessas declarações, vários atletas americanos que haviam se classificado para os jogos decidiram boicotar o evento, mas não estavam em número suficiente para causar algum impacto. No entanto, se os EUA e outras democracias ocidentais tivessem tomado uma posição firme contra o fascismo naquele momento, retirando-se em massa dos jogos, é possível que os nazistas tivessem sido forçados a refrear seu programa de perseguição.

Nem mesmo a reocupação alemã da Renânia, em março, ou a eclosão da Guerra Civil Espanhola, em junho (o que sepultou o projeto de um evento rival, planejado para ocorrer em Barcelona), impediram o COI de organizar o que o alemão Victor Klemperer chamou, em seu diário, de “uma empresa inteiramente política”. E, para garantir o sucesso da empreitada, Klemperer observou: “Os slogans cantados nas ruas foram

banidos (pela duração das Olimpíadas); a agressão aos judeus, os sentimentos beligerantes, tudo ofensivo desapareceu dos jornais até 16 de agosto (...) Em artigos escritos em inglês, a atenção de “nossos convidados” é repetidamente levada ao quanto as coisas transcorrem pacífica e agradavelmente por aqui (...) Temos tudo em abundância. Mas o açougueiro aqui e o verdureiro reclamam de escassez e aumento de preços, porque tudo tem que ser mandado para Berlim”.

Klemperer notou que o “mais repugnante” aspecto da campanha nazista para ganhar os corações e mentes estrangeiros é que o Estado fingia ser “um livro aberto”, mas, pergunta ele: “Quem escolheu e preparou as passagens em que o livro se abre? (...). A ditadura prossegue sua opressão em segredo e age com hipocrisia extrema enquanto condena publicamente a Frente Popular francesa por seu apoio aos comunistas espanhóis”.

O regime aprendera com seus erros ao sediar as Olimpíadas de Inverno, em fevereiro daquele ano. A imprensa estrangeira relatara ter visto manobras militares na sede de Garmisch-Partenkirchen, nos Alpes bávaros, e publicara fotos de placas antijudias que eram mostradas com destaque em locais públicos. Os governantes locais haviam instalado as tais placas e aprovado uma lei proibindo a condução de negócios, além da compra ou o aluguel de propriedades na cidade por judeus. Nove meses antes do início dos jogos, o chefe do comitê organizador, Karl Ritter von Halt, um membro das SA, escrevera ao Ministério do Interior expressando sua preocupação quanto ao recrudescimento do sentimento antijudaico na área. “Não expresso minha preocupação para ajudar os judeus”, assegurou ao ministério, “mas, se a propaganda continuar dessa forma, a população de Garmisch-Partenkirchen estará tão inflamada que irá atacar e ferir indiscriminadamente qualquer um que simplesmente pareça judeu.”



Charlie comandava um pastiche de orquestra de *swing* patrocinada pelo regime para levar propaganda nazista à Inglaterra e aos EUA



O dirigível Hindenburg na cerimônia de abertura das Olimpíadas de Berlim, em 1936

Para os jogos de verão, todas as placas com restrições aos judeus foram removidas; os cartazes antissemitas, retirados; a presença militar na capital, reduzida e 800 ciganos, reunidos e confinados a um subúrbio fora da vista dos turistas. Além disso, a polícia foi instruída a ignorar quaisquer infrações menores às leis anti-homossexuais opressivas e a manter a discrição. Por trás das cenas, entretanto, o regime se recusava a relaxar a censura.

IMPRENSA SOB CABRESTO

A Câmara de Imprensa do Reich de Goebbels publicou vários editos antes da cerimônia de abertura para garantir que os jornalistas alemães soubessem a quem ser leais e o que se esperava deles.

Eles foram avisados para não mencionar que havia duas não arianas na equipe nacional feminina. Os atletas negros não deveriam ser mencionados em termos raciais para não ofender os americanos e, acima de tudo, se eles publicassem qualquer coisa antes da nota oficial à imprensa, o fariam por sua própria conta e risco.

Assim, a 11ª Olimpíada dos tempos modernos foi aberta com pompa e circunstância em 1º de agosto de 1936, ante 100 mil pessoas, incluindo embaixadores, enviados e convidados. Entre eles estava o aviador Charles Lindbergh, que foi recompensado por suas expressões públicas de admiração pela nova ordem.

O dirigível *Hindenburg* sobrevoou o estádio puxando a bandeira olímpica, gerando um rugido entusiasmado da plateia, seguido por uma fanfarra de trombetas, enquanto Hitler entrava ladeado pelos oficiais do Comitê Olímpico, com suas sobrecasacas e cartolas. Quando uma banda militar tocou uma marcha de Richard Strauss, todo o público pareceu se erguer ao mesmo tempo, levantando os braços na saudação hitlerista e gritando "*Sieg Heil!*".

Para o evidente deleite de Goebbels e outros dignatários nazistas, nenhuma das 52 nações participantes atendeu ao pedido de boicote e a maioria das delegações visitantes marchou em frente ao estrado baixando suas bandeiras em homenagem ao anfitrião e fazendo a saudação fascista. Apenas os americanos mantiveram sua bandeira erguida, o que provocou assovios e vaias da plateia. Mais tarde, os nazistas explicariam que a desfeita era devido a regulamentações oficiais do exército americano, que proibiam a equipe de baixar a bandeira para

qualquer um além do presidente dos EUA.

Goebbels declarou o dia “uma vitória para a causa alemã”, apesar do fato de o atleta negro americano Jesse Owens ter feito da supremacia ariana motivo de chacota ante a imprensa do mundo.

O *New York Times* concluiu: “Para Hitler foi um dia de triunfo, excedendo talvez qualquer outro antes. Desde logo após o amanhecer, quando uma parada militar descendo a Unter den Linden e voltando reviveu o velho costume imperial de ‘Grande Espera’, até que ele se retirou, após a meia-noite, foi objeto de um entusiasmo que excedeu quaisquer limites. Esses Jogos Olímpicos tiveram uma abertura notável, além das expectativas, que já eram altas. Eles parecem poder conseguir o que os governantes da Alemanha francamente desejavam deles, ou seja, dar ao mundo um novo ponto de vista do Terceiro Reich: é promissor que esse ponto de vista sejá obtido de um Monte Olimpo da Paz”.

Nem todo jornalista que esteve em Berlim foi seduzido pelos sorrisos obsequiosos e a hospitalidade fingida. Um jornal britânico descreveu os jogos de verão como um “comício do Partido Nazista disfarçado de evento esportivo”, enquanto o correspondente em Berlim William S. Shirer escreveu, sarcástico, em seu diário, em 16 de agosto: “Temo que os nazistas tenham tido sucesso com sua propaganda. Primeiro, esbanjaram na organização dos jogos de forma nunca antes vista, e isso seduziu os atletas. Segundo, fizeram um papel muito bom para os visitantes em geral, especialmente os homens de negócios”.

A VITÓRIA DE JESSE OWENS

Apesar da recusa de Hitler de honrar em público o desempenho de Jesse Owens, que havia agradado à plateia, ou o valor de 13 atletas judeus que ganharam medalhas (incluindo uma de prata para a esgrimista alemã Helene Mayer e uma de bronze para a austríaca Ellen Preis), o Führer considerou o evento um triunfo. Ele disse ao seu arquiteto, Albert Speer, que dali em diante toda Olimpíada se realizaria em Berlim (os jogos seguintes estavam marcados para ocorrer em Tóquio, em 1940, o que foi impossibilitado pela eclosão da guerra).

CENTRAL PRESS/GETTY IMAGES



Em 1º de junho de 1936, o norte-americano Jesse Owens salta para o ouro na Olimpíada de Berlim

AP PHOTO



Owens no lugar mais alto do pódio: desempenho do atleta expôs a falácia da superioridade ariana

Nos bastidores, entretanto, as Olimpíadas de Berlim se mostraram uma maldição para vários de seus participantes. Dois dias após a cerimônia de encerramento, o chefe da Vila Olímpica, capitão Wolfgang Fürstner, cometeu suicídio após ter sido exonerado do exército por causa de sua ascendência judaica. No ano seguinte, depois de negado seu ingresso na equipe alemã, a campeã do salto em altura Gretel Bergman fugiu da Alemanha para escapar do destino que se abateu sobre tantos de seus patrícios judeus. Se lhe tivesse sido permitido competir, acredita-se que ela poderia ter ganhado mais um ouro para seu país.

É Owens, porém, quem a história lembra como o homem que desafiou um ditador e revelou a falácia da superioridade ariana. Ele era, entretanto, apenas um entre 18 atletas afro-americanos que participaram das Olimpíadas de Berlim, 14 dos quais ganharam um quarto das 56 medalhas obtidas pelos EUA. Ironicamente, todos voltaram para casa para enfrentar a segregação e o preconceito em seu próprio país. Owens não ganhou nenhum prêmio, já que competia como

atleta amador, e foi reduzido a fazer o que se pode descrever como aparições pessoais constrangedoras para ganhar a vida.

Nas últimas semanas da guerra, o Estádio Olímpico foi usado pelas SS para executar 200 “traidores”, muitos deles adolescentes. Após Berlim ter sido reduzida a escombros em 1945, ele permaneceu intacto, um monumento a uma época em que o mundo se deixou seduzir por um regime extremamente eficiente na arte da mistificação.



VIVENDO COM O INIMIGO

DIAS DE TENSÃO SOB O MAIS TOTALITÁRIO DOS REGIMES DA HISTÓRIA

A austríaca Kitty Werthmann tinha 12 anos quando seu país votou esmagadoramente a favor da anexação pelo Reich no plebiscito de março de 1938. Para Hitler, o ex-cabo austríaco que sempre evocava seu começo como um artista pobre na Viena dos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, foi um triunfo pessoal voltar ao país em que nascera – mas no qual lhe fora negado o acesso à Academia de Belas-Artes – e ser festejado como líder.

Kitty não conseguia entender por que uma “nação cristã” elegera tal homem. No final da década de 1930, porém, a Áustria sofria com alto desemprego e inflação galopante, e qualquer político que conseguisse despertar a esperança de uma mudança na situação econômica não teria sido investigado muito a fundo. Ela se lembra: “Os fazendeiros estavam quebrando; os bancos haviam tomado suas fazendas. Os negócios estavam fechando um a um. Eles não conseguiam pagar os juros. Não era incomum na minha casa cerca de 30 pessoas por dia baterem à porta pedindo um prato de sopa e um pedaço de pão. Meu próprio pai estava por um fio. A economia estava tão ruim que parecia que não poderíamos mais existir”.

Se a Alemanha se recuperara da Depressão, parecia razoável acreditar que Hitler faria o mesmo milagre econômico por sua terra natal. Kitty continua: “Ele não falava como um monstro, mas como um político americano. Não ouvíamos nada ruim, coisas sobre ele prender e perseguir pessoas. Achamos que ele era um grande líder”.

ANSCHLUSS

No dia em que Hitler passou de carro pelas ruas de Viena, sendo recebido como herói por multidões em júbilo, houve um surto de agressões aos judeus que fez empalidecer alguns dos líderes nazistas. Só mais tarde ficou claro que Hitler retornava não como um filho pródigo, mas como um conquistador: “Ganhamos rádios de graça, então ele nacionalizou as emissoras. Disseram-nos que, se ouvíssemos transmissões estrangeiras, seríamos inimigos do Estado. Então ele nacionalizou o sistema bancário, depois de saquear todos os bancos judeus”.

Depois da guerra, os austríacos falariam com pesar dos anos de Hitler, como se tivessem sido ocupados por uma força invasora, e se refeririam à rendição como o “armistício”, mas há aqueles que não veem distinção entre os austríacos e seus irmãos nazistas.



Em março de 1939, infantaria do exército nazista desfila em Kufstein, na Áustria: recepção calorosa



Família em abrigo antiaéreo particular, no início dos anos 1940

O camponês polonês Stefan Terlezki tinha 14 anos quando foi levado da escola pela Wermacht em 1942 e transportado em um caminhão de gado até Voitsberg, perto de Graz. Lá, ele foi vendido como escravo e trabalhou quase até a morte para seu dono austríaco, um fazendeiro. Ele sobreviveu roubando batatas para complementar a escassa sopa que recebia como alimentação. Esse tubérculo era tão abundante que ninguém notava quando uma ou duas sumiam. "Trabalhar em uma fazenda era um inferno pela simples razão de que, como escravo, você não tem direito a nada. Apenas lhe diziam: 'Faça isso, faça aquilo, venha cá, vá lá'. Na verdade, nunca me chamaram pelo nome, e me perguntava se algum dia seria chamado de Stefan. Não tinha direito a isso nem a qualquer outra coisa. Chamavam-me de muitas coisas, menos Stefan, e aquilo era difícil de engolir. Apenas imagine: 14 anos de idade e levado como escravo. Tinha de cuidar de mim. Não tinha ombros para chorar além dos meus próprios."

PREGANDO O EVANGELHO

Nos anos imediatamente anteriores à chegada dos nazistas ao poder, a dona de casa de Hamburgo Christabel Bielenberg, britânica de nascimento, frequentemente ouvia amigos da família e vizinhos, cuja intensidade e devoção a Hitler a princípio pareciam quase engraçadas, falando sobre os benefícios do nacional-socialismo. Ela se tornou uma cidadã alemã em 29 de setembro de 1934, o mesmo dia em que ela se casou com um jovem estudante de Direito, Peter Bielenberg, que viria a ser preso por seu papel na malsucedida tentativa de matar Hitler dez anos depois. Ele sobreviveria.

Christabel suspeitava que os jovens seus conhecidos que pregavam o credo nazista esperavam conseguir convertê-la para sua causa. Ela, porém, ouvia apenas por educação e curiosidade. Seu marido se opunha ideologicamente ao fascismo sob qualquer forma e nunca se cansava de lembrá-la de que a única vez que ouvira Hitler falar, no Zoológico de Hamburgo, tivera a pior das impressões.

Tendo vivido tanto nos distritos mais abastados quanto nos mais modestos de Hamburgo em seus dias de estudante, Christabel estava familiarizada com a opinião amplamente compartilhada sobre quem era culpado pelos problemas da Alemanha. Tanto do professor universitário com quem ela dividiu um alojamento quanto das famílias de classe média com quem ela ficaria depois, ela ouvia os mesmos argumentos: a aristocracia e o exército prussianos não perderam a guerra, mas haviam sido “apunhalados pelas costas” por judeus e comunistas.

Os alemães pareciam acreditar que tinham sido a única nação que sofrera privações como resultado da guerra. Apenas Hitler entendia suas preocupações e poderia trazer estabilidade e segurança para a Alemanha, no Reichstag e nas ruas. Ele acabaria com a violência esmagando os comunistas e havia prometido restaurar o orgulho nacional rasgando o odiado Tratado de Versalhes e retomando os territórios ocupados tirados deles após 1918. Estava claro, mesmo para uma pessoa de mente apolítica como Christabel, que essa era uma questão emocional e não estava aberta para um debate racional e razoável. Ela achava cansativo ouvir sermões a cada oportunidade e ficava estupefata com a facilidade e sinceridade com que seus vizinhos engoliam a propaganda nazista, assim como com sua devoção espalhafatosa a Hitler. Como alemães honestos e trabalhadores poderiam esperar conseguir um trabalho decente se não tivessem

amigos judeus influentes, lhe perguntavam. Muitas famílias alemãs respeitáveis perderam quase tudo durante a Depressão. Apenas os judeus floresceram, diziam. A imprensa nazista lhes fornecia fatos e números, devidamente distorcidos, para provar.

SUÁSTICAS DOMINAM A PAISAGEM

Quando Hitler se tornou chanceler, em 30 de janeiro de 1933, ela ficou feliz por essas pessoas zelosas poderem ter agora a chance de ver o que seu amado Führer poderia fazer pela Alemanha – ela estava intimamente confiante de que logo se desiludiriam e outro partido político assumiria o poder em pouco tempo.

No entanto, dois anos depois, os sinais claros de uma nova ditadura estavam visíveis em cada cidade. Bandeiras com a suástica tremulavam em todos os prédios públicos e praças em todo o país haviam sido rebatizadas em homenagem ao Führer. Os excursionistas alegres que ela vira uma vez nas estradas do campo agora usavam uniformes da Juventude Hitlerista. Os meninos tinham o cabelo cortado curto; as meninas faziam tranças nos seus, e muitos homens mais velhos que antes mostravam pouco interesse em política agora exibiam um bigode à Hitler. O individualismo parecia ter evaporado do dia para a noite.

O marido de Christabel se viu confrontado por novos requisitos impedindo seu caminho na profissão escolhida que não tinham nada a ver com capacidade acadêmica ou qualificação. Todos os candidatos precisavam comprovar sua “confiabilidade política” e deveriam se submeter a dois meses de doutrinação intensa em um campo semimilitar, que também os submeteria a um regime físico estrito.

Entretanto, com todo o enfado que Christabel e Peter sentiam ao testemunhar o nascimento da Nova Alemanha, era difícil negar que a atmosfera geral mudara para melhor. O medo de uma segunda crise financeira parecia ter sido substituído por um otimismo cauteloso e certo senso de propósito. Jovens à-toa e desempregados que antes se aglomeravam nas esquinas agora marchavam em belos uniformes, revelando orgulho em sua aparência e brilho nos olhos. Seus pais trabalhavam com vigor renovado, confiantes de que os esforços seriam recompensados.



Suástica e imagem de Hitler em cerimônia do serviço de trens da Áustria, em 1942:
dominação nazista no campo do trabalho

Apesar de alguns terem expressado desaprovação aos métodos empregados por Hitler para expurgar do partido os elementos mais desordeiros, era geralmente aceito que a eliminação de Röhm e seus camisas-pardas na Noite Dos Longos Punhais, em julho de 1934, fora necessária para restaurar a ordem. A rivalidade entre o exército e as SA, que ameaçava se converter em uma contrarrevolução, foi resolvida, e o exército apoiava Hitler totalmente. Aquele fora o preço que precisava ser pago pela “revolução”, mas já não havia conversas de dissidência ou batalhas campais nas ruas entre grupos políticos rivais. E a supressão implacável dos elementos desordeiros das SA mereceu o respeito invejoso da comunidade internacional. A Alemanha retomara sua dignidade e seu lugar no palco mundial. E todos estavam novamente orgulhosos de serem cidadãos do Reich.

AUTOESTIMA EM ALTA

Christabel percebeu que as pessoas pareciam mais contentes e se comportavam melhor em público que antes. Os alemães pareciam ter recomposto sua autoestima e sua respeitabilidade e, em troca desse ganho, não pareciam dispostos a questionar os métodos da liderança. O nacional-socialismo não era tanto um programa político quanto um culto secular que oferecia a cada cidadão leal aquilo de que eles haviam sido privados: o amor-próprio. Parecia que todos tinham seu lugar na nova ordem e a todos era garantido que sua contribuição era valorizada.

Christabel, que descreveria sua experiência sob o Terceiro Reich em dois livros – *The past is myself* (1968) e *The road ahead* –, conta que havia uma multidão de promessas: trabalho para os desempregados e oportunidades iguais para todos assim que os judeus fossem legalmente excluídos das universidades e profissões; condições econômicas iguais para os pequenos negócios assim que os dos judeus fossem arrancados deles; contratos de longo prazo para a indústria, forças armadas completamente renovadas para o Alto-Comando, tarefas importantes para os servidores civis, títulos prestigiosos para os burocratas e um novo currículo, de temática racial, que garantiria emprego para os professores. Mesmo a dona de casa comum via seus esforços não remunerados na manutenção da casa percebidos, e havia medalhas para as mães que tivessem mais filhos.

Para aqueles indivíduos de categoria social mais baixa, mas que desejavam ser notados ou exercer poder sobre os vizinhos, havia a oportunidade de um emprego como líder de bloco de seu prédio de apartamentos, o que lhes permitia desempenhar o intimidador papel de informante.

TODO O PODER AO JARDINEIRO

Em Berlin-Dahlem, Christabel foi confrontada com o fato de que *Herr Neisse*, seu jardineiro, agora tinha o poder de fazer que ela e seus vizinhos fossem presos pela menor suspeita de deslealdade. Uma observação descuidada ou uma contribuição inadequada para as arrecadações do partido poderiam ter consequências terríveis.

Herr Neisse era um dos “homens comuns” típicos, que havia depositado sua fé em Adolf Hitler depois de ter perdido as poucas economias durante a Depressão. Eles se identificavam com o Führer, com quem compartilhavam as origens humildes e as aspirações modestas. E eles não

tinham motivo para duvidar dele quando identificou a causa de seus apuros e garantiu que teriam trabalho e comida para suas famílias se depositassem sua confiança no partido e seu voto na opção certa da cédula.

Assim como o cabo Hitler, *Herr Neisse* lutara na Grande Guerra e trabalhara duro quando voltou, economizando seus marcos e *pfennigs* por dez longos anos para poder ter o bastante a fim de se casar com sua amada. Ele não podia entender como alguns lucraram com a hiperinflação de 1923, que em sua cabeça fora gerada quando a Alemanha deixara de efetuar um pagamento de reparação, enquanto ele tivera as economias de uma vida eliminadas e fora reduzido à pobreza.

Herr Neisse não desgostava dos judeus em particular, mas passou a se ressentir do que o Führer chamava de “judaísmo internacional”, uma conspiração mítica de indivíduos anônimos que aparentemente eram culpados por todos os males da Alemanha. Quer ele realmente acreditasse nesse conveniente bode expiatório ou não, servia para explicar o que até então não conseguira de forma alguma entender. Para *Neisse*, *Herr Hitler* era tão convincente que seria ingratidão duvidar dele: o Führer era devotado à Alemanha e tinha um bom coração, como se percebe em suas constantes fotos com crianças e cães. Por que duvidar de sua sinceridade?

No entanto, verdadeiros crentes como *Herr Neisse* ficavam perplexos quando indagados por que o Führer havia assinado um pacto de não agressão com os bolcheviques, que apenas uma semana antes haviam sido desenhados em cartões-postais do partido empunhando chicotes temíveis sobre mulheres e crianças alemãs indefesas. O Führer deveria saber o que estava fazendo e não cabia a pessoas como seus seguidores questionar as razões do líder, era a resposta. Enquanto isso, os cartões-postais haviam sido retirados, apenas para serem substituídos por imagens idênticas com uma nova legenda. Em vez de “Condições em campos de concentração russos”, agora se lia “Campos de concentração britânicos durante a Guerra dos Bôeres”.



Desfile com a idealização da mulher alemã tipicamente nazista

A crueldade dispensada às vítimas famintas e brutalizadas presas nos campos de concentração nazistas não era conhecida ou, no mais das vezes, era convenientemente esquecida por pessoas crédulas como *Herr Neisse*. Quanto aos rumores de que a elite do partido vivia no luxo em suas mansões em Berlim e apenas adulavam o nacional-socialismo, *Herr Neisse* diria somente que Hitler ainda não tinha conhecimento dessas coisas. Essa era a sua resposta-padrão a qualquer coisa que soasse remotamente crítica ao regime. E é óbvio que não valia a pena provocar *Herr Neisse* ou pressioná-lo sobre esse assunto, sob pena de acabar figurando em seu próximo relatório.

CONVERSAS PERIGOSAS

De fato, em um regime que definiu o próprio sentido do termo “totalitarismo”, não se podia confiar em ninguém. Mesmo a conversa mais casual com um vizinho tinha de ser reservada e livre de qualquer comentário que pudesse ser desconstruído como expressão de insatisfação com seu quinhão. Nunca se podia ter certeza de que um encontro fortuito não havia sido arquitetado para pegar alguém de surpresa e tirar algum comentário que pudesse ser usado para provar deslealdade ao regime.

“A maioria dos alemães, até onde pude ver, não parecia se importar que liberdade pessoal ter sido retirada, que tanto de sua esplêndida cultura estivesse sendo destruída e substituída por um barbarismo irracional, ou que sua vida e seu trabalho estivessem sendo disciplinados em um grau nunca antes experimentado nem mesmo por um povo acostumado, há gerações, a uma grande carga de disciplina... No todo, as pessoas não pareciam sentir que estavam sendo intimidadas e pressionadas por uma tirania inescrupulosa. Ao contrário, pareciam apoiá-la com entusiasmo genuíno” (William L. Shirer, *The nightmare years*).

A vida diária do cidadão comum era acompanhada pelo sempre vigilante olho dos *Kreisleiter*, os líderes locais, que monitoravam e reportavam quaisquer infrações para a Gestapo. Cerca de 80% das investigações da polícia secreta eram atribuídas aos informantes, como afirmou Roger Moorhouse, em *Berlin at war* (Vintage Books, 2011). Os alemães eram, como um todo, respeitosos da autoridade e aderiam a regras e regulamentos. Eles se orgulhavam do *Ordnungsliebe* (amor à ordem), mas a presença desses oficiais locais logo se tornou intrusiva e intimidadora. Rotineiramente, olhava-se para a esquerda e a direita antes de fazer quaisquer observações que pudessem ser interpretadas como críticas ao regime, especialmente em locais públicos, um hábito que ficou conhecido como “*german glance*” (olhar alemão).

A promoção a líder de bloco dava a esses indivíduos uma visibilidade pouco antes alcançada e ascendência sobre seus vizinhos, e muitos obviamente tinham prazer em exercer tal atividade. Apenas na província de Hesse-Nessau, havia 33.165 informantes oficiais na folha de pagamento do partido, segundo o levantamento de Thomas Berger (*Lebenssituationen unter der Herrschaft des Nationalsozialismus*, Niedersächsische Landeszentrale für Politische Bildung, 1981).

O escritor alemão Bernt Engelmann cita um exemplo de como o regime encorajava os cidadãos a se tornar cúmplices de seus crimes. Um conhecido identificado apenas pelo primeiro nome, Kulle, contou ao escritor de quando seu pai sentiu não ter opção além de delatar um completo desconhecido para se salvar de ficar sob suspeita. Foi no verão de 1935, e a família de Kulle estava hospedada em um hotel onde o pai conversou com outro hóspede, um pintor. Os dois homens travaram “discussões muito interessantes” durante sua estada e, ao final, o outro deixou a *Herr Kulle* o jornal que estava lendo. Era um jornal antinazista

publicado em Paris, e *Herr Kulle* temia que um casal pró-nazista o tivesse visto lendo a publicação. Ele não tinha dúvida de que eles o denunciariam na primeira oportunidade, a julgar pelo entusiasmado "*Heil Hitler*" com que o cumprimentavam a cada manhã. Então, ele o amassou rapidamente e afetou estar ultrajado por ter sido levado a lê-lo. Seu pensamento rápido provavelmente o salvou, já que o outro hóspede era um *Untersturmführer* nas SS, que relatou imediatamente o incidente à Gestapo. O pintor foi preso. Kulle nunca soube o que aconteceu com ele, mas acreditava que foi apenas por denunciar um estranho que seu pai se livrou de suspeitas e conseguiu manter seu trabalho e talvez sua vida.

© STADTARCHIV MUNIQUE



Vitrines de lojas de judeus quebradas após a Noite dos Cristais

PRIVATE COLLECTION REINHOLD KAINBRECHT



Funcionários fazem saudação nazista em cerimônia de hasteamento de bandeira, em 1940

AUTOMUTILAÇÃO MORAL

Os nazistas não tornaram a liberdade de expressão ilegal do dia para a noite. A censura veio escamoteada a princípio. Ficou mais difícil obter jornais estrangeiros. Aqueles que confiavam na cobertura do *The Times* londrino para se informar sobre os eventos internacionais com alguma imparcialidade, por exemplo, viram-se fazendo um esforço extra para serem os primeiros na banca de jornal quando as edições matinais eram entregues, já que a entrada foi limitada antes de ser completamente suspensa. Isso, porém, nem seria necessário. Logo, ler um jornal estrangeiro se tornou um ato dos mais ousados. Em pouco tempo, as notícias de fora ficaram tão raras quanto café de verdade, e havia risco de prisão para qualquer um que fosse pego ouvindo transmissões estrangeiras.

O motivo oficial para essa restrição era típico do duplípensar nazista. Eles o chamavam de *moralische Selbstverstümmelung* (automutilação moral). Segundo a argumentação, havia o risco de uma redução

deliberada da moral de um alemão que ouvisse propaganda inimiga. No entanto, sempre houve aqueles que queriam uma visão menos facciosa dos fatos e corriam o risco de uma pena de cinco anos de prisão. Eles ouviam com a cabeça colada ao alto-falante. Até isso era perigoso, já que as crianças contavam aos pais que um amigo dissera que seu pai ou mãe ouvia o rádio do mesmo jeito. Bastava um comentário descuidado desse perto de um membro zeloso do partido – e o comentário poderia perfeitamente vir de uma criança – para que os contraventores se vissem convidados a explicar suas ações na sede da Gestapo.

Em tais circunstâncias, os rumores e o disse-me-disse se tornaram a fonte principal de notícias. Havia relatos grotescos para provocar os crédulos, especificamente dando conta de que alguns dos líderes nazistas eram judeus (Goebbels, Rosenberg e Ley eram frequentemente mencionados nesses boatos) e histórias mais sinistras ainda sobre o que aguardava aqueles que eram presos no recém-construído campo de concentração de Dachau, nos arredores de Munique. Bem mais tarde, o destino dado aos prisioneiros virou tema do decreto que ganharia o nome de “Noite e Neblina”. Assinada em 7 de dezembro de 1941, essa lei determinava que aqueles que resistissem ao regime deveriam ser detidos e conduzidos aos campos de concentração. A alcunha da lei vem do fato de que as pessoas detidas simplesmente desapareciam em meio à noite e à neblina. Os familiares regularmente não eram informados sobre seu destino. Muitos estrangeiros pereceram sob os termos daquele decreto, nos campos de concentração de Gross-Rosen e Natzweiler-Struthof. No entanto, bem antes disso, os alemães comuns, confrontados pessoalmente com as consequências dos decretos e diretivas do regime, haviam entendido o custo humano de viver sob uma ditadura.

UM MÉDICO JUDEU

Para Christabel Bielenberg, isso ocorreu na noite em que um de seus filhos teve uma febre séria. Seu médico, que era judeu, foi chamado e passou a noite toda cuidando do menino, o que era incomum, já que ele costumava ser muito ocupado. Ela, porém, percebera que havia ficado mais fácil marcar uma consulta ou pedir um atendimento em casa nos últimos meses. Quando o médico estava saindo pela manhã, ele perguntou se *Frau* Bielenberg desejava realmente que ele continuasse cuidando da criança. Quando ela respondeu indagando por que ele estava

fazendo tal pergunta, o médico contou que haviam lhe ordenado fechar o consultório e recebera cartas ameaçadoras advertindo-o para que não tratasse crianças arianas. Como a inglesa insistiu em continuar com seu médico, foi aconselhada a não usar o telefone, mas ir pessoalmente à clínica ou a seu apartamento quando precisasse de uma consulta. Quando ela o fez, descobriu que ele fora deportado para a Holanda sem perspectiva de emprego e deixara todas as suas posses para trás. Dois anos depois, ficaria sabendo pela antiga empregada do médico que ele havia morrido subitamente. Alguns diziam que fora suicídio, mas Christabel suspeitava de outra coisa.

WILLY RÖMER



Oficiais da SA e placa que conclama ao boicote de loja judia em Berlim, em 1933

O marido, Peter, advogado, teve suas suspeitas sobre o regime confirmadas quando lhe pediram que defendesse um social-democrata acusado de distribuir panfletos ilegais. Tão logo Peter ofereceu uma defesa enfática que resultou na absolvição do cliente, o homem foi preso

sob o pretexto chamado eufemisticamente de “custódia protetiva” e jogado em um camburão, sem identificação, que saiu em disparada. Esforços vãos para descobrir o paradeiro do homem no quartel da polícia e o desdém com que seus requerimentos eram tratados finalmente convenceram o jovem advogado de que seus oito anos de treinamento legal agora para pouco serviam. Peter se ressentia do fato de que o pai trabalhara a vida toda para poder entregar um escritório próspero ao filho e agora ele seria abandonado. Era desalentadora, para o jovem liberal, a percepção de que ele fora derrotado por um governo que desprezava abertamente a lei e estava em flagrante violação dos direitos humanos básicos. “A intimidação eficiente só pode ser obtida pela punição capital ou por medidas pelas quais os parentes do criminoso e a população não saibam seu destino” (defesa do general Keitel do decreto da “Noite e Neblina”, em Nuremberg, 1946).

SINAL DOS TEMPOS

“Nenhuma classe ou grupo ou partido na Alemanha podia escapar de seu quinhão de responsabilidade pelo abandono da República democrática e o advento de Adolf Hitler. O erro maior dos alemães que se opunham ao nazismo foi sua incapacidade de se unir contra ele” (William L. Shirer, Ascensão e queda do Terceiro Reich: uma história da Alemanha nazista).

Se algum dos “amigos” estrangeiros da Alemanha, como eles gostavam de se autointitular – aqueles que admiravam Hitler abertamente e defendiam o direito da Alemanha de se rearmar, desafiando o Tratado de Versalhes –, escolhesse mostrar seu apoio visitando o país nos anos que se seguiram à nomeação de Hitler como chanceler, teria visto sinais inequívocos de que o Grande Reich era um Estado totalitário. Parques, instalações e cafés públicos tinham placas proibindo judeus, enquanto outros avisos proibiam as mulheres de fumar em público (os homens das SA arrancavam o cigarro da boca de qualquer mulher pega fumando, apagavam-no e a reprovavam por insultar o Führer, que não aprovava o hábito).

Cada oportunidade era aproveitada para demonstrar o zelo nacional-socialista e a lealdade ao partido. A imposição de regras e regulamentos por autoridades locais tornou-se uma praga, na qual cada um disputava quem mais aprovaria normas inspiradas nas diretrizes racistas do governo central. Hotéis e condomínios penduravam avisos informando

aos residentes que era seu dever mostrar a bandeira no aniversário do Führer. Muitas lojas, restaurantes e cafés penduravam em destaque avisos aos clientes de que a saudação usada com o pessoal da casa deveria ser "*Heil, Hitler!*". Qualquer atitude que não a obediência seria interpretada como deslealdade.



Jovem judeu obrigado a pichar frase antissemita na Áustria, em 1938

As infames Leis de Nuremberg de 1935 – que privaram os judeus de sua cidadania, os proibiram de se casar ou manter relações sexuais com gentios e os excluíram do serviço civil, além de outras profissões – foram justificadas pela necessidade de “esclarecer” sua posição na sociedade alemã. Considerava-se judeu qualquer pessoa que tivesse três ou mais avós judeus, independentemente de eles observarem a religião ou haverem se casado com não judeus. As medidas que Hitler descrevia como um “ajuste legal definitivo” foram aceitas com alívio por alguns judeus, que esperavam que, diante de tantas restrições, o regime e os antissemitas em geral se satisfizessem e lhes fosse assim permitido ficar na Alemanha, mesmo que como cidadãos de segunda classe. Lideranças da comunidade manifestaram a esperança de que, finalmente, cessassem os ataques antissemitas, prisões e boicotes a negócios judaicos.

A NOITE DOS CRISTAIS

Para os que esperavam que os “excessos” do regime pudessem ser contidos uma vez que os nazistas tomassem seus assentos no Reichstag, o despertar foi duro na manhã de 10 de novembro de 1938. A noite anterior, que veio a ser conhecida como Kristallnacht, ou “Noite dos Cristais”, viu baderneiros nazistas arrasando lojas e sedes de negócios pertencentes a judeus e queimando sinagogas em cidades e vilas por toda a Alemanha, Áustria e Sudetos. Dizia-se que esses atos supostamente “espontâneos” de vandalismo eram uma retaliação. Dois dias antes, um jovem judeu polonês chamado Herschel Grynszpan, de 17 anos, havia atirado em Ernst vom Rath, diplomata da embaixada alemã na França. O ato teria sido uma vingança, após seus pais e dois irmãos terem sido levados de Hannover para Zbaszyn, uma área perigosa situada na fronteira entre a Alemanha e a Polônia. Os nazistas usaram o incidente para incitar o fervor antissemita alemão, insinuando e eventualmente afirmando que o rapaz fazia parte de uma grande conspiração judaica contra a Alemanha. Vom Rath morreu no dia da Noite dos Cristais. Os baderneiros foram, de fato, instigados por Goebbels, seguindo um plano orquestrado por Reinhardt Heydrich, assistente do *SS Reichsführer* Himmler.

Alguns baixaram os olhos e se apressaram a passar pelas janelas fechadas com tapumes. Alguns poucos expressaram seu desgosto reservadamente e torceram para não ser ouvidos. Era uma vergonha

para a nação alemã e obra da gentilha. O que as outras nações estariam pensando dos alemães agora? Alguns, por outro lado, viram a destruição com satisfação, disfarçada ou não, achando que já era hora de mostrar aos judeus que eles não eram bem-vindos.

Quaisquer que fossem suas visões, a partir daquele momento ficou impossível para os cidadãos alemães negar a natureza criminosa do regime. Todos que haviam ingenuamente esperado que esses atos vergonhosos despertassem aqueles com consciência e os encorajassem a agir ficaram cruelmente decepcionados. A ditadura tinha sufocado a liberdade de expressão por meio do terror e da intimidação. Não havia nada que se pudesse fazer para expressar desaprovação.

A dona de casa de Berlim Emmi Bonhoefer desdenhou, em relato posterior, daqueles que negavam ter qualquer conhecimento da perseguição da ditadura aos judeus e outras minorias: “É claro que, em 1938, quando as sinagogas estavam queimando, todo mundo sabia o que estava acontecendo. Eu me lembro de que meu cunhado foi até seu escritório de trem na manhã seguinte à Kristallnacht, e entre as estações de Zarienplatz e o jardim zoológico, havia uma sinagoga judaica em chamas. Ele murmurou: ‘É uma vergonha para nossa cultura.’ De imediato, um senhor sentado à sua frente virou a lapela e mostrou seu emblema do partido e seus documentos, revelando pertencer à Gestapo. Meu cunhado teve de mostrar seus documentos e dar seu endereço e mandaram que se apresentasse no escritório do partido às 9 da manhã do dia seguinte. Ele foi interrogado e teve de explicar o que quis dizer com aquele comentário. Ele tentou se livrar, mas recebeu uma punição: foi obrigado a organizar e distribuir os cupons de racionamento de sua área no início de cada mês. E ele fez isso por sete anos, até o final da guerra. A família tinha de organizar os cupons para cada categoria da população – trabalhadores, crianças etc. –, mas não era permitido que ele tivesse um ajudante. Ele tinha de fazer sozinho. Era assim que eles quebravam as pessoas”.

ALGUMA RESISTÊNCIA

Nem todos se fizeram de cegos, ou baixaram os olhos e fingiram que nada de sinistro havia acontecido. Johann Stab era um policial de plantão na cidade de Kleinheubach na noite de 9 de novembro de 1938 e, apesar de não ficar claro em seu relatório se ele agiu para proteger os

moradores judeus por compaixão ou simplesmente para manter a lei e a ordem, é digno de nota que ele não permitiu aos “baderneiros” das SA, como ele os chamou, que o intimidassem ou interferissem no cumprimento do seu dever. Quando ele reportou os distúrbios ao seu oficial superior na cidade próxima de Miltenberg, disseram-lhe que não era algo com que ele precisasse se preocupar e que tudo estava sob controle. Stab não ficou satisfeito com essa garantia e foi investigar.

Na praça principal, ele descobriu que um pequeno grupo de camisas-pardas havia forçado a entrada em uma casa judia e estava começando a vandalizar a propriedade. Ele conseguiu persuadi-los a ir embora dizendo que aquela casa havia sido vendida a um comprador ariano e que eles estavam danificando uma propriedade que era seu dever proteger. Contaram-lhe que o grupo invadira outras casas e negócios e arremessado móveis, posses e bens na rua. Ele, porém, havia recebido ordens para não fazer prisões ou interferir. De onde elas vieram ele não fazia ideia, mas seu oficial superior foi enfático ao afirmar que os atos de destruição haviam sido oficialmente sancionados e não deveriam ser questionados.

Mais tarde, na mesma noite, ele recebeu ordens para levar todos os moradores judeus sob “custódia protetiva”, mas, antes de fazê-lo, Stab trancou todas as propriedades danificadas e colocou um homem das SA em frente a cada uma para evitar mais danos ou saques. Então, ele se viu discutindo a detenção forçada da dona de uma loja de sapatos local que estava doente e acamada. As SA queriam que ela fosse arrastada para fora da cama e levada à prisão, mas Stab insistiu que, se ela fosse movida, seria para um hospital. Após muita discussão, ele conseguiu persuadir dois deles a acompanhá-lo até a casa da mulher, onde a encontraram visivelmente doente e amedrontada. Era “uma visão realmente penosa” e foi o bastante para convencer as SA a deixá-la quieta, por enquanto.



A guerra se aproxima: Bremen tomada por símbolos nazistas, em 1938

TRABALHADORES HUMILHADOS

O professor Tubach, um ex-membro da Juventude Hitlerista que passou a odiar os nazistas e escreveu, em colaboração com um sobrevivente do Holocausto, *An uncommon friendship* (Uma amizade incomum), entrevistou uma mulher que testemunhara o desenrolar da Kristallnacht da segurança de sua sala de aula. Ela se lembrava de que a professora interrompeu a aula para levar os alunos para fora para ver uma sinagoga em chamas rodeada de brutamontes das SA, que impediam a brigada de incêndio de intervir. Nenhum comentário foi feito durante ou depois da saída não programada, o que alguns dos alunos interpretaram como indiferença, mas o sentimento que pareceu mais presente foi que os judeus finalmente estavam tendo o que mereciam.

Os judeus não foram as únicas vítimas das destruições e das repercussões da Kristallnacht. Empregados arianos também perderam o sustento e tornou-se ainda mais comum trabalhadores mais velhos aceitarem trabalhos braçais, de remuneração mais baixa do que as que conseguiam no comércio, que esmagavam sua autoestima. Agora, porém, o fato de terem trabalhado em um negócio judeu poderia contar

contra eles e era ocultado na medida do possível. E, se tivessem sido filiados a partidos de oposição, as autoridades poderiam fazer que fossem dispensados também do novo posto. Nesses casos, a única opção era encontrar o chamado *Schwartzarbeit* (biscate).

SPAARNESTAD PHOTO



Austríacos sobem em monumentos após a ocupação alemã. Ao fundo, bandeiras nazistas expostas na prefeitura de Vienna

Opositores políticos, aqueles que haviam sido membros dos partidos de oposição banidos, foram sistematicamente marginalizados pelos nazistas. Hans-Bernhard Schunemann fora membro da Juventude Hitlerista, mas seu pai se recusou a entrar para o partido. Consequentemente, *Herr* Schunemann se viu nomeado diretor-técnico... de sua própria gráfica. Um nazista foi posto no comando para garantir que as prensas não fossem usadas para imprimir nada que pudesse ser visto como crítico ao regime.

O FOCINHO DE GOEBBELS

O rádio, ou sem-fio, como era chamado na época, era um luxo até que o regime introduziu o subsidiado *Volksempfänger* (receptor popular) para que todos ouvissem as transmissões oficiais do partido. Isso garantia que “80 milhões de pessoas fossem protegidas de informação independente”, segundo relato interno do ministro de Armamentos, Albert Speer.

Os primeiros aparelhos de duas bandas eram vendidos por cerca de metade do preço dos concorrentes, mas recebia sinais apenas de estações locais e regionais, o que garantia que os ouvintes não pudessem sintonizar transmissões do além-fronteira. O modelo mais barato, vendido por apenas 35 marcos, era popularmente conhecido como “focinho de Goebbels”. Estima-se que, em 1939, 70% dos lares alemães tivessem um rádio.

A emissora estatal RBC oferecia uma programação limitada de falas propagandísticas entremeadas por música *völkische* e composições clássicas selecionadas (nada de jazz ou compositores judeus). Era difícil escapar, já que o novo sem-fio era onipresente em muitos locais de trabalho e bares e cafés públicos.

Tanto os jornalistas de rádio como os de veículos impressos foram fichados e seu trabalho tinha de ser submetido à agência de notícias controlada pelo Estado, a DNB, para aprovação antes da publicação. A crítica ao regime era proibida, como Hitler deixou claro em uma palestra para jornalistas em 10 de novembro de 1938: “O necessário é que a imprensa siga cegamente o princípio básico: a liderança está sempre certa!”.

Como ministro do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, Goebbels exigia um controle editorial rígido de todas as publicações, o que incluía 3.600 jornais e centenas de revistas. Seu memorando aos

editores datado de 22 de outubro de 1936 era típico das ameaças veladas que ele fazia quase semanalmente: “Verifica-se que repetidas vezes as notícias e histórias de bastidores ainda aparecem na imprensa alemã, exalando uma objetividade quase suicida e simplesmente irresponsável. O que não se deseja são jornais editados no velho espírito liberal. O que se deseja é que os jornais entrem na linha dos princípios básicos da construção do Estado nacional-socialista”.

O cinema, que havia acabado de ganhar voz após a conversão do mudo para o som, também foi usado pelo regime para propósitos propagandísticos, de forma mais eficiente no melodrama antissemita *Jud Süß* (1940), de Veit Harlan, e nos dois documentários técnica e esteticamente impressionantes de Leni Riefenstahl, *Triunfo da vontade* (1935) e *Olympia* (1936). O primeiro documentava o ritual quase religioso do congresso anual do partido em Nuremberg, enquanto o segundo retratava os heróis atléticos arianos como se fossem deuses da Antiguidade.

Entretanto, Goebbels tinha sagacidade suficiente para perceber que o público não aguentaria proselitismo demais, então adotou a mensagem encomendando comédias românticas e melodramas banais que sentimentalizavam a mãe que se sacrificava e idealizava à *heimat* (pátria, em tradução livre) alemã. No mundo real, porém, as coisas eram bem menos agradáveis.



CAPÍTULO 5

DIAS DE TEMPESTADE

NO PRINCÍPIO, A VIDA SOB A GUERRA NÃO
TROUXE GRANDES
MUDANÇAS. MAS, AOS POUCOS, O
COTIDIANO DE
RACIONAMENTOS, DISTÂNCIA, BOMBAS E
CENSURA SE
TORNARIA INSUPORTÁVEL

Para o alemão comum, a Segunda Guerra Mundial não começou com o ronco infernal dos bombardeiros Stuka e explosões que faziam a terra tremer, como foi para os cidadãos de Varsóvia e Cracóvia. Não houve ataques aéreos ou blecautes como na Inglaterra, ou as corridas em pânico para comprar mantimentos e combustível, como na França, Bélgica e Holanda. Em vez disso, o primeiro sinal de que a Alemanha estava envolvida em um conflito internacional veio com o rompimento de todas as comunicações com o mundo exterior. A partir da tarde de 1º de setembro de 1939, nenhuma ligação telefônica podia ser feita para fora do Reich. As telefonistas foram instruídas a informar às pessoas que ligavam que não conseguiriam conectá-las, mas o serviço normal seria restabelecido o mais rápido possível.

O rádio era, agora, a principal fonte de informação das pessoas e todas as transmissões tinham que ser aprovadas pelo Ministério do

Esclarecimento Público e da Propaganda, comandado por Goebbels. Consequentemente, o tom dos primeiros anúncios na véspera da guerra era de resignação e determinação. Era “uma pena” que as coisas tivessem chegado a esse ponto, mas a liderança tinha a “consciência tranquila”. O povo alemão tinha direito ao seu *Lebensraum* (espaço vital): “Fizemos tudo que qualquer país faria para estabelecer a paz”, dizia um comunicado lido nas rádios.

VÍTIMAS DAS POTÊNCIAS RANCOROSAS

Poucos entre os alemães que ouviam as notícias naquela tarde amena de outono teriam questionado tal direito. Por mais de um ano, diuturnamente, a população da Alemanha e de seus aliados do Eixo havia sido condicionada a acreditar que eram vítimas dos rancorosos poderes inimigos, que haviam imposto reparações punitivas excessivas após a derrota na Primeira Guerra Mundial e ocupado território que o Führer declarara solo sagrado. A invasão da Polônia não era um ato de agressão, diziam, mas meramente a Alemanha exercendo sua autoridade para “libertar” os alemães dos territórios ocupados e para limpar a Europa das “raças inferiores”, a fim de que a Europa oriental pudesse ser arianizada.



Cenário de destruição em Berlim, em 1945



Civis alemães desabrigados recebem rações, em março de 1945

Quando a guerra foi declarada, um dos primeiros ajustes a que todos tiveram de se acostumar foram os blecautes. Meras cortinas eram insuficientes, como a população era lembrada em termos claros pelos diligentes oficiais de bloco e a polícia, que autuavam qualquer um que deixasse um um mínimo traço de luz escapar.

O humor sombrio por todo o país contrastava frontalmente com o patriotismo ufanista com que a declaração de guerra fora recebida em 1918. Havia também muitos resmungos e descontentamento,

principalmente nas comunidades rurais, que veriam muitos homens mais velhos de famílias camponesas – alguns com mais de 40 anos – serem recrutados, enquanto um número expressivo de homens mais jovens era isentado do serviço militar sob a alegação de que estavam em profissões valiosas. Essas exceções criaram um “clima disseminado de ressentimento venenoso” pela população, segundo um relatório oficial.

Se os civis alemães imaginavam que a guerra se confinaria aos campos de batalha e que as primeiras vitórias na Polônia, França, Bélgica e Holanda trariam paz e prosperidade internas, logo foram desiludidos. Racionamento e escassez eram apenas duas das muitas inconveniências impostas à dona de casa alemã nos primeiros meses da guerra.

ENTRE A FAMÍLIA E A COMUNIDADE

Elas rapidamente aprenderam que a única forma de comprar alguns produtos alimentícios era começar cedo e percorrer as gôndolas atrás de produtos frescos, ou cair nas graças dos vendedores e fazendeiros locais, deixando de lado qualquer reserva que tivessem quanto a colocar o bem-estar de sua família acima do bem da comunidade, ao contrário do que os cartazes de propaganda diziam para fazer. “*Gemeinnutz geht vor Eigennutz*” (o interesse da comunidade acima do interesse pessoal) era o slogan que as lembrava de seu dever cívico quando entravam na fila para comprar itens de que não tinham necessidade imediata, mas que achavam que poderiam escassear no futuro.

O racionamento era uma dificuldade a que se poderia acostumar, mas essa dificuldade se tornava cada vez maior a cada mês, já que as rações iam sendo reduzidas à medida que o tempo e a guerra passavam. Mesmo a dona de casa suburbana mais orgulhosa considerava fazer um galinheiro escondido no quintal na esperança de trocar o ovo em pó pelo verdadeiro. Se as aves não fossem produtivas, ao menos dariam um jantar decente.

Na primavera de 1940, quando se imagina que os alemães estavam se regozijando por uma sequência de vitórias rápidas e se dizia que Hitler estava passeando em Paris, as mães alemãs rezavam para que os boatos de um iminente tratado de paz com a Inglaterra fosse verdade, para que os maridos e filhos voltassem para casa. Se indagadas, diriam que ainda acreditavam em uma vitória total, mas enquanto isso punham sua fé no mercado negro e se viravam com os *Sparrezepte* (receitas econômicas) e

o *Suppengrun*, um xumaço de brotos de vegetais amarrados com uma corda que, dizia-se, compunha uma sopa de vegetais nutritiva.

O racionamento de comida funcionou razoavelmente bem no início, mas logo os merceeiros e açougueiros descobriram formas de lucrar com ele sem levantar suspeita. O modo mais fácil era mexer nas balanças para que pudessem pesar alguns gramas a menos do que era a ração permitida. No final do expediente de cada dia, o vendedor ou assistente tinha sobras suficientes para vender ou trocar no mercado negro. Outro truque que eles aperfeiçoaram foi o produto na balança e retirá-lo antes que ela pudesse se acomodar e registrar o peso. Ninguém se atrevia a reclamar por medo de ter de ir procurar produtos em outro lugar.

“ARMAS, NÃO MANTEIGA”

O primeiro espasmo de febre nacionalista que havia se seguido à chegada de Hitler à Chancelaria e a série de golpes pacíficos que levaram à absorção de territórios ocupados pelo Reich desapareceu depois de a escassez de comida e materiais essenciais chegar à casa das pessoas. A política nazista de “armas, não manteiga” (anunciada por Goering em um discurso de 1934) resultou em um racionamento não declarado, enquanto a escassez têxtil criada pela restrição de importação da Inglaterra em 1938 forçou muitos alemães a encarar o fato de que a lealdade ao regime vinha ao custo de muitos itens básicos com que haviam se acostumado.

Às damas era negado o luxo dos perfumes e da moda franceses (apesar de as esposas de oficiais nazistas os encomendarem mesmo assim), e os cavalheiros descobriram que até ternos feitos sob medida eram inferiores àqueles cortados de rolos de tecido inglês. Enquanto esperavam que um terno bem cortado durasse anos, o equivalente alemão mal durava uma estação, dando origem ao chiste de que ternos da marca “Floresta Alemã” inchavam na primavera e mudavam de cor no outono.

O racionamento foi oficialmente introduzido em 28 de agosto de 1939 e limitava a quantidade de alimentos básicos como pão, farinha, carne, queijo, açúcar e geleia, assim como sapatos, sabão, bens de couro e carvão. Até chá e café logo estavam escassos e quase todo item essencial havia subido de preço no final daquele ano.

No inverno de 1940, muitos civis alemães dependiam das doações do

Volkswohlfahrt (Bem-Estar Popular), a organização patrocinada pelo Estado que havia sido fundada para prestar assistência aos despossuídos. O pacote de Natal daquele ano continha itens que já eram considerados raridades: um quarto de libra de cacau, um quilo de toucinho e um punhado de doces. Algumas das crianças mais novas nunca haviam visto ou experimentado chocolate.

DAS BUNDESARCHIV, BERLIN



Alemães que perderam suas casas cozinham na rua, em Rees, em março de 1945

À época em que a Wermacht sofreu sua primeira grande derrota, em

Stalingrado, em fevereiro de 1943, os alemães haviam sido reduzidos a trocar cupons de roupas pelos de comida e a beber café *ersatz* – uma solução aguada asquerosa feita de cevada torrada que os lembrava dos sacrifícios que faziam por travar a guerra de Hitler.

CARTÕES PARA FUMANTES

Também só se conseguia tabaco com cartões especiais de fumantes marcados com “M” para os homens e “W” para as mulheres, a este último dava direito a metade da ração masculina. A desaprovação de Hitler às mulheres fumantes havia sido aparentemente superada sob o argumento de que muitas estavam trabalhando nas fábricas de armamentos e outros ramos das forças armadas na parte operacional, e precisavam de um impulso extra que a nicotina poderia providenciar.

A escassez de bens, as jornadas maiores de trabalho e a cobrança de mais produtividade eram bastante toleradas enquanto as forças alemãs avançavam pela Europa ocidental, Balcãs, norte da África e Rússia. A vitória iminente parecia, então, assegurada, mas, a partir do inverno de 1942, o humor doméstico se tornou consideravelmente menos otimista. A esperança de uma vitória rápida evaporou após a chocante derrota dos Afrika Korps de Erwin Rommel na segunda batalha de El Alamein, em novembro de 1942. Logo depois, os civis alemães foram informados do destino da até então invencível Wehrmacht na front oriental e dos sacrifícios que deveriam fazer para prover roupas de inverno para o Sexto Exército, sitiado em Stalingrado.

Notícias sobre a rendição do marechal Friedrich von Paulus na Rússia, no último dia de janeiro de 1943, afetaram mais fortemente o moral da população porque se seguiram a garantias do Ministério da Propaganda de que as forças soviéticas estavam à beira do colapso. No entanto, apesar de esses revezes terem tido um impacto significativo, foi a intensidade dos bombardeios aliados sobre as cidades que fez a população civil entender a gravidade da situação alemã na guerra. Cada mês trazia novas más notícias, e Goebbels tinha dificuldade para explicar, ou apresentar como “uma retirada estratégica”. Quando a perda de mais de 40 U-Boats em maio de 1943 forçou o almirante Dönitz a retirar suas “matilhas” da Batalha do Atlântico, todo alemão sabia que isso significava que os comboios aliados quase não seriam mais atacados dali em diante, enquanto seus próprios navios de suprimentos estariam à mercê dos

navios de guerra e caças aliados.

Ao final da guerra, muitos adultos haviam chegado a ponto de comer carne de cavalo – o que não era costume alemão –, se tivessem a sorte de encontrá-la, mas nem a fome e a ameaça de ficarem cercados por todos os lados conseguiram mover alguns nazistas da linha-dura. O clima na Alemanha de Hitler era sombrio, mas determinado. Foi resumido por um slogan que estava sendo pichado nas paredes de prédios bombardeados por todo o país: “Aproveitem a guerra. A paz será um inferno”.

O TEMPO FECHA DE VEZ

O clima piorou consideravelmente com os primeiros ataques aéreos às principais cidades alemãs no verão de 1941 e se deterioraria dali em diante. O correspondente dos EUA William L. Shirer descreveu a reação de surpresa dos moradores ao primeiro bombardeio da capital, em 26 de agosto: “Os berlinenses estão atônitos. Eles não imaginavam que aquilo poderia ocorrer. Quando essa guerra começou, Goering garantiu-lhes que não poderia (...) Eles acreditaram nele. Sua desilusão hoje, portanto, é ainda maior. Você tem de ver seus rostos para medi-la”.

Enquanto os ingleses se uniram e se mostraram bravos durante a *blitz*, os alemães eram propensos à *Schadenfreude* (alegria causada pelo dano a terceiros), com os cidadãos de Hamburgo e da Renânia tendo uma pequena satisfação por ser a vez dos arrogantes berlinenses se encolherem nos abrigos sob o estrondo das bombas inglesas.

Com o passar do tempo, entretanto, os ataques tinham menos impacto na vida diária, reorganizada para acolhê-los quando se tornaram quase rotina, recebidos e suportados como uma tempestade de inverno severa. Toda a população se preparou mentalmente para sobreviver da forma que fosse possível e se tornou menos inquisitiva sobre as preferências políticas e lealdades partidárias dos vizinhos e mais concentrada em permanecer unida diante da situação.

Nessa atmosfera sufocante de suspeição e ceticismo, o crime florescia, apesar da presença onisciente da polícia secreta. Durante o blecaute, casos de estupro e assassinato aumentaram de modo alarmante, jogando por terra a crença de que o crime cairia sob um regime forte. O racionamento fez surgir um florescente mercado negro de cupons forjados, roubo de provisões racionadas em depósitos do governo e

extorsão generalizada. Traficantes de drogas, aqueles que fugiram do alistamento obrigatório e outros oportunistas na margem do submundo do crime foram forçados a se rebaixar ainda mais para tirar vantagem de uma economia fantasma nascida da austeridade. Essa população invisível foi inchada por entre 5 mil e 7 mil judeus que se escondiam das autoridades (conhecidos por “submarinos”). Um desses indivíduos era Cioma Schönhaus.

© DEUTSCHES HISTORISCHES MUSEUM, BERLIN



Curso de formação materna da DFW, uma das organizações de mulheres alemãs, em 1940: em meio à guerra, tentativa de levar a vida adiante

O FALSIFICADOR

Em junho de 1940, o berlinense de 20 anos Cioma Schönhaus escapou de ser deportado para um campo de concentração porque era mais valioso para o Reich como um operário especializado de uma das fábricas de munições. Seus pais e familiares foram enviados para morrer no campo de concentração de Majdanek, perto de Lublin, e Cioma foi deixado para sobreviver por conta própria. Um conhecido alemão disse ao garoto: “É irresponsabilidade fugir da evacuação. Todos os judeus devem sofrer juntos. Todos devem ir juntos. Deve-se obedecer e fazer o que as autoridades pedem.” A resposta de Cioma foi: “Eles que se danem. Não vou me deixar ser pego. Quero ser livre”.

Surpreendentemente, vivendo no centro da teia de Hitler, ele conheceu

por acaso alemães dispostos a arriscar a vida para ajudar um “inimigo do Estado”. O capataz da fábrica lhe contou como sabotar os canos das metralhadoras que ele estava lixando, e um ex-ministro de governo se ofereceu para lhe fornecer documentos falsos quando fosse necessário desaparecer na comunidade subterrânea de judeus fugitivos e outros “indesejáveis”, que viviam nos esgotos e prédios desertos da capital.

Lá, Cioma sobreviveu trabalhando como falsificador de documentos, usando as habilidades que aprendera na escola para alterar documentos de identidade e passaportes de outros clandestinos. Ele criou múltiplas identidades para si mesmo a fim de poder viver em vários apartamentos sem ser incomodado pela Gestapo, e às vezes comer em restaurantes caros que não estavam ao alcance de judeus. Entre estes estava o Kaiserhof, uma das casas preferidas de Hitler, Himmler e Goebbels. Assim, ele se via frequentemente no meio de oficiais nazistas – que lugar melhor para se esconder do que no meio das pessoas que o procuravam? Ele admitiria depois ter uma descarga de adrenalina ao desafiar seus algozes dessa forma e ficara viciado nisso.

Apesar de obrigado a usar uma estrela amarela no casaco para se identificar como judeu, ele simplesmente a adaptou para que pudesse tirá-la quando entrava em uma área proibida e recolocá-la quando a polícia estivesse conduzindo uma inspeção.

A ameaça permanente de ser descoberto era aliviada por seu humor mordaz, bem como pelo *frisson* que sentia por brincar de gato e rato com a Gestapo. Depois que a Gestapo lacrou os quartos dos membros de sua família que foram levados para as câmaras de gás, Cioma os abriu à força, pegou quaisquer objetos de valor que pudessem ser vendidos no mercado negro e os reclacrou.

Ele também se mantinha animado tendo conversas imaginárias com o pai morto, que lhe dizia: “Apesar dos trens, você deve dizer ‘sim’ para a vida. Como nosso representante, você tem o dever de experimentar todos os prazeres que nos foram negados”.

Cioma foi ajudado em seus esforços pelos membros protestantes da Igreja Confessante (ou Confessional) , um grupo de resistência que não aceitava a autoridade do Reich sobre as igrejas e acreditava ser seu dever cristão ajudar os judeus a escapar da perseguição nazista. Eles davam seus documentos para Cioma, que os copiaria para outros “ilegais”; depois, diziam que os haviam perdido. Faziam isso conscientes do risco a

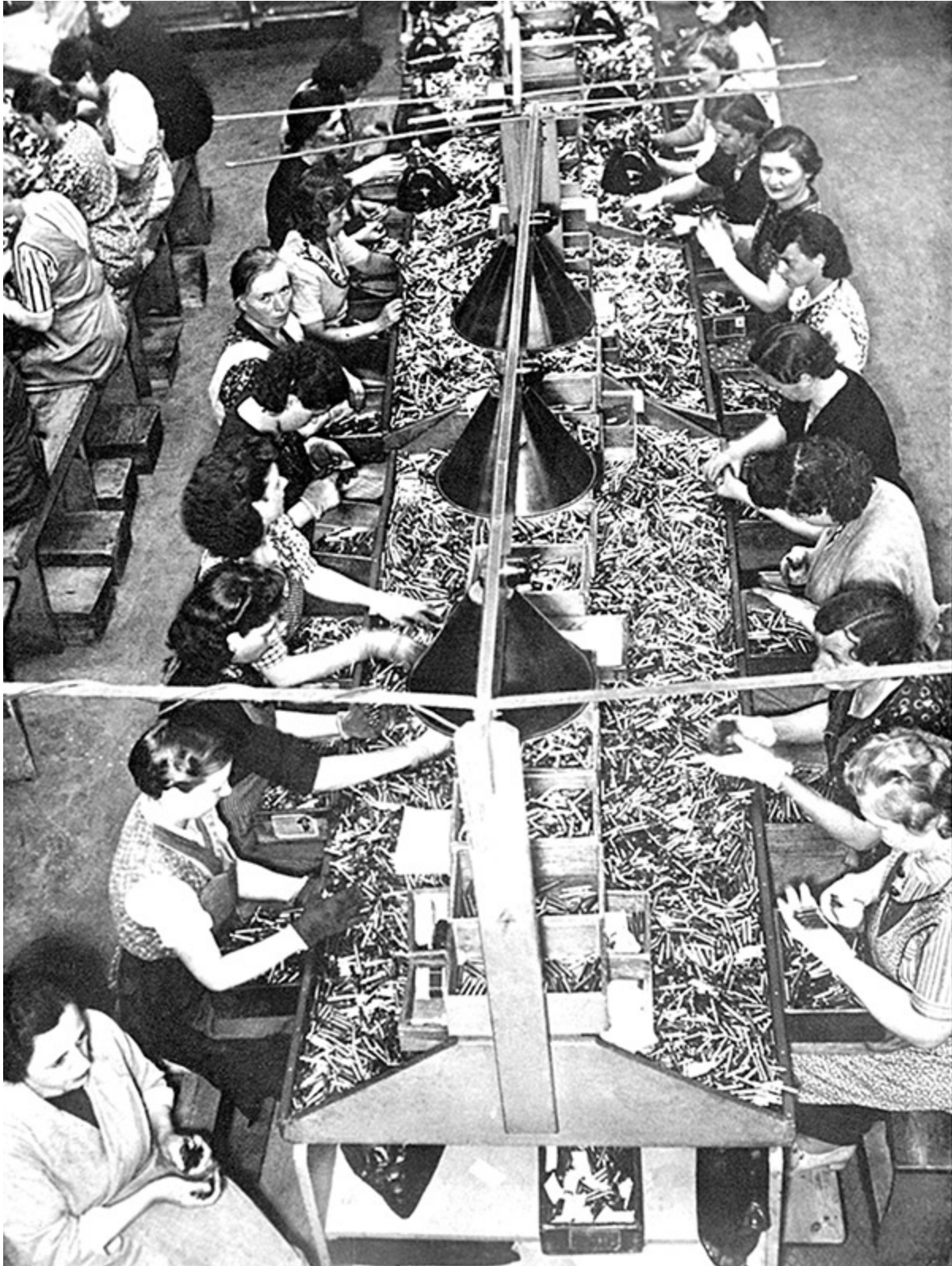
que se expunham. Alguns foram presos e executados.

A parte mais difícil, porém, era simplesmente encontrar um lugar para viver. Fazendo cara de corajoso, ele marchava para um escritório do governo e pedia uma lista de locadores dizendo ter sido forçado a entregar o próprio apartamento a um parente cuja casa fora bombardeada em outra cidade. Cioma dormia em um apartamento por vez, chegando à noite, quando era muito tarde para se registrar com a polícia, e saindo ao amanhecer, dizendo que acabara de receber seus papéis de alistamento militar.

Foi apenas quando o ex-ministro do governo Herr Kaufmann lhe ofereceu papéis de identidade falsos que Cioma decidiu que era melhor tentar outra coisa antes de sua incrível maré de sorte mudar. Em 6 de setembro de 1943, ele colocou seus pertences em um saco e atravessou Berlim em sua bicicleta na longa jornada até a fronteira suíça, com uma cópia de um livro do dr. Goebbels em seu saco para o caso de ser parado e interrogado. Um registro militar falsificado permitia-lhe ficar em hotéis e comer em cafés sem atrair a atenção das autoridades. Ele atribui essa incrível boa sorte ao fato de ter se mantido frio e até com certo ânimo: “Quando você está triste, é como ter uma pedra em volta do pescoço. Você não consegue mais agir. Você está perdido.”

PERIGO E DESESPERO

Na primavera de 1944, o alemão comum estava sem esperanças e tudo o que queria era estar vivo para ver o fim. Fosse uma vitória ou a rendição, muitos já não se importavam. Desejavam apenas que aquilo terminasse, para poder continuar suas vidas sem a ameaça constante dos bombardeios. Não eram apenas os ataques aéreos noturnos que atrapalhavam a rotina diária. Cada jornada era cheia de perigos, especialmente após o Dia D, quando a Luftwaffe ficou efetivamente presa ao solo e os Aliados se viram livres para bombardear transportes civis e militares por toda a Alemanha. Alguns pilotos aliados tinham se tornado peritos em acertar motores para imobilizar locomotivas, bloqueando as linhas e impedindo outros trens de passar.



Mulheres trabalham na produção de munições em 1940: indústria da guerra recrutou as alemãs e adaptou fábricas

Apesar de o dano estrutural aos alvos ser mínimo, o impacto no moral alemão era considerável. Goering se gabara de que nenhuma bomba aliada cairia sobre Berlim enquanto sua invencível Luftwaffe dominasse os céus, e, quando isso se mostrou falso, a população começou a perguntar que outras mentiras estavam sendo contadas.

Noite após noite os Aliados atingiram fábricas de munições e oficinas de motores de avião e, na manhã seguinte, as transmissões oficiais alemãs diziam que outra escola ou hospital havia sido atingido pelos “piratas aéreos” aliados. Enquanto, porém, os sitiados ingleses podiam desligar as transmissões de propaganda alemã feitas em nome do Lorde Haw-Haw, os civis alemães deviam sintonizar os sermões populares ao pé da lareira do dr. Hans Fritzsche, que pedia aos pais que comprassem para os filhos presentes manufaturados com de casacos de couro em vez de brinquedos, para apoiar os homens que lutavam no front oriental. Àquela altura, poucos eram convencidos – especialmente quando confrontados pelos pedidos de crianças que não davam a mínima para o patriotismo.

Até a primavera de 1944, a imprensa alemã continuava a proclamar a vitória em manchetes enormes. Quando finalmente passaram a informar que suas tropas estavam fazendo progresso contínuo no front oriental, com o adendo “apesar de circunstâncias difíceis”, apenas o mais ardente crente na invencibilidade da raça superior poderia não interpretar como uma admissão de que a campanha russa não estava indo de acordo com os planos.

Na imprensa alemã, todo recuo era chamado de “retirada estratégica”. No entanto, a verdadeira imagem do que estava acontecendo dentro da Alemanha seria vista nas páginas centrais do *Völkischer Beobachter* e seus rivais regionais. A disciplina implacável que mantivera a Alemanha unida sob a vontade suprema do Führer começava a rachar. Começavam a ganhar destaque ainda maior os relatos sobre o último “criminoso” a ser considerado culpado de minar o moral do povo e que fora sumariamente executado após um julgamento de faz de conta. Invariavelmente, seu crime era menor – pequenos furtos de provisões ou violação de uma regra de blecaute. A mensagem era clara: a deslealdade seria punida com a morte.

A própria menção à possibilidade de derrota já era uma traição. Ainda assim, um número cada vez maior de filhos, irmãos e pais estava retornando para casa e contando a suas famílias o que haviam

testemunhado no Leste. Exasperados e extenuados, além de, eventualmente, mutilados, muitos se preocupavam em alertar para o fato de os russos não seriam misericordiosos depois do que o seu povo sofrera durante o avanço do exército alemão.

© PRIVATBESITZ



Durante três anos, o judeu Cioma Schönhaus conseguiu enganar a Gestapo e escapou da morte

O AMOR POSSÍVEL EM TEMPOS DE GUERRA

Enquanto os cineastas alemães retratavam uma vida impossivelmente idílica no front doméstico, nem todas as mulheres sofriam a separação com a graça das heroínas dos dois dos filmes mais populares do período, *Wunschkonzert* (1940) e *Die grosse Liebe* (1942), ambos sobre amantes separados pela guerra. A ameaça constante de bombardeios aliados, a falta de notícias dos maridos ou amantes e a melancolia dos racionamentos e restrições dos tempos de guerra levaram muitas mulheres alemãs a buscar a companhia de outros homens.

Nos distritos rurais, onde prisioneiros estrangeiros eram alojados em fazendas, o símbolo da pureza maternal ariana era frequentemente

mandado às favas, junto com as reservas e ideais políticos quando uma companhia masculina apropriada estava disponível, independentemente de suas origens étnicas. Nem o risco de prisão era suficiente para detê-las, com a consequência da taxa de nascimentos de filhos ilegítimos quintuplicar no último ano da guerra, para 20% de todos os nascimentos registrados.

As dificuldades da mãe alemã eram aumentadas pela preocupação de ter de sustentar suas crianças quando havia pouca comida disponível. Elas, porém, preferiam enfrentar as dificuldades a serem separadas tanto dos maridos quanto dos filhos, como muitas foram nos dois últimos anos da guerra, quando 1,7 milhão de crianças de 6 a 14 anos tiveram que ser evacuadas das cidades alemãs sob ameaça de bombardeios aliados. Mais de meio milhão de crianças foi retirada das cidades na companhia das mães.

As crianças que tinham sorte conseguiram refúgio com parentes, mas a maioria foi alojada com estranhos em áreas rurais, que se ressentiam dos intrusos e lhes negavam qualquer coisa além das necessidades mínimas. As mães da cidade costumavam ser vistas como preguiçosas e egoístas, porque muitas não queriam trabalhar por ter de cuidar dos filhos, ou trabalhavam apenas o mínimo necessário, pelo mesmo motivo.

A mãe berlinense Christabel Bielenberg estava bastante ciente da sorte que teve por lhe ter sido oferecida acomodação longe da ameaça constante de ataques aéreos, mas ainda assim estava cansada de viver em quartos alheios, pedindo comida e se desculpando pelos filhos, que se comportavam mal por puro tédio ou por sentir saudades do pai e do ambiente familiar.

Algumas crianças eram surpreendentemente resilientes e engenhosas, brincando de jogos de guerra entre os escombros ou tomando a responsabilidade de animar as mães. Enquanto uma garotinha explorava de propósito seu aspecto famélico para pedir comida a esposas simpáticas de fazendeiros, um menino descobria um talento para fazer negócios no mercado negro e ajudar na parca renda da mãe. A maioria, porém, estava angustiada por ter sido separada dos pais e algumas eram deliberadamente maltratadas ou negligenciadas por seus relutantes anfitriões.

Os pais também eram separados à força de suas mulheres e crianças pela guerra, quer servissem nas forças armadas, quer trabalhassem para o

Estado de alguma outra forma. Aqueles não se qualificaram para obter uma folga, ou simplesmente não a conseguiam, sofriam tanto quanto as parceiras. O primeiro-tenente Werner L., de Krefeld, escreveu para a filha de 2 anos: "Você e sua mãe estão passando pelos maravilhosos primeiros estágios da infância e maternidade sem mim. Ainda estou entre soldados, como há dois anos, quando soubemos que você estava a caminho".

Os *Wunschkonzerts*, programas semanais transmitidos pelo rádio todas as noites de domingo, ofereciam a ilusão da união quando as cartas dos soldados para seus entes queridos eram lidas. Elas eram misturadas a músicas populares que eles ou as esposas ou famílias haviam pedido, mas não substituíam para uma carta pessoal que pudesse ser lida e relida.

© YEVGENI KHALDEI/MAGNUM PHOTOS/AGENTUR FOCUS



Desolação e destruição em Berlim após bombardeio, em 1945

UC BERKELEY, BANCROFT LIBRARY , OPERÁRIO: DAS BUNDESARCHIV



Pôster da Cruz Vermelha alemã convoca mulheres a se alistar para a Segunda Guerra Mundial

VATICAN PICTURE GALLERY



CARTAS PARA CASA

“Tanta normalidade quanto possível, tanta guerra quanto necessário”, dizia um slogan nazista daqueles tempos de desespero. Durante o curso da Segunda Guerra Mundial, 18 milhões de homens alemães deixaram suas casas para servir nas forças armadas. Para a maioria das famílias, isso significava que as crianças ficavam aos cuidados das mães, ou uma parente, amiga ou vizinha, se a mãe não quisesse ou não pudesse deixar seu emprego. Para alguns dos analistas do cotidiano alemão daqueles dias, a separação forçada dos maridos e companheiros tornou muitas dessas mulheres mais independentes e autossuficientes. No entanto, uma grande proporção das mais de 30 milhões de cartas escritas do e para o front doméstico entre 1939 e 1945 revela que a privação, o sofrimento e a ausência de um companheiro atestavam a durabilidade da unidade familiar tradicional, mesmo sob condições tão extremas. E isso apesar do fato de que 11 milhões de soldados alemães ficaram detidos em campos de prisioneiros russos por muitos anos após o término da guerra. Para alguns, isso perdurou até meados da década de 1950.

As cartas desenterradas dos arquivos do serviço postal alemão por pesquisadores e historiadores são surpreendentemente pouco emotivas e, em vez disso, focadas em conselhos práticos dados pelos maridos às mulheres, encorajando-as a suportar e ser pacientes até poderem se reunir. Eles pedem aos filhos que não deixem de fazer o dever de casa, que ajudem as mães e se mantenham animados.

A necessidade de escrever e extravazar sentimentos reprimidos não diminuía nem mesmo quando as comunicações se tornavam severamente prejudicadas ou havia pouca chance de a carta ser entregue. Nesses momentos, muitas mulheres confiavam suas esperanças e medos às páginas de seus diários. Beate K., uma esposa e mãe de 23 anos de Königsberg, transmitiu a dificuldade de criar uma criança sozinha: “Seria tão adorável se seu pai estivesse aqui... Às vezes, é horivelmente difícil continuar”.

Poucos conscritos expressavam quaisquer opiniões sobre o regime ou o resultado da guerra nessas cartas para casa, já que todo soldado tinha consciência da censura rígida imposta às correspondências do front. Era uma prática comum as cartas dos soldados serem testadas para

encontrar tinta invisível, e qualquer forma de código (até mesmo os códigos inocentes usados pelos amantes) era proibida. A liderança nazista temia tanto que soldados alemães capturados pudessem ser suscetíveis à propaganda soviética que o escritório de segurança do Reich confiscou 20 mil cartas escritas por prisioneiros de guerra alemães, as quais não foram entregues até o final da guerra.



AS TESTEMUNHAS

ELAS VIVERAM SOB O REGIME NAZISTA,
FORAM ATINGIDAS
PELA GUERRA QUE DESTRUÍU O SEU PAÍS E
SOBREVIVERAM
PARA CONTAR COMO ERA A ALEMANHA
DAQUELES ANOS

UMA FAMÍLIA NÃO CONVENCIONAL

E ycke Strickland nasceu em Kassel, no coração da Alemanha, nove meses depois de Hitler ter sido nomeado para a chefia do governo (chancelaria). A mãe da menina, Auguste Laabs, assim como o pai, Karl Laabs, não eram “convencionais”. Eles eram pacifistas por princípio – o pai servira em Flandres na Primeira Guerra, onde vira o irmão mais velho morrer diante de seus olhos, e o avô materno tombara no campo de batalha, apesar das muitas preces da esposa para que retornasse em segurança.

Tanto o pai quanto a mãe haviam sido educados para serem independentes e para olharem o nacionalismo exacerbado com desconfiança. Conheceram-se por meio de um movimento da Juventude Alemã chamado *Wandervogel* (“Pássaro Errante”), que incutiu no casal, assim como em todos os seus membros, um sentimento idealista de amor à natureza e de defesa do igualitarismo, valores que Auguste e Karl,

por sua vez, transmitiram a seus filhos.

Karl foi impedido de completar o doutorado em economia e ciências sociais depois de ter escrito uma frase crítica e antinazista na lousa de uma sala de palestras, no dia em que Hitler ascendeu ao cargo de chanceler, assumindo então um emprego de arquiteto. A família estabeleceu-se em Wilhelmshausen, povoado ao norte de Kassel, onde Karl passou a projetar casas de baixo custo para trabalhadores cuja única alternativa seria morar em prédios de apartamentos superlotados.

Em agosto de 1939, às vésperas da guerra, Eycke, então com 6 anos, seus dois irmãos e sua irmã mais nova foram retirados de casa e mudaram-se para Vaake, outro pequeno povoado em Hessen, onde os pais pensaram que a família estaria mais segura. Logo começaram a preparar o pequeno quintal para cultivar seus próprios alimentos, mas, antes de ser possível iniciar o plantio, Karl foi recrutado para prestar serviços civis para a *Luftwaffe* (força aérea alemã) longe de casa, para trabalhar na construção das instalações de campos de pouso. Pouco tempo depois, Auguste teve de deixar os filhos sob os cuidados de uma criada enquanto era obrigada a comparecer ao tribunal para se defender da acusação de insultar um membro do partido quando fazia reivindicações em nome do marido.



A menina Eycke Strickland sobreviveu para contar a história do pai, Karl Laabs, que arriscou a vida para salvar judeus poloneses



Membros da facção nazista polonesa *Jungdeutsche*, fazem saudação ao escutar discurso de Hitler no rádio

Entretanto, esse era apenas o início dos problemas. Em julho de 1940, a irmã mais nova de Eycke, Ute, teve pleurisia e foi levada a um hospital infantil, onde foi tratada e curada. Contudo, chegado o dia em que poderia voltar para casa, um ataque aéreo fez com que todas as crianças, incluindo os pacientes contagiosos, fossem conduzidas às pressas a um abrigo antibomba. Ute foi infectada com difteria e morreu pouco tempo depois. Seus pais entraram em luto: sua mãe usou apenas vestidos pretos durante um ano inteiro e o pai, uma faixa preta no braço. Eycke não demorou a notar mais mulheres vestidas de preto e homens usando faixas pretas nos braços pelo povoado.

Apenas em 1941, Eycke, então com 7 anos, aprendeu que 30 de janeiro, aniversário de seu pai, tinha um significado especial para outra pessoa. Sua professora explicou que o dia era feriado nacional porque, oito anos antes, o *Führer* fora nomeado premiê. Em assembleia, naquela manhã, viu-se o saguão decorado com bandeiras alvirrubras e as crianças aprenderam que o símbolo central que viam nelas se chamava suástica. Depois de ouvir a um discurso que exaltava as virtudes do nacional-socialismo e enaltecia o papel de relevância que as próprias crianças teriam enquanto cidadãos e cidadãs da nova Alemanha, exigiu-se que a

classe aprendesse a letra de “*Deutschland über Alles*” (“Alemanha acima de tudo”, o hino nacional), para que cantassem na próxima assembleia. Sua doutrinação já começara.

No entanto, havia algo dentro de Eycke que a impedia de fazer a saudação a Hitler todas as vezes que os *bonzen* (burocratas subalternos) do povoado apareciam.

Em março de 1942, a família mudou-se para a Polônia a fim de ficar junto do pai, que tinha o cargo de arquiteto distrital em Krenau, a poucos quilômetros da cidade que se tornaria sinônimo do Holocausto: Auschwitz.

Em Krenau, Karl conheceu Mordecai Hartmann, jovem judeu cuja função de alimentar a fornalha do prédio onde o arquiteto trabalhava e que apresentou esse alemão “não convencional” à sua família. Por meio desta, o pai de Eycke tomou conhecimento do destino que aguardava os judeus da Polônia e resolveu que deveria fazer todo o possível para salvar quantos pudesse, qualquer que fosse o risco para ele próprio ou para sua família.

Aos olhos de Eycke e de seus irmãos, a fazenda de sete acres, com celeiros e anexos, parecia um paraíso para crianças. Elas ficavam livres para brincar e explorar e tratavam a criação de animais como seu zoológico particular. Foi só quando seu pai começou a erguer novas cercas para manter os animais dentro e os “encrenqueiros” fora, que Eycke começou a pensar que aquele lugar talvez não fosse tão amistoso assim.

Algun tempo depois, outro incidente deixaria Eycke confusa. Quando estava com seu pai, em uma charrete aberta, a menina foi abordada por um homem bem vestido, que trocou cumprimentos com o pai e então ofereceu para a filha uma boneca Kathe Kruse feita à mão. Era uma bela boneca, de grande valor para colecionadores. Era um presente raro para uma criança. No entanto, para espanto de Eycke, seu pai recusou a oferta de maneira ríspida: “Sabe que não posso aceitar seu presente. Adeus, *Herr* Goldmann”. Pela expressão de seu rosto, o sr. Goldmann ficou tão chocado quanto a menina. Quando Eycke questionou o porquê de ele não tê-la deixado aceitar o brinquedo, disse-lhe apenas que “olhos estão vigiando; ouvidos estão escutando”, e sinalizou na direção do condutor da charrete. No Natal seguinte, a garota viu a irmã mais nova ninando a boneca, e ficou sabendo que a mãe a encontrara próxima ao portão. O Sr.

Goldmann achara uma alternativa que não levantaria suspeitas sobre a família.

Só após a guerra, Karl sentiu que poderia contar a Eycke por que ele tivera de cuidar para não ser visto aceitando presentes de um amigo judeu. Como *Kreisbaurat* (arquiteto distrital), ele era responsável por emitir licenças de trabalho, que garantiriam alimentação, pagamento e circulação segura para os empregados em projetos municipais. Pondo a si próprio em grande risco, Karl dera prioridade aos judeus, que estavam sob a constante ameaça de serem transportados para campos de trabalhos forçados ou de extermínio. Ele chegou a persuadir um oficial da Gestapo de que ele não conseguiria finalizar seus projetos sem aqueles trabalhadores e, finalmente, eles foram liberados.

FRED RAMAGE



Mulheres trabalham na retirada de escombros em Dresden, após o bombardeio que vitimou 25 mil pessoas, em fevereiro de 1945

Para falar conosco, Eycke pediu que suas respostas fossem precedidas pelo seguinte comentário: *“Considerando que não posso falar em nome do povo alemão, limitarei a maioria de minhas respostas ao que vi e ouvi quando era criança”*.

O que seus pais lhe contaram sobre a vida na Alemanha no período anterior a Hitler?

Só contaram que os anos posteriores à Primeira Guerra Mundial foram bastante difíceis para a família de minha mãe, depois que o pai dela fora morto na primeira Batalha de Langemarck, na Bélgica. Reinavam o caos, a fome, inflação, agitação civil, anarquia e um profundo ressentimento devido ao Tratado de Versalhes, à medida que a República de Weimar fracassava, governo após governo, em solucionar os graves problemas do país. Parece-me que o momento era oportuno para alguém como Hitler, que foi capaz de hipnotizar o povo alemão, fazendo crer que ele seria seu salvador.

Não me recordo de meu pai ter conversado comigo sobre seu ponto de vista acerca das condições que antecederam 1933. Ele falava mais sobre a situação política. Após retornar da guerra, ele terminou sua formação em arquitetura e começou a trabalhar em uma firma de arquitetos. Tornou-se membro de um sindicato e, com amigos próximos, partilhava ideais social-democráticos. Mas a maior parte de sua vida continuava a girar em torno do movimento jovem *Wandervogel*, ao qual se juntara quando ainda muito novo e que teve um papel crucial em sua vida antes e depois da Primeira Guerra. Dedicou suas energias à reconstrução do castelo Ludwigstein, edificação inicialmente dedicada à memória dos integrantes do grupo que haviam sido mortos na Primeira Guerra Mundial. *Die Burg* ("O Castelo") tornou-se ponto de encontro de moças e rapazes que pensavam de forma parecida. Meu pai chegou a uma posição de liderança, mas abriu mão dela em 1930, porque o novo governador de Hessen estava impondo "táticas fascistas" para cooptar o movimento. Nessa época, o primeiro casamento de meu pai começou a desmoronar. Ele recebeu uma bolsa de estudos do SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha) e matriculou-se na Universidade Goethe de Frankfurt.

Havia o sentimento de que Hitler era o único homem que poderia solucionar os problemas da nação?

O que sei é que, depois da Segunda Guerra Mundial, minha mãe me contou que, num primeiro momento, ela acreditava que um governo de Hitler não duraria muito mais do que os outros da República de Weimar. Entretanto, muitos esperavam que o plano de Hitler para fazer com que

as pessoas voltassem a ter trabalho funcionasse. Por acaso, meus pais chegaram a ver Hitler em um pequeno campo de pouso, quando ele desembarcava de um avião. Minha mãe me disse: *“Wir haben uns nichts dabei gedacht”*. (Não vimos nada de especial).

Eles não temeram a crescente popularidade do Partido Nazista?

Para eles, mesmo que os nazistas prevalecessem sobre os comunistas em sua disputa pelo poder, não aguentariam mais do que qualquer um dos governos de Weimar.

Quando você e sua família perceberam que os nazistas representavam uma grave ameaça a um modo de vida civilizado na Alemanha?

Houve muitos indícios durante o período que antecedeu a eclosão da Segunda Guerra. Os nazistas restringiram as liberdades civis, perseguiram e aprisionaram aqueles que consideravam inimigos do Estado. Alguns dos melhores amigos de meus pais, membros do *Wandervogel*, estavam entre aqueles. Contudo, para meu pai, o maior choque veio quando ele chegou à Polônia, em 1941, onde testemunhou a perseguição brutal de judeus e poloneses.

No início, qual foi a postura de seus amigos, dos colegas de escola e de seus vizinhos diante de Hitler e do nazistas? Eles mudaram suas opiniões de alguma forma antes, durante e depois da guerra?

No primeiro e segundo grau (equivalentes ao ensino fundamental), nunca conversávamos sobre política. A doutrinação era relativamente sutil. Contudo, entre ouvia adultos falarem sobre um homem chamado Hitler, que estava criando problemas para nós. Os oficiais me repreendiam por não cumprimentá-los com *“Heil Hitler!”*.

Depois que nos mudamos para a Polônia, a doutrinação ficou mais intensa, sobretudo no colegial (ensino médio). Todos os meus colegas de escola pareciam ser apoiadores entusiásticos do nazismo e, se não fossem, certamente não teriam dito nada sobre isso.

Eu era amiga de uma criança cujo avô era diretor da nossa escola

primária. Ele era um “nazista da velha guarda” e, quando um professor, Helms, fez objeções ao tratamento brutal dispensado aos judeus, foi julgado, recrutado, obrigado a integrar um esquadrão suicida e morto no front russo pouco tempo depois. Eu não sabia o que os pais dos meus outros amigos pensavam e, como morávamos fora da cidade, não tínhamos vizinhos. Mesmo quando ficou evidente que iríamos perder a guerra, o assunto era tabu tanto entre meus colegas de classe quanto para a maioria dos adultos.

Meus pais e os amigos apenas murmuravam suas opiniões de maneira disfarçada. Meus irmãos e eu fomos alertados para que não mencionássemos a ninguém nada que ouvíssemos.

Quanto ao “depois”, minha impressão é que muitas pessoas ficaram contentes com o término da guerra, mas outras tiveram problemas em lidar com o fato de que a Alemanha perdera a guerra e de que o Reich milenar havia ruído. Mas, acima de tudo, as pessoas queriam esquecer da guerra e se concentrar em sobreviverem.

Em que momento a aprovação incondicional a Hitler adquiriu nuances de crítica? Era externado algum sentimento de traição à confiança que o povo alemão depositara no governo? Eles culpavam os Aliados pela destruição e privação que viveram, ou reconheciam que os nazistas haviam causado a destruição da Alemanha?

Não tenho certeza do que pensava ou sentia a população em geral. As pessoas estavam em choque, passavam fome, suas cidades haviam sido destruídas, haviam perdido membros da família, seus homens haviam morrido em combate, desaparecido, sido mutilados ou aprisionados. Milhões de indivíduos haviam sido arrancados de suas casas e vagavam pelo campo em busca de abrigo e alimento.

O que sei, de fato, é que eles culpavam os Aliados pela destruição de suas cidades e pelas mortes de inocentes causadas por bombardeios, como os de Dresden.

O tratamento dispensado à população alemã pelas forças de ocupação francesas e britânicas era severo quando comparado ao dos americanos (chamados “amis”). Ficamos gratos por estarmos na zona americana. O medo da brutalidade russa era geral. Não sei quantas pessoas chegaram a

considerar que, na verdade, essa era a vingança deles pelas atrocidades perpetradas pelos nazistas em sua pátria. Mas não sei quantos reconheceram que eles próprios haviam causado tudo aquilo, por terem apoiado o nazismo.

Houve algumas exceções. Wilm Hosenfeld, um oficial, lidou com a culpa que o povo alemão teve que carregar em um belo livro. Até onde sei, as notícias sobre o massacre indiscriminado de milhões de pessoas em campos de concentração começaram a emergir aos poucos. Demorou anos até que os indivíduos comesçassem a lidar com a questão. É o que chamavam *vergangenheitsbewältigung* ("superação do passado"). Quando a guerra acabou, eram sobretudo os jovens que se sentiam traídos, enganados e usados.

C.F.S.NEWMAN © STADTMUSEUM BERLIN



Cenário de destruição em Berlim após vitória dos Aliados, em 1945

Qual foi a sua reação em face da avalanche diária e interminável de propaganda veiculada pelo rádio, pela imprensa e pelos filmes?

A propaganda nazista era engenhosa e muito eficaz, mas também

bastante enigmática. A maioria dos anúncios não fazia nenhum sentido para mim. Alguns pareciam sedutores. Alguns eram completamente absurdos.

Você teve a impressão de que as pessoas que você conhecia acreditavam em tudo que as lideranças nazistas lhes falavam?

Tenho certeza de que muitos, mas não todos, acreditavam. Meus colegas do colégio certamente acreditavam em tudo que lhes falavam.

Quando foi que você percebeu que os rumores de que a perseguição nazista aos “inimigos do Estado” não eram apenas rumores?

Um de meus irmãos assistiu a uma marcha da morte e ao assassinato de uma velha *oma* (avó) judia. Eu mesma ouvi os lamentos das famílias judaicas confinadas. Percebi o horror mesmo no dia em que um garoto me convidou para irmos a um enforcamento público de judeus e quando entreouvi Frieda Weichmann contar à minha mãe sobre como os judeus estavam “sendo levados”. Há muitas descrições do tipo no meu livro de memórias.

Como seu pai e sua mãe explicaram a importância de fazer o que podiam para salvar outras pessoas? O que havia na natureza deles que faltava nos outros cidadãos naquele momento?

Meus pais não explicaram coisa alguma, nem perguntaram nossa opinião sobre o socorro que prestaram na época. Saber teria sido perigoso demais para nós. Passaram-se décadas até que nos contassem sobre esses acontecimentos, e demorou ainda mais para que meu pai decidisse falar publicamente sobre o que fizera para salvar aquelas pessoas. Isso só ocorreu depois que uma amiga da família, integrante do *Wandervogel*, insistiu muito. Ela e o marido haviam sido membros do SPD. O marido fora aprisionado e morto durante um ataque aéreo, enquanto fazia trabalhos forçados.

Segundo o professor de sociologia Nechama Tec, da Universidade de

Connecticut, há uma série de características e condições interdependentes partilhadas pelas pessoas que salvaram judeus do Holocausto, que envolve o fato de não se integrarem a suas comunidades e de serem pessoas independentes – com consciência disso. Acredito que isso descreva bem a natureza daqueles que estão dispostos a arriscar as vidas para salvar os outros.

Você disse que seu pai não planejou salvar aqueles judeus, mas sim que se sentiu compelido a fazer aquilo por um senso de responsabilidade. Por que você acha que esse mesmo senso não compeliu outras pessoas?

Conforme descrito no artigo acadêmico de Nechama Tec *"Characteristics and Conditions Rescuers Share"* (Características e condições compartilhadas por salvadores), não era nada "novo ou especial" que fazia salvadores, como meu pai, ajudar judeus e poloneses perseguidos. Meu pai tinha um histórico de ajudar as pessoas, assim como minha mãe, embora esta o fizesse de forma discreta e menos dramática. Se você ler minhas memórias, verá que minha mãe merece tanto crédito quanto meu pai.

Em 1941, quando meu pai se familiarizou com a família Weichmann e eles o informaram da grave situação dos judeus, ele começou a ajudar. Ele não se via como um herói. Em uma carta a Gustav Heinemann (ex-presidente alemão), ele escreveu: "Minhas atividades durante aqueles anos trágicos e perigosos foram, para mim e para minha esposa, apenas um ato natural de humanidade e dever cristão! Basicamente, nada especial! É um fato incontestável que nem todos os alemães foram testemunhas passivas frente ao terror nazista. Era completamente possível resistir, se a pessoa tivesse a vontade e a habilidade para tanto".

É totalmente possível que tenha havido muito mais alemães que esconderam e ajudaram judeus durante o Terceiro Reich, mas a triste constatação é que há apenas 533 cidadãos registrados como pessoas que arriscaram as vidas e foram nomeadas "gentios justos" – meu pai, Karl Laabs, é um deles.



Soldados alemães reunidos em torno de rádio para ouvir notícias sobre seu país e a guerra, em 5 de outubro de 1939

Você mencionou os tipos a quem seu pai desconcertou com protestos e bravata, os parvos empoderados por Hitler. Contudo, também houve muita gente inteligente que sucumbiu à ideologia nazista. Você poderia explicar por que também elas foram convertidas ao nazismo?

Eu mesma me fiz essa pergunta diversas vezes. Ao final, isso só me traz mais questionamentos. Era a ideologia que as atraía? Era a ambição, a sede de poder? A necessidade de se sentir superior aos outros? Não tenho resposta.

O que você diria àqueles que negam a existência do Holocausto?

Primeiro, eu lhes contaria sobre minhas próprias vivências, sobre o que vi com meus próprios olhos e o que nossa família viveu em uma pequena cidade a 17 quilômetros do campo da morte de Auschwitz. Eu insistiria

para que olhassem para as inegáveis evidências dos registros meticulosos mantidos pelos próprios nazistas. Eu pediria que abrissem os olhos diante das fotografias e filmagens feitas pelos próprios nazistas. Eu pediria que abrissem os ouvidos diante das histórias de sobreviventes reunidas por Stephen Spielberg como parte do *Shoah Visual History Project*. E eu sugeriria que escutassem as histórias de alguns dos carrascos, muitos dos quais confessaram haver cometido atrocidades inimagináveis. Se essas evidências não as convencerem, nada mais o fará.

Mas queria contar outra coisa: em 1948, nossa família, como tantas outras na época, estava quase morrendo de inanição. Alguns dos sobreviventes judeus resgatados por meu pai estavam à nossa procura havia algum tempo. Quando nos encontraram, ficaram emocionados. Quando souberam de nossas dificuldades, Frieda Weichmann chegou com comida e roupas.

Nós perdemos o contato com eles nos anos seguintes, mas, em 1983, quando minha mãe e eu fomos a Israel plantar uma árvore em memória de meu pai, encontrei o endereço deles. Reunimo-nos com duas das irmãs e mantivemos contato com elas até falecerem e somos próximos de suas filhas e famílias até hoje. Durante minha primeira conferência em Nova York, o neto de uma das mulheres cuja vida meu pai salvara apresentou-se e declarou: “Eu não estaria aqui se não fosse pelo pai de Eycke”.

RENATA ZERNER

Como muitos berlinenses, a adolescente Renata Zerner cresceu com a crença de que a capital do *Reich* seria imune aos ataques aéreos dos Aliados. Ela e outros tranquilizavam-se, recordando que os bombardeiros britânicos e americanos teriam de sobrevoar 240 quilômetros de território inimigo para chegar aos limites da cidade, ficando vulneráveis a tiros e ataques antiaéreos. Ademais, eles tinham alvos mais prováveis na zona industrial do Vale do Ruhr e perto da costa de Hamburgo e Lübeck, onde os navios de guerra eram construídos.

Recordavam que o *Reichsmarschall* Goering havia garantido pessoalmente à população que nenhuma aeronave inimiga passaria pelo sistema de defesa antiaérea. E, mesmo assim, Berlim sofreu 30 ataques só

em 1940, e outros 15 no ano seguinte, embora esse número tenha caído para dois em 1942. Os danos, porém, haviam sido superficiais. Em janeiro de 1943, quando a cidade sofreu seu primeiro ataque à luz do dia e 200 pessoas foram mortas, os habitantes desconsideraram a importância disso, por acreditarem se tratar de uma anomalia, uma demonstração de força, e disseram a si mesmos que, se e quando os ataques fossem intensificados, seu alvo seria a Chancelaria do *Reich* e outros ministérios no centro da cidade, ou as fábricas e pátios ferroviários distantes das áreas residenciais. Mas eles estavam errados.

Numa noite daquela primavera, Renata acordou ao som de sirenes. Apressou-se para se vestir. Naquela área, não havia abrigo comunitário e as estações de metrô não eram tão profundas quanto as do metrô de Londres, então as pessoas foram obrigadas a se refugiar em seus porões. Se o prédio de apartamentos de cinco andares na *Bayerischer Platz* sofresse um impacto direto, Renata ficaria soterrada, junto com seus pais, a irmã, Jutta, e os outros inquilinos.

Não era possível ignorar a sirene. Quem permanecia na cama era acordado de maneira grosseira pelo guarda de ataques aéreos, um morador que desempenhava suas funções com seriedade e gostava de sua autoridade. Ele tocava a campainha até a pessoa atender e fazia um sermão sobre responsabilidade e falta de consideração.

Os berlinenses costumam ser um tanto frios, mas essa crise compartilhada uniu os moradores e eles começaram a conversar mais abertamente. Enquanto Renata, com 16 anos, jogava baralho com outras crianças no menor dos dois cômodos do porão, os adultos permaneciam no cômodo maior, sentados em um estranho conjunto de sofás e cadeiras resgatados dos sótãos. Os únicos estranhos no abrigo eram taxistas locais, que ensinavam às crianças *skat*, jogo de baralho que costumavam jogar enquanto aguardavam os próximos clientes.

O pequeno cômodo abafado continha duas beliches para as crianças, mas ninguém conseguia dormir com cobertores ásperos. Ao todo, havia cerca de 20 pessoas apinhadas nos dois cômodos com pé-direito baixo, iluminados por fortes lâmpadas de filamentos expostos.

Alguém havia decorado as paredes com grandes pôsteres de soldados soviéticos que faziam cara feia, na provável tentativa de lembrar aos outros que eles tinham sorte de estar sob a proteção do *Führer*. No entanto, isso só aumentava a ansiedade. Se Berlim fosse tomada pelo

Exército Vermelho... Mas a única forma de se manter são era levar um dia de cada vez e acreditar na vitória final alardeada por Goebbels – que seria conseguida pelo uso de uma nova arma, na qual os melhores cientistas da Alemanha estavam trabalhando naquele exato momento.

© IMAGO/SÜDTIROLFOTO



Leni Riefenstahl atuando, nos anos 1930: ela se tornaria a cineasta “oficial” da estética nazista

Aquelas promessas não valeram grande coisa quando o estampido das baterias antiaéreas ficou mais alto e o zumbido dos bombardeiros inimigos aproximou-se: “As pessoas falavam baixo, mas, a cada explosão, encolhiam-se e paravam de conversar... Uma jovem, tentando superar seu medo, continuou o jogo de paciência que começara antes. De repente, ouviu-se um assobio, depois um grande estrondo, e o prédio todo tremeu. Com um gesto violento, a moça que jogava baralho empurrou as cartas para fora da mesa e gritou. Choros cortaram o ar – e então houve quietude. Meu coração batia com força; eu mal conseguia respirar. Aterrorizada, olhei para minha mãe, que viu o pavor no meu olhar. Ela murmurou, com o rosto pálido e absurdamente sério: ‘Está tudo

bem; acho que a bomba caiu bem perto de nós'. Meu pai levantou-se e disse: 'Deve ser a casa de trás'. Sua voz era firme e calma."

Renata sentia-se segura com o pai por perto. Ele era um veterano da Primeira Guerra e gostava de contar sobre como sobrevivera a uma explosão no refeitório dos oficiais, atingido por uma granada. A garota gostava de pensar que a presença dele garantia a segurança delas até contra bombardeios.

Quando finalmente se ouviu o aviso de que não havia mais perigo, todos bateram suas roupas para tirar o pó de reboco e cimento e saíram em fila, pelo corredor longo e estreito, até a rua: "Que visão! Os topos da maioria das casas ao redor haviam sido atingidos por bombas incendiárias e queimavam como tochas gigantes. As labaredas de um enorme incêndio subiam aos céus e soltavam faíscas no ar, o que as espalhava de um telhado a outro e cobria o céu negro com uma nuvem rosada".

Uma bomba havia demolido a casa imediatamente atrás deles, mas o prédio não fora atingido. Não havia muito o que fazer além de olhar aquele espetáculo tenebroso. Não havia caminhões de bombeiros, até onde era possível ver ou ouvir. Havia simplesmente incêndios demais.

Animais de estimação não podiam entrar no abrigo. Então, quando retornou ao apartamento, Renata teve de convencer seu pequeno terrier a sair debaixo do sofá onde estava escondido, tremendo de medo, e levou-o para fora. "A visão era terrivelmente espetacular. Labaredas gigantescas subiam aos céus por toda a parte. Escutavam-se rangeres e silvos. Meus olhos começavam a arder e o cheiro de fumaça penetrava por minhas roupas e pele..."

Os pais de Renata eram antinazistas por princípio – ainda que seu pai, médico, tivesse sido inscrito no partido por seus empregadores, do Departamento de Transportes de Berlim, em 1933. Entretanto, depois que abriu o próprio consultório particular, continuou a tratar de seus pacientes judeus – embora, enquanto ariano, fosse proibido de fazê-lo – e manteve amizades com outros opositores do regime, que tinham ideias semelhantes às dele. Fazer isso significava se arriscar a ser entre ouvido por informantes, tanto os funcionários do Estado quanto aqueles que buscavam cair nas graças da ditadura. Renata e sua irmã foram alertadas pelos seus pais para serem discretas e não conversarem sobre política com ninguém, nem seus melhores amigos. Os espiões da Gestapo

estavam por toda parte. Gerentes de lojas e seus empregados ouviam conversas dos fregueses, zeladores vigiavam as atividades dos inquilinos, coletores de bilhetes no transporte público bisbilhotavam os passageiros, e varredores de parques públicos estavam atentos a conversas casuais.

Mesmo assim, conversar em locais públicos ainda era menos arriscado que falar pelo telefone. Mesmo que o aparelho não estivesse grampeado, os pais de Renata temiam que houvesse uma escuta embutida e costumavam colocar um travesseiro sobre ele quando recebiam seus “amigos mais próximos” em casa. Havia rumores de que um funcionário da companhia telefônica era enviado para instalar microfones escondidos na casa de famílias suspeitas, sob o pretexto de checar o aparelho, e que essa escuta conseguia captar as conversas mesmo quando o telefone não estivesse em uso. Renata lembra: “Nós mantínhamos as portas fechadas e falávamos em voz baixa”.

Com frequência, o dr. Zerner e sua esposa encontravam os amigos no Zoológico de Berlim nas tardes de domingo, em uma alameda onde teriam certeza de que não seriam ouvidos: “Com meus pais, aprendi a questionar, a nunca confiar de maneira implícita em quem estivesse no poder, a não acreditar nas promessas que faziam em discursos e a nunca ignorar os cartazes atrozes de propaganda em locais públicos... esse tipo de publicidade é pensado para causar medo, e as pessoas que vivem com medo podem ser facilmente manipuladas”.

Mesmo as frases mais inócuas poderiam ser consideradas derrotistas. A mãe de Renata foi entreouvida quando lamentava a inútil perda de vidas civis em um bombardeio e foi convocada para comparecer ao gabinete do governante local para explicar seu comentário. Ela conseguiu convencê-lo de que o uso da palavra *kaput* (quebrado ou arruinado) poderia ter feito parecer que julgava que as mortes tinham sido vãs, mas que, na verdade, os berlinenses usavam o termo de forma diferente da empregada em Kassel, onde agora vivia, com sua filha, para tentar escapar às bombas.



Berlim às vésperas da capitulação, em maio de 1945: a capital do Reich em ruínas

A ameaça de serem entreouvidas não impedia algumas pessoas de se divertirem às custas de seu líder: "Qual é a canção preferida de Hitler?". Resposta: "*Ich weiss, es wird einmal ein Wunder geschehen*" ("Acredito que um dia um milagre vai acontecer"). A canção ficara conhecida na voz de uma das estrelas de cinema favoritas de Goebbels, Zarah Leander. Mas o humor oferecia apenas um alívio momentâneo em face da realidade sinistra da situação cada vez mais desesperadora.

O medo da Gestapo era muito real, e a mera suspeita de que alguém estivesse espalhando rumores de derrota seria suficiente para que fosse presa. Certo dia, o dr. Zerner ficou chocado ao ver um de seus pacientes, um certo *Herr Volkmann*, chegar a seu consultório tremendo dos pés à cabeça, com o rosto pálido e os olhos vermelhos pelas noites mal dormidas. Ele acabara de ser liberado pela Gestapo, que o havia detido por fazer um ridículo comentário sobre o regime enquanto esperava sua vez na fila do correio. O Sr. Volkmann não conseguia se lembrar de comentário nenhum e jurava que nunca teria feito "comentários

políticos” em público. O informante devia tê-lo confundido com outra pessoa ou feito a acusação por maldade. Seus protestos de inocência acabaram sendo aceitos, depois que ninguém se apresentou para confirmar as acusações. No entanto, o sr. Volkmann temia ser preso novamente a qualquer instante. E outra coisa também o alarmava. Ficara sujeito, a noite toda, a gritos e prantos vindos de uma cela próxima. O carcereiro lhe disse que eram de um garoto de 17 anos que estava prestes a ser enforcado por ter roubado uma galinha.

Em outubro de 1944, até os jovens em idade escolar se viram elegíveis para recrutamento pela SS. O dr. Zerner contou à esposa e à filha que a SS havia entrado marchando em uma sala de aula em Berlim e dado ordens para que todos os garotos se juntassem à polícia. Um dos meninos de 17 anos era filho de um amigo da família. Dois meses depois de ser levado, ele foi morto na Frente Oriental.

Nas semanas finais da guerra, nem idade ou enfermidades eram consideradas impedimentos. Homens idosos e garotos jovens, alguns com apenas 12 anos, foram conscritos na milícia *Volkssturm* (“Tormenta do povo”) e armados com uma *Panzerfaust* (espécie de bazuca), com a qual, esperava-se, deteriam os invasores aliados. A população de Berlim e das cidades na rota do exército soviético viviam com medo do que os russos fariam em retaliação às atrocidades cometidas pela SS no leste. Em outros locais, nazistas e não nazistas haviam aprendido a viverem um dia após o outro. A comida tornara-se tão escassa, que carne de cavalo era considerada um luxo. Agora, não havia mais gás, eletricidade ou água quente encanada. Fervia-se água e cozinhava-se em fogueiras nas varandas. As pessoas caminhavam pelas ruas cheias de escombros para irem ao trabalho ou ao mercado, na tentativa de manterem alguma aparência de normalidade. O artigo mais desejado era informação. Cada bombardeio levava a mais destruição e a novas baixas e, frequentemente, a única fonte de informação sobre pessoas queridas era o boca a boca. Notícias eram penduradas nos muros dos prédios destruídos, informando a quem quisesse saber que o antigo ocupante poderia ser encontrado na rua tal, ou na casa de uma tal família que o tivesse acolhido. Renata concordou gentilmente em ser entrevistada para este livro. Veja os principais trechos abaixo.

Havia o sentimento geral de que Hitler era o único que

poderia solucionar os problemas da nação?

Meus pais disseram que a década de 1920, os anos pós-Primeira Guerra Mundial, foram tumultuados e difíceis, e que a taxa de crimes era alta. A República de Weimar era fraca, assim como Hindenburg, que era velho e ineficiente. Contudo, meus pais sempre enfatizaram que havia uma imprensa livre e que as artes floresceram. Lembro que quando eles ficavam sabendo de algum ato ultrajante cometido pelos nazistas, sempre observavam: “Isso nunca teria acontecido no governo do *Kaiser*”.

Inicialmente, que impressão seus pais tiveram dos nazistas?

Era óbvio que, no início, quase todos os alemães estavam apaixonados por Hitler e que, em todo o lugar aonde ele ia, era considerado o novo, o grande líder da Alemanha. Meus pais eram social-democratas e ficaram apreensivos por conta dos judeus, que eram seus amigos, pacientes e colegas de trabalho de meu pai.

Ameaças contra comunistas, socialistas, judeus etc. intensificaram-se e foram insufladas pelos discursos de Hitler. Mas muitos alemães, assim como judeus alemães, presumiram que não passaria muito disso. Antes de Hitler se tornar chefe de governo, só lembro que meu pai se referia a Hitler e aos membros de sua SA como “arruaceiros”.

O apoio a Hitler e aos nazistas diminuiu com os reveses militares, ou a população como um todo permaneceu incondicionalmente fiel?

Em geral, no começo da guerra, todos ficaram entusiasmados com o sucesso do *Blitzkrieg* (“ataque relâmpago”) de Hitler. Mas, conforme a guerra ficou desgastante e as pessoas começaram a sofrer com bombardeios, baixas por todas as partes, racionamento de alimentos etc., o apoio aos nazistas diminuiu.

Mas, por favor, considerem que, em uma ditadura, ninguém podia perguntar abertamente a um estranho, ou a alguém que não conhecesse bem, se a pessoa apoiava ou não o ditador. Esse questionamento poderia levar você a um interrogatório e ao confinamento em um campo de concentração. A versão oficial era que todos amavam o *Führer* e as coisas estavam indo bem. Assim, por que alguém faria tal pergunta?

Vou dar um exemplo do temor que existia de ser denunciado. Meus pais foram a um jantar oferecido por amigos próximos que eram “anti” e, sabendo disso, minha mãe presumiu que os demais convidados também seriam “anti”. Isso até que um senhor que ela nunca vira antes se aproximou, beijou sua mão e apresentou-se, murmurando “*Partei*” (“partido”, em alemão). Minha mãe ficou chocada e pensou que ele deveria ser ligado ao Partido Nazista. Ela então abordou os outros convidados, um a um, e os alertou para que não dissessem nada politicamente perigoso – até que encontrou a anfitriã. Perguntou-lhe por que havia convidado um oficial do partido. A anfitriã riu e disse: “Não, não, ele é confiável, *Partei* é o nome dele”.

VATICAN PICTURE GALLERY



Cenário de horror após o maciço bombardeio de Dresden

Houve, seguramente, pessoas que de início acreditavam em Hitler e que, quando a situação se complicou, mudaram de ideia. Minha mãe tinha uma boa amiga que realmente achava que ele tinha boas intenções, mas ela alterou sua posição drástica e rapidamente antes mesmo que o ano de 1933 tivesse acabado.

Com o tempo, de fato, a popularidade de Hitler se esvaiu, pouco a

pouco, mas não necessariamente por causa das vítimas inocentes nos campos. Em geral, isso ocorreu porque as pessoas tiveram que lidar com suas próprias perdas, como de familiares, na guerra ou em bombardeios, ou de suas posses. Havia insatisfação nas cidades bombardeadas, e poucas escaparam aos ataques, e as pessoas passaram a ter menos medo de expressar suas opiniões em público; às vezes, explodiam de tanta frustração. Infelizmente, com frequência, havia pessoas ao redor que ainda acreditavam em Hitler e essas entregavam aquelas às autoridades. A Gestapo contava com esses *"spitzel"* ("informantes"), que se consideravam agentes secretos. Depois da malsucedida tentativa de assassinato a Hitler, o policiamento ficou ainda mais rigoroso. As coisas ficaram mais perigosas e, quanto mais as tropas alemãs retrocediam, mais perigoso ficava. Entretanto, de alguma forma, era possível sentir algo subjacente, como se as pessoas esperassem pelo fim. Depois da capitulação em Stalingrado, ficou claro para muitos – mas não para todos – que a guerra já estava perdida.

Em geral, os indivíduos sabiam que havia campos de concentração, mas, novamente, é impossível estimar quantos sabiam o que realmente acontecia lá. A explicação do governo era que consistiam em campos de reeducação para os inimigos do Estado. Algumas pessoas descobriram a verdade sobre o desaparecimento de judeus, antinazistas, ciganos, homossexuais, entre outros. Mas ninguém conversaria sobre o que havia ouvido falar, a menos que tivesse certeza de que a outra pessoa não iria entregá-lo.

Os adeptos mais fanáticos negaram tudo até o final. Nossa senhoria e suas duas filhas, na pequena cidade onde passamos a viver quando os bombardeios a Berlim aumentaram, era dessas. Depois que as tropas americanas entraram na cidade, ela falou exatamente o seguinte: "São apenas tropas avançadas, nossos soldados vão vencê-los". Uma das filhas dela era minha colega de classe e profundamente antissemita. Todas as três eram completamente devotadas a Hitler.

O povo de Berlim não poderia ser considerado "cortês". Todos se cumprimentavam de maneira educada no elevador, mas não havia conversas. Isso mudou com os bombardeios, quando todos tiveram que ir para o abrigo no porão. Foi lá que conhecemos os nossos vizinhos. No edifício de Berlim onde minha família vivia, existiam oito apartamentos. Havia uma família cujos membros eram todos pró-nazismo. Tornei-me

amiga próxima de uma das meninas. Nós nunca tocamos no assunto política. Ela era uma liderança da Juventude Hitlerista. Eu não fazia parte do grupo, mas isso não interferiu na nossa amizade.

Como já disse, era extremamente perigoso, na Alemanha nazista, perguntar a um estranho, ou a alguém que não conhecêssemos bem, se a pessoa apoiava Hitler ou não. Contudo, havia uma forma de descobrir e ela consistia em estabelecer um diálogo: um comentário vago de preocupação, ou referências ao nome de Hitler e não ao *"Führer"*, e, pouco a pouco, você poderia determinar a posição da pessoa – do lado dos nazistas ou dos antinazistas.

A mentalidade dos nazistas é interessante. No período pós-guerra, o medo continuou presente, mas agora o jogo tinha virado: eram os pró-nazismo que temiam admitir suas opiniões. Eles achavam que receberiam as mesmas punições que os nazistas haviam infligido a seus inimigos. Consequentemente, muitos indivíduos não falavam muito sobre seu passado, a menos que ele fosse conhecido de todos, e, se pudessem, não admitiriam que haviam acreditado em Hitler ou trabalhado para ele.

Quando o apoio incondicional ao regime começou a desmoronar?

É difícil precisar justamente porque as opiniões políticas negativas não podiam ser expressas. Depois da guerra, falou-se muito sobre manifestar-se ou em ter a coragem moral necessária para se opor ao regime, mas isso é ingenuidade. Todos os que fizeram isso foram mortos.

Logo após 1945, a maioria dos alemães culpou os Aliados por sua desdita. Muitos culpavam o povo alemão por não apoiar Hitler. Muitos logo se deram conta de que havia sido uma tática ruim invadir a Polônia e, assim, iniciar a guerra. E havia aqueles que acreditavam em uma vitória alemã até o final. Por exemplo, nosso professor de história nos corrigia quando dizíamos "depois da guerra". Devíamos falar "depois da nossa vitória". Presumo que esses tenham culpado os antinazistas.

Muitos anos depois, em 1970, uma amiga que servira como enfermeira do exército, durante a guerra, na Rússia, contou-me que ela culpava os soldados pela derrota, e que poderíamos ter ganho se tantos combatentes não tivessem desertado ou capitulado. Na época, não perguntei, mas claro que ela era pró-Hitler.

Perto do fim, era possível perceber uma atmosfera de insatisfação, mas

era só. Ouviam-se reclamações sobre o racionamento de comida, a falta de carvão para aquecer as casas, a falta de roupas e muito mais. Não havia gasolina para os carros. A situação era particularmente difícil para as mulheres que tinham filhos pequenos. Ninguém falava nada, mas os semblantes exaustos, a conduta nervosa, já diziam o bastante. As pessoas das cidades destruídas pelos bombardeios que chegavam ao povoado onde vivíamos compartilhavam memórias do que haviam perdido: suas casas e todos os pertences que estavam nos apartamentos, um pai ou um filho morto...

Nesse momento, alguns poucos fizeram comentários sutis para indicarem que suas opiniões pró-nazismo haviam se tornado em um sentimento de traição. Eu já tinha a nítida sensação de que Hitler e a Alemanha nazista haviam me traído e roubado a minha juventude, causado a perda de meu pai e de meu futuro. Saber que outros haviam perdido e sofrido muito mais do que eu nunca diminuiu a minha dor.

Como vocês se protegiam da doutrinação contínua da propaganda nazista?

Em casa, discutíamos rádio, imprensa, teatro e cinema à mesa do jantar. Quando tomei consciência do que era propaganda, ela já não me afetava. Sinceramente, grande parte dela era simplista e estúpida, cheia de frases de efeito. Apenas me recordo de um incidente: eu estava aguardando o bonde em uma parada quando olhei para uma página do jornal *Völkischer Beobachter* (*"Observatório do povo", jornal dos trabalhadores nacional-socialistas*) que estava colocada em uma vitrine da banca de jornal. Na página, havia um desenho repugnante e pornográfico de um judeu. Percebi a maldade daquilo e me senti enojada. Já o conteúdo da maioria dos filmes com estrelas como Zarah Leander estava tão recheado de propaganda que tinha chegado um ponto em que ninguém esperava nada além disso. Mas as comédias escapavam disso.

Qual a sua impressão sobre os efeitos que a propaganda teve em seus vizinhos, amigos e colegas de escola?

Muitos acreditavam em tudo. É difícil até dizer quando começaram a ter dúvidas... se é que começaram. Também, grande parte do que falavam dizia respeito a suas esperanças. Mas nem todos engoliam o lixo

despejado por Goebbels, independentemente de sua educação.

Minha família e eu não socializávamos com nazistas devotos. Se nos deparássemos com uma situação desse tipo, conversaríamos sobre coisas sem importância e, se possível, encerraríamos logo o contato. Eu devia ter cerca de 9 ou 10 anos quando meus pais passaram a discutir esse tipo de coisa na frente de nós, crianças, alertando-nos para nunca, nunca contarmos sobre isso para ninguém, “ou acabaríamos em um daqueles campos”.

Quando vocês tomaram conhecimento do que acontecia nos campos?

Nós tínhamos amigos judeus e meu pai tinha pacientes judeus, que contaram aos meus pais o que estava acontecendo. A enfermeira que trabalhava no consultório dele estivera conosco por muitos anos, apesar da proibição nazista de empregar judeus. Quando ficou perigoso demais, ela nos deixou e, em 1939, saiu da Alemanha, bem no dia em que a guerra começou. Ela nos contava sobre os campos.

Eu tinha apenas seis anos quando Hitler chegou ao poder. Minha família era de Berlim e os berlinenses, de modo geral, costumavam ter uma visão diferente da do restante do país. Sendo eu própria uma berlinense, gosto de pensar que somos mais espertos em relação à política e frequentemente mais bem informados. O que as pessoas sentiam em relação a Hitler e aos nazistas variava muito nas diversas partes da Alemanha; o apoio era geral, mas muito maior e nas comunidades rurais, onde as pessoas costumavam ser mais crédulas.



Dresden: cidade não se preparara para o bombardeio que reduziu a “Florença do Elba” a escombros

O BOMBARDEIO DE DRESDEN

Em fevereiro de 1945, os habitantes de Dresden tinham a esperança de que já tivessem passado pelo pior que a guerra reservara. Tranquilizavam-se com a ideia de que sua cidade, conhecida como a Florença do Elba devido a seus tesouros da cultura e à arquitetura barroca, não tinha importância estratégica alguma. Poderia levar apenas alguns meses, mas as hostilidades cessariam e eles poderiam começar a reconstruir suas vidas. Entretanto, na noite de 13 de fevereiro, os Aliados enviaram o primeiro dos quatro ataques aéreos calculados para arrasar a cidade, que consideravam um alvo legítimo por causa da abundância de fábricas na zona industrial e de sua posição de central de comunicação e transportes.

Por duas noites seguidas, 1.250 bombardeiros lançaram

aproximadamente 4 mil toneladas de explosivos de alta potência e de dispositivos incendiários, transformando o centro da cidade em um verdadeiro inferno. A tempestade de fogo que resultou disso causou uma destruição generalizada e a morte de cerca de 25 mil civis (número divulgado na época pelas autoridades municipais e confirmado após a guerra).

Uma das sobreviventes, Hannelore Rebstock, reviveu o horror daqueles ataques em uma entrevista concedida ao historiador Frederick C. Tubach, da Universidade da Califórnia, autor de *German voices*.

Fevereiro é mês de carnaval na Alemanha e, na tarde do primeiro bombardeio, crianças brincavam fantasiadas nas ruas. Contudo, às nove da noite, quando o rádio alertou sobre a aproximação dos bombardeiros, todas estavam seguras em suas casas, muitas já acomodadas em suas camas. Hannelore jogou-se no chão do abrigo antiaéreo quando as primeiras bombas dos 796 aviões da missão da *Royal Air Force* caíram. O solo tremeu. À medida que mais bombas caíam, o piso de terra ondulou-se com o impacto, então tudo ficou em silêncio. A garota e sua mãe emergiram de seu abrigo subterrâneo e inspecionaram o violento incêndio que se alastrava, na companhia de seus vizinhos. Era uma cena indescritível, que assombra a alemã desde então.

BETTMANN/CORBIS



Dresden: 25 mil mortos pelas bombas aliadas

Os Aliados não tinham total conhecimento disso, mas a população da cidade havia aumentado muito com os 500 mil refugiados que fugiam do avanço russo – muitos dos quais haviam se concentrado na praça em frente à principal estação de trem, esperando ser guiados para os abrigos. Mas a cidade não havia construído abrigos comunitários, porque os governantes de Dresden presumiram que ela não estaria sob a mira dos ataques. Como consequência, muitos refugiados estavam ao ar livre quando os bombardeiros sobrevoaram a estação ferroviária, que era um dos alvos preferenciais.

No momento em que a segunda bateria lançou suas cargas letais por volta da meia-noite, os refugiados, em choque, estavam acompanhados de centenas de residentes, também em estado de choque, que haviam deixado seus abrigos para avaliar os estragos. Tragicamente, não fora possível lançar o alerta sobre o segundo ataque aéreo, porque os alarmes haviam sido destruídos. Hannelore sobreviveu, mas ficou marcada por cicatrizes profundas daquela experiência, que se seguiu por dias escavando escombros e tentando encontrar corpos e o trauma da visão do que parecia ser tocos de árvores, mas eram restos carbonizados e retorcidos dos cidadãos de sua cidade.

Era tudo perturbador demais para se compreender. Hannelore ficou em choque durante algumas semanas e teve pesadelos por anos a fio. Ela se sentia entorpecida, sentindo-se “morta e paralisada por dentro”. Quando estavam todos juntos, acumulando os destroços, pedaço por pedaço, o faziam em silêncio profundo, e nunca conversaram sobre aquela experiência.

ANNELIESE HEIDER

Durante a década de 1930, Anneliese Heider e seu irmão mais velho, Ludwig, desfrutaram de uma infância típica de classe média-alta em um subúrbio de Munique, um local que oferecia a eles uma visão singular da vida no Reich de Hitler. A capital bávara era o local onde o nacional-socialismo nascera. O pai deles, Martl, um veterano ferido na Grande Guerra, havia trabalhado como carpinteiro para a companhia ferroviária antes de 1914 e, ao retornar, foi empregado como caixeiro. A mãe, Elisabeth, era cozinheira e, quando os preços dos alimentos chegaram a valores astronômicos no início dos anos 1920, ela alimentava sua família comprando miúdos e ossobuco para fazer pratos nutritivos.

Mesmo depois de o casal ter conseguido guardar dinheiro suficiente para comprar seu sobrado de estuque recém-construído, continuou a viver com parcimônia, como se cada *pfennig* (centavo) contasse. Martl construía e consertava a maioria dos móveis da casa, afiava os utensílios da cozinha e tinha orgulho de não jogar fora nem um prego torto, pois talvez pudesse consertá-lo e reutilizá-lo. Elisabeth tinha apenas dois vestidos, remendava as roupas dos membros da família e preparava seus próprios picles e conservas, mantidos na área mais fria da antessala, pois refrigeradores eram um luxo desnecessário.

A casa inteira poderia ser aquecida com uma única lareira, embora todos os cômodos tivessem suas próprias lareiras azulejadas, usadas apenas quando fazia um frio muito intenso. O porão abrigava a oficina do pai e um depósito para frutas, vegetais, potes de marmelada e compota de maçã. Ali ficava também a lavanderia, onde as roupas eram lavadas mensalmente em um grande caldeirão com água fervente.

Para Anneliese, aquela foi uma época idílica, quando passava as noites

de primavera e verão brincando perto de seus pais no jardim, fazia passeios ao bosque, ia ao circo e visitava anualmente o *Christkindlmarkt* (mercado de Natal) na praça Marienplatz. Quando a garota tinha dez anos, o que mais a agradava era ir à cidade com sua mãe para fazer compras nas grandes lojas de departamento. Entretanto, em novembro de 1938, as duas foram conduzidas para fora de sua loja preferida, a Tietz, por dois homens da SA, vestidos com suas camisas marrons, que lhes disseram: “Alemães não comprem em lojas de judeus”. Anneliese ficou incomodada – não apenas com a presença ameaçadora dos membros da SA, mas também com o fato de sua mãe não ter reagido quando eles a confrontaram. Era inquietante ver que as pessoas retiradas da Tietz se apinhavam para entrar na loja imediatamente ao lado. Parecia que ninguém se incomodava de receber ordens daqueles dois brutamontes. Na aula de religião, a garota aprendera que Deus amava a todos. O que havia feito com que sua mãe, tão religiosa, tivessem esquecido disso?

Na escola, o crucifixo foi trocado por uma foto emoldurada do Führer e a oração matinal foi substituída por um “*Heil Hitler!*” compulsório. Anneliese era assombrada pelo pensamento sobre o que poderia ter acontecido com seu novo amigo “dominical”, Franz – um garoto inválido que fazia visitas à família, um domingo por mês, conforme a igreja que frequentavam havia combinado. Depois de muitas visitas alegres no verão e outono de 1938, de uma hora para outra, Franz parou de ir à casa deles, sem qualquer explicação. Na primavera seguinte, disseram a Martl que Franz fora enviado a uma clínica especial, para tratamento. Algum tempo depois, a família do menino foi avisada de que ele morreria de causa natural e que seu corpo fora cremado. Dois anos depois, em 1941, o programa de eutanásia nazista foi exposto pelo bispo de Münster, Dom Clemens August Graf von Galen, e, embora os padres que imprimiram e distribuíram os sermões do bispo tenham sido presos e executados, o clamor público foi tamanho que forçou Hitler a ordenar o fim do programa.



Anneliese Heider: sobrevivente

A guerra fez com que Ludwig fosse recrutado para o corpo de observadores e que o jardim da família se transformasse em espaço para o plantio de batatas e vegetais. Conforme o conflito perdurava e o racionamento restringia o acesso a todo tipo de bem, de sabão a linhas de cerzir, outros canteiros de flores foram sacrificados para o cultivo de produtos essenciais. A produção local não era racionada, porque estragaria caso não fosse vendida fresca, mas as longas filas nas mercearias forçavam muitas famílias a fazerem seu próprio cultivo. Havia maçãs e peras em abundância, mas laranjas e outras frutas cítricas, que eram importadas, tornaram-se raras.

Sob o nacional-socialismo, a burocracia alemã atingiu níveis de absurdo. As famílias eram autorizadas a terem uma galinha e meia por pessoa, mas elas tinham de ser registradas e, caso uma galinha morresse ou fosse sacrificada para ser cozida, sua cabeça deveria ser decepada para provar que não era mais capaz de produzir ovos. Se fossem criadas mais aves do que permitido por lei, os ovos deveriam ser entregues a um centro de distribuição. A lenha ficou escassa, mas as autoridades proibiram o corte de árvores e a poda de galhos. Assim, os Heider e seus vizinhos passaram a vasculhar os bosques à procura de galhos caídos depois das tempestades. Com a escassez de carvão, Martl engoliu seu orgulho e passou a buscar, nos arredores da ferrovia, pedaços de carvão que pudessem ter caído de vagões.

Durante a guerra, o leite integral foi substituído por uma mistura rala e aguada, com uma coloração azulada muito peculiar e sacarina no lugar de açúcar. Como muitos outros, os Heider começaram a vasculhar os bosques atrás de quaisquer comestíveis que pudessem encontrar. Cogumelos viraram um ingrediente básico, mas havia outras fontes de nutrição que serviam como substitutas dos gêneros que haviam sumido. O *fichtennadelhonig* ("mel de abeto") era feito a partir dos brotos novos e melados dos pinheiros, no tempo em que o mel verdadeiro não podia ser encontrado, e os bolos tinham que ser feitos com água quente e ovos, já que não havia banha ou manteiga. Restaurantes, cafés, cervejarias e hotéis também estavam sujeitos ao racionamento. Dois dias por semana, deveriam fornecer refeições sem carne e, uma vez por mês, um cozido de legumes com sobras de carne doadas pelo açougue local. Era o Eintopf Sonntag (domingo do ensopado), pelo qual os consumidores não precisavam gastar seus preciosos cartões de racionamento.

Para crianças da idade de Anneliese, havia outras surpresas. Eventualmente, aulas da manhã eram canceladas e as crianças tinham de marchar até uma fazenda próxima para catar insetos amarelos e marrons, prejudiciais aos pés de batata, ou para fazerem as colheitas, uma vez que os trabalhadores rurais haviam sido recrutados pelas forças armadas. Educação não era mais prioridade. Uma das primas da jovem alemã mandada a uma escola particular ao norte da cidade foi dispensada das aulas, junto com os colegas, e enviada a uma fazenda de lúpulo, onde passou a fazer a colheita para as fábricas de cerveja, cinco dias por semana, retornando para casa apenas nos fins de semana.

Enquanto integrante da BDM (Liga das Moças Alemãs), Anneliese teve de fazer um curso de primeiros socorros, e sua mãe também o fez, pois era evidente que a população de Munique – e de qualquer outra cidade – não poderia mais depender de ambulâncias ou médicos depois que os ataques aéreos dos Aliados intensificaram-se. E, ao final das aulas de cada dia, elas faziam ataduras enviadas para o front.

No outono de 1941, todos os civis receberam uma máscara de gás e foram obrigados a treinar como usá-las. Elas eram apertadas e tinham um cheiro forte de borracha.

Mesmo o Natal teve de ser reduzido para se conformar às restrições da guerra. A árvore de Natal dos Heider tinha sido motivo de grande deleite

e costumava chegar até o teto, mas, a partir de 1941, a família teve que se contentar com uma versão miniatura, que ficava sobre uma mesa devido ao risco de pegar fogo se a casa fosse atingida por um bombardeio.

PHOTO AUSTRIAN ARCHIVES



Crianças saúdam professora: doutrinação desde a infância

Por mais que Goering se gabasse de que sua Luftwaffe seria capaz de impedir que aeronaves inimigas bombardeassem cidades alemãs, os ataques aéreos dos Aliados ficaram mais frequentes no final de 1942 e início de 1943. Os americanos bombardeavam à luz do dia e os britânicos, durante a noite. Assim, os civis tinham que estar preparados para interromperem qualquer atividade e, ao som do alarme, recolherem-se aos abrigos. A família Heider abrigava-se em seu próprio porão. Cada membro da família tinha uma mala com itens essenciais para o caso de ficarem confinados no porão por muitos dias e, uma vez no abrigo, ligavam o rádio para ouvir ao *Luftlagemeldung* ("Notícias da situação aérea"), que divulgava a localização dos bombardeiros inimigos.

Residentes nas imediações da fábrica de aeronaves Dornier, os Heider e seus vizinhos sabiam que era apenas uma questão de tempo até que a área se tornasse alvo de aviões dos Aliados.

Em uma noite límpida, a vizinhança acordou ao som das sirenes e as pessoas correram para os abrigos, onde aguardaram o lançamento das primeiras bombas. O barulho foi ensurdecedor; o chão tremeu e as janelas e portas colidiram contra os batentes como se fossem chacoalhadas por um vento feroz. Elas haviam ficado destrancadas para evitar que estourassem e acabassem causando mais danos e ferimentos. Aquele suplício pareceu levar horas, mas não durou mais do que alguns minutos. Quando finalmente soou o aviso de que o perigo havia passado, os sobreviventes emergiram e descobriram que muitas casas haviam sido derrubadas, soterrando vivos os ocupantes sob os escombros. Para evitar o mesmo destino trágico, algumas famílias decidiram construir abrigos entre as casas. Os Heider cavaram uma trincheira com seu vizinho e escoraram as laterais com vigas e o telhado com dormentes de trilhos ferroviários. O local foi abastecido com água, lanternas, kit de primeiros socorros, velas, comida enlatada e cobertores grossos, pois não havia aquecimento. A construção não resistiria a um impacto direto, mas era robusta o suficiente para conter estilhaços e pedaços de escombros arremessados.

Ainda assim, a vida precisava continuar. Naquele ano, Anneliese convenceu os pais a, como presente de Natal, deixarem-na fazer uma breve viagem com uma amiga para esquiar em Garmisch, onde haviam ocorrido as Olimpíadas de inverno de 1936. Lá, a garota assistiu, com horror, a noite em que Munique foi atacada por aviões dos Aliados. Sem telefone, ela só pôde ficar olhando, em silêncio e choque, e rezar para que seus pais estivessem a salvo, enquanto o céu se iluminava com aquela exibição de fogos de artifício assustadora.

Quando os Aliados intensificaram os ataques em janeiro de 1943, começaram a usar sinalizadores para guiar os bombardeiros a seus alvos. Esses sinais luminosos deixavam o céu totalmente claro, ainda que a cidade estivesse em blecaute total. Embora os alvos militares agora pudessem ser atingidos com maior precisão, ainda haveria danos colaterais consideráveis, o que incluía casas de civis, então os sobreviventes precisaram ser realojados. A casa dos Heider foi requisitada para abrigar refugiados – não obstante tenha se revelado,

depois, que os refugiados eram uma baronesa e a filha, desabrigadas de um lar suntuoso em Hamburgo. Elas não faziam ideia de como limpar os dois cômodos que lhes foram cedidos, ou de como cozinhar até as refeições mais simples, e tinham que recorrer à anfitriã. As aristocratas sem teto também não viram motivo para deixar de usar suas joias, tanto na casa quanto no abrigo antibomba.

À medida que Anneliese se aproximava da vida adulta, ela passou a ter mais dificuldade para aceitar as restrições e condições de vida durante a guerra. Percebeu que havia poucos rapazes com quem poderia sair, uma vez que todos, com exceção dos muito jovens, tinham sido recrutados, e que não existiam bailes, proibidos já havia algum tempo. Qualquer tipo de socialização deveria ocorrer quando o tempo estava ruim e a probabilidade de um ataque aéreo era menor. Se houvesse previsão de tempo bom e céu limpo, as pessoas já se postavam para esperar os alarmes. Se o céu estivesse carregado de nuvens e com chuva forte, saíam para o cinema, os restaurantes, os cafés ou as casas de amigos. A vida cotidiana ficou de cabeça para baixo.

As pessoas lidavam com o agravamento rápido da situação de maneiras diferentes e, apesar do risco permanente de haver um informante, muitas não passavam sem uma boa dose de humor. Anneliese lembra uma piada típica desses dias: “Você ficou sabendo que a Suíça nomeou um ministro da Marinha, mesmo sem ter nem um porto?” Resposta: “Bom, nós temos um ministro da Justiça...”

Havia também a piada do homem que foi mostrar seu novo carro a um amigo. Quando eles olharam embaixo do capô, não tinha motor. O proprietário, orgulhoso, explicou: “Não tem problema; na Alemanha, está tudo ladeira abaixo mesmo”.

Em março de 1944, aos 16 anos, Anneliese se formou e foi trabalhar no setor administrativo da ferrovia em que seu pai era funcionário. Lá, fez amizade com outras garotas e descobriu que a guerra impunha ainda mais dificuldades. Quando soava o sinal de ataque aéreo, cada moça tinha que carregar sua própria máquina de escrever até o abrigo subterrâneo, pois esse se tornara um item difícil de substituir. Em um desses ataques, algumas das garotas, cansadas de carregar suas máquinas para cima e para baixo pelas escadas, decidiram tomar o elevador. Seus corpos nunca foram encontrados.

Naquele ano, houve 70 ataques aéreos em Munique, cada um deles

realizado por centenas de bombardeiros. Poucos prédios escaparam dos danos, e quase todos os habitantes perderam casa, entes queridos e amigos. Mas a vida continuava. Anneliese forneceu um relato vívido de como era estar no trabalho em meio a um ataque aéreo em sua biografia *Christmas trees lit the sky*.

Em sua descrição, ela relata que as pessoas ainda estavam a caminho do subsolo quando uma bomba atingiu o prédio. Conforme o barulho da explosão se dissipou, o ambiente encheu-se com os choros e lamentos das feridas, algumas moribundas. O pó do concreto tornara o ar sufocante e o entulho bloqueara a entrada do abrigo. Parecia não haver saída. As jovens secretárias agarraram-se umas às outras, em pânico, mas não conseguiam parar de tremer. Era possível ouvir alguém rezar em meio aos gemidos. Mais bombas atingiram o edifício e as moças olharam para o teto, rezando para que ele não caísse sobre elas. Foi possível ouvir pessoas chamando por médicos e por homens que ajudassem a apagar os incêndios que se alastravam pelos pisos superiores, enquanto os silvos e estrondos prosseguiram. As jovens umedeciam seus lenços em baldes d'água e os pressionavam sobre boca e nariz para poderem respirar. Finalmente, o sinal de que o perigo havia passado soou e elas cambalearam para fora, passando por uma porta que dava acesso a outro abrigo, seguindo cegamente a pessoa à frente, até que chegaram a uma saída de emergência.



Antes da destruição, Munique recebia o Führer em clima de euforia

Lá fora, centenas de indivíduos arrastavam-se pelos escombros, à procura dos colegas ou simplesmente vagando sem rumo, como num transe.

Os prédios pegavam fogo e muitas vias estavam intransitáveis conforme Anneliese iniciava sua longa caminhada para casa. A garota tinha certeza de que precisava sair de perto daquele cenário medonho. Passava por crateras de bombas e andava cautelosamente entre fios elétricos caídos. E tentava conter o temor de que seu pai tivesse sido morto e que nunca mais o veria.

Finalmente, depois de um lapso de tempo que lhe pareceu durar horas, o motorista de um caminhão ofereceu-lhe uma carona, avisando que iria dirigir até Pasing, próximo de onde ela morava. Lá, ela foi deixada para fazer os últimos quilômetros a pé. Passou por carcaças queimadas de bondes com passageiros dentro. Mesmo exausta, quando virou a esquina de sua rua e viu sua casa ainda de pé, correu em direção a ela, com o

coração batendo forte. A mãe abriu a porta. O pai também estava em casa. Todos a salvo. Como um milagre, a família Heider conseguiu sobreviver até depois da guerra naquela mesma casa, incólume à destruição que assolou todo o seu entorno.

WIKIPEDIA COMMONS



Comemoração alemã na Copa do Mundo de futebol de 2006, disputada em casa: volta do orgulho nacional



Depois da guerra, a Alemanha foi convidada a participar de um evento cultural internacional, mas os responsáveis pela montagem da programação não conseguiam decidir que música ou trecho seria adequado para apresentarem. O hino nacional alemão, o *Deutschlandlied* (Canção da Alemanha), composto por um grande compositor, Joseph Haydn, em 1797, estava fora de cogitação. A canção de três estrofes, elevada a hino nacional em 1922, foi utilizada à exaustão pelos nazistas, em especial o primeiro verso: “*Deutschland, Deutschland, uber alles*” (Alemanha, Alemanha, acima de tudo!), cantado em impressionante coro enquanto Hitler entrava no Estádio Olímpico em 1936. A “Ode à alegria”, de Beethoven, surgiu como opção, mas foi considerada inapropriada sob as circunstâncias da época. Ao final, decidiu-se que os cantores apresentariam uma antiga canção popular, “*O du lieber Augustin*” (“Ó, tu, querido Augustin”), que falava de um bêbado que ia parar em uma vala de defuntos vitimados pela peste negra e acabava saindo ileso, sem nenhuma perturbação oriunda daquela experiência traumática, graças aos efeitos entorpecentes do álcool. Pareceu ser uma opção bem conveniente.

“O homem que fundou o Terceiro Reich, que o governou de maneira brutal, frequentemente com uma perspicácia fora do comum, que o elevou a patamares vertiginosos e o rebaixou a um fim tão deplorável era uma pessoa de engenhosidade inquestionável, se não cruel. É verdade que ele encontrou no povo alemão, como se uma providência misteriosa e séculos de experiência o tivessem moldado para aquele momento, um instrumento natural, que ele foi capaz de modelar para que se conformasse à sua própria finalidade sinistra” (William L. Shirer, *Ascensão e queda do Terceiro Reich*).

Nas décadas seguintes à guerra, quaisquer alusões nacionalistas eram rechaçadas de pronto na Alemanha, que só voltou a considerar a *Canção da Alemanha* como hino, expurgada da primeira e maldita estrofe e

também da segunda, em 1952. Em 2006, durante a Copa da Alemanha, um país reunificado que tinha assumido o posto de maior potência econômica europeia ainda tinha o patriotismo como tabu. As bandeiras alemãs nos estádios causaram controvérsias. E o jornal berlinense *BZ* publicou a letra do hino para que todos os alemães o cantassem no estádio. Poucos o tinham aprendido na escola. Apesar de um certo constrangimento, como se o passado sombrio vigiasse os passos de cada alemão, o hino foi entoado e as bandeiras, agitadas. O país, finalmente, parecia ter recuperado o direito ao orgulho nacional.

GETTY IMAGES





9788577490110

A VIDA NO REICH

"Não tenho certeza do que pensava ou sentia a população em geral. As pessoas estavam em choque, passavam fome, suas cidades haviam sido destruídas, haviam perdido membros da família, seus homens haviam morrido em combate, desaparecido, sido mutilados ou aprisionados. Milhões de indivíduos haviam sido arrancados de suas casas e vagavam pelo campo em busca de abrigo e alimento." O relato é dos últimos meses da guerra. Mas o inferno em que se transformara a vida do povo alemão tinha começado na década anterior. Em 1933, Hitler chegara à chancelaria. Muitos acreditaram que aquele político de expressão limitada ficaria ali por um breve tempo, como outros governantes daquele período. Mas nada seria como antes. E as mudanças afetariam a vida de cada família alemã.

Neste volume da coleção **História Viva**, acompanhamos o relato vívido e detalhado dessas transformações com o olhar de quem testemunha o desenrolar de uma tragédia.

LEIA TAMBÉM:

